



revista **PILARES DA**  
**historia**

DUQUE DE CAXIAS E BAIXADA FLUMINENSE

ano 10 - edição especial - agosto de 2011



**NOS PASSOS BIOGRÁFICOS:  
UM OLHAR SOBRE OS  
PALHAÇOS DA FOLIA DE REIS FLOR DO ORIENTE.**

**POR ENTRE PÂNTANOS E MONTANHAS:  
UM OLHAR SOBRE A DEMOGRAFIA  
ESCRAVA NO RECÔNCAVO DA GUANABARA.**

**FAZENDA SÃO BENTO:  
APOGEU E DECLÍNIO NO VALE DO RIO IGUAÇU.**

**EA "CARTOLINHAS" SE FOI:  
ÓRFÃOS E HERDEIROS DO SAMBA EM DUQUE DE CAXIAS.**

**GETÚLIO CABRAL:  
TRAJETÓRIA E MORTE DE UM MILITANTE  
COMUNISTA NA BAIXADA FLUMINENSE,  
NA GUANABARA E EM SALVADOR. PRIMEIROS ESCRITOS.**

**A TRAJETÓRIA DA CAPOEIRA EM DUQUE DE CAXIAS.**



**AIH**  
ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO  
INSTITUTO HISTÓRICO

  
GOVERNO DO  
Rio de Janeiro  
SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA  
DE CULTURA

  
PONTO DE  
CULTURA  
de Participação Cidadã

**Cultura**

  
CULTURA  
VIVA

Ministério  
da Cultura

  
GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

**REVISTA PILARES DA HISTÓRIA**  
**ISSN 1983-0963**

Edição conjunta:

INSTITUTO HISTÓRICO VEREADOR THOMÉ  
SIQUEIRA BARRETO / CÂMARA MUNICIPAL  
DE DUQUE DE CAXIAS  
e ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO  
INSTITUTO HISTÓRICO

PRESIDENTE DA CMDC:  
Dalmar Lírío Mazinho de Almeida Filho

DIRETORA GERAL DA CMDC:  
Ingrid Junger de Assis

DIRETORA DO INSTITUTO HISTÓRICO:  
Tania Maria da Silva Amaro de Almeida

PRESIDENTE DA ASAMIH:  
Paulo Christiano Mainhard

CONSELHO EDITORIAL:  
Alexandre dos Santos Marques  
Antonio Augusto Braz  
Carlos Sá Bezerra  
José Claudio Souza Alves  
Nielson Rosa Bezerra  
Marlucia Santos de Souza  
Rogério Torres da Cunha  
Tania Maria da Silva Amaro de Almeida

EQUIPE DO INSTITUTO HISTÓRICO:  
Alda Regina Siqueira Assumpção /  
Angelo Marcio da Silva / Diego Lucio Villela Pereira /  
Leonardo da Silva Palhares /  
Luiz Felipe dos Santos Junior / Roselena Braz Veillard /  
Suely Alves Silva / Weveston Costa

LOGOMARCA:  
Guilherme Peres

CONCEPÇÃO DA CAPA:  
Newton Menezes

DESIGNER GRÁFICO:  
Agnaldo Werneck

FOTOS / CAPA:  
Roda de capoeira na Lira de Ouro - 2009.  
Foto: Alexandre Marques.  
Folia de Reis - 2005.  
Fotos: Tania Amaro.

CORRESPONDÊNCIA:  
Rua Paulo Lins, 41 - subsolo - Jardim 25 de Agosto  
Duque de Caxias - RJ  
CEP: 25071-140  
Telefone: 2784-6947  
e-mail: institutohistorico@cmdc.rj.gov.br

*Editorial*

**E**ste número da Revista Pilares da História é especial! Ele é o resultado de um desafio que lançamos, em forma de concurso, aos pesquisadores de nossa cidade e de nossa região para que apresentassem, como trabalhos monográficos, o tema Cultura em suas mais diversas manifestações.

O resultado foi uma bela coletânea de temas carregados de simbolismo, emoção e carga identitária. Da folia de reis à escola de samba; da herança da escravidão à capoeira. Passando pelo patrimônio material e pela paixão da militância política, diversas faces do rico caleidoscópio cultural foram abordadas e competentemente apresentadas.

Assim, a Associação dos Amigos do Instituto Histórico, agora um Ponto de Cultura, com o suporte decorrente de convênio firmado com a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro através do Projeto "Tecendo as ações no presente. Construindo a cidadania do futuro", segue em sua tarefa de oferecer, através das páginas de nossa Revista, a oportunidade de nossa gente falar de si, ler a si mesma e construir, pela interpretação mais segura de sua realidade, instrumentos de ação cidadã mais eficientes.



---

---

O Instituto Histórico “Vereador Thomé Siqueira Barreto” / Câmara Municipal de Duque de Caxais e a Associação dos Amigos do Instituto Histórico agradecem o apoio:

Dos Autores

CRPH

Centro de Referência Patrimonial e Histórico  
do Município de Duque de Caxias

CEPEMHed

Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação  
da Cidade de Duque de Caxias  
e Baixada Fluminense

IPAHB

Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense

PINBA / FEBF / UERJ

Programa Integrado de Pesquisas e Cooperação Técnica  
na Baixada Fluminense

FÓRUM CULTURAL DA BAIXADA FLUMINENSE

AMIGOS DO PATRIMÔNIO

De todos que participaram direta ou indiretamente da produção deste trabalho e daqueles que se empenham no difícil processo da permanente construção e reconstrução da nossa história.

O Conselho Editorial está aberto ao recebimento de artigos para possível publicação.

**AS IDÉIAS E OPINIÕES EMITIDAS NOS ARTIGOS E A REVISÃO**

---

---



A Associação dos Amigos do Instituto Histórico foi criada com o objetivo de promover a participação da sociedade civil, ao acompanhar e apoiar as atividades do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias. E, ao longo dos 10 anos de suas atividades, vem cumprindo seu papel de forma significativa.

Agora, como Ponto de Cultura, a Associação dos Amigos continua desenvolvendo ações que têm como foco principal a memória e a identidade local numa perspectiva transversal e globalizada. Com o Projeto “Tecendo as ações no presente. Construindo a cidadania do futuro”, há o desenvolvimento de atividades que dão acesso à comunidade a diversas linguagens culturais, divulgando as várias manifestações culturais existentes no nosso município e valorizando os artistas e mestres locais.

O concurso de monografias, que teve como culminância esta edição especial da Revista Pilares da História, propiciou a participação de novos atores na divulgação de nossa rica memória histórica e cultural, criando novos significados ao compromisso de fomentar e promover o que há de melhor na pluralidade de ideias, crenças e etnias, revelando a diversidade cultural do nosso município e região da Baixada Fluminense.

Dalmar Lírio Mazinho de Almeida Filho





O principal bem de uma sociedade é a sua cultura que, ao contrário do que pensam alguns, é todo o conjunto do fazer, pensar e sentir. Por isso, além de ter um caráter erudito, tem também importante expressão social, através do que-fazer, do que-pensar e do que-sentir, enfim todos os grupos e matizes sociais.

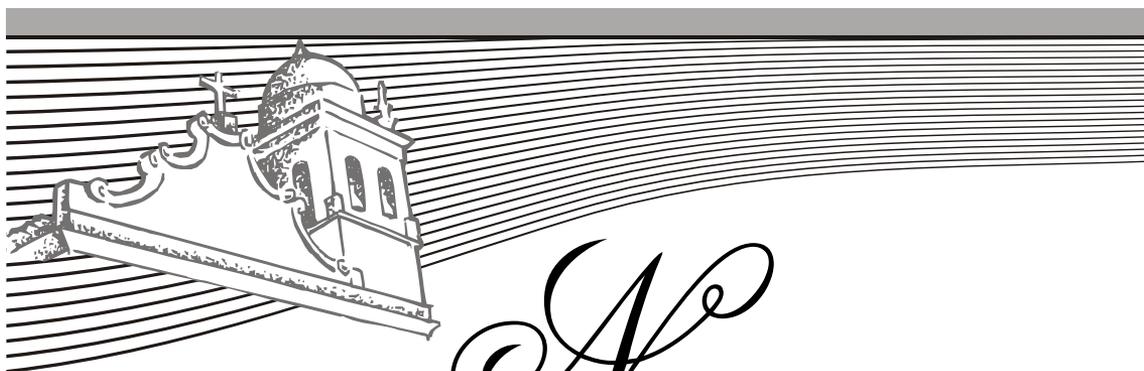
A Associação dos Amigos do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, criada como organização de apoio ao desenvolvimento do pensamento e da cultura caxiense, é uma ação que visa a participar, acompanhar e apoiar as atividades do Instituto Histórico. Sente-se agora muito gratificada e orgulhosa com a produção e publicação desta Edição Especial da Revista Pilares da História que faz uma radiografia da cultura caxiense e revela, trazendo à cena, estudiosos, pesquisadores e analistas, os quais vêm brilhantemente se debruçando sobre esse importante patrimônio da sociedade e da nossa cidade.

Nós da ASAMIH nos sentimos gratificados e recompensados pelo esforço de todos os estudiosos e pelo minucioso trabalho realizado pelos organizadores e avaliadores.

Agradecidos a todos, conclamamos que prossigam neste trabalho infindo que enaltece a cidade e contribui para uma maior tomada de consciência dos seus valores.

Paulo Christiano Mainhard





# *Os* OS PASSOS BIOGRÁFICOS: UM OLHAR SOBRE OS PALHAÇOS DA FOLIA DE REIS FLOR DO ORIENTE

Renato Mendonça Barreto da Silva  
e-mail: recultura@hotmail.com

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 - A FLOR DO ORIENTE: HISTÓRIAS E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO .....	9
2 - OS PALHAÇOS EM CAXIAS E SUA TRANSITORIEDADE.....	11
3 - BIOGRAFIA EM QUESTÃO.....	13
3.1 - Parafuso: O saudosista e o mais antigo de Duque de Caxias .....	14
3.2 - Boquinha: O Mestre Palhaço e Mestre Reiseiro .....	17
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	20
5 - REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	21

## INTRODUÇÃO

A visita dos Reis magos ao Deus menino estimula as festas de cunho popular em diferentes partes da Europa Ibérica, local de grande disseminação cultural que influenciou os grupos de Reisado hoje existentes no Brasil. Até hoje “na Península Ibérica os reis continuam vivos e comemorados sendo a época de dar e receber presentes...”<sup>1</sup>.

Dentre todos os escritos sobre Folias de Reis, observa-se a característica de saírem cantando e louvando o nascimento do Deus-menino, entrando nas casas, onde geralmente são bem recebidos, pois a tradição diz que quem acolhe os reis visitantes é abençoado. “Constituem um grupo ritual do “catolicismo popular”, organizado em pagamento de promessa e que cumpre seu voto através de peregrinações [...] no período natalino.”<sup>2</sup> As Folias têm diferenças regionais e vários personagens: Mestres, Contra-Mestre, Guia, Alferes/Bandeira (o), Músicos e os Palhaços – considerados os espírios do Rei Herodes<sup>3</sup>.

É do Evangelho de Mateus<sup>4</sup>, especificamente o segundo capítulo onde se principia as experiências dos Foliões, no entanto, acredito que a sustentabilidade ocorre pelo processo do imaginário popular que pode ser árduo e já explicitado por diferentes autores como *releitura*, *recriação*, *interpretação simbólica*.

Sem ficar aprisionado a termos que exprimem significados semelhantes me atendo à seguinte passagem:

A imaginação popular cedo foi aos evangelhos, tentando complementá-los, no que faltava. As lendas originaram-se nos mais antigos séculos da cristandade. Elas nasceram do amor, de um tocante desejo de conhecer mais Jesus e aqueles próximos [...]. O povo achava os evangelhos muito sucintos [...]. Nenhuma das cenas da infância de Cristo forneceu mais rico material para o povo que a Adoração dos Magos. Suas misteriosas figuras, mostradas veladamente nos evangelhos, despertavam ávida curiosidade nas pessoas.<sup>5</sup>

A quantificação dos Magos, suas características físicas e a denominação de Reis foram conceitos criados ao longo da história. SILVA (2006) promove um olhar atento sobre os primórdios anos do cristianismo, o surgimento de histórias e lendas sobre os Magos, a suspeita de seus aspectos “demoníaco” - séc III – e da elevação a Reis – séc VI<sup>6</sup>. Esse processo ambíguo na construção histórica

<sup>1</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro** – Comp. Melhoramento de São Paulo, 1979 - Quinta edição – pág. 669.

<sup>2</sup> FRADE. **O Saber do Viver, redes sociais e transmissão do conhecimento**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997., p.64

<sup>3</sup> *Id.*, *ib.*, p. 73. A autora aponta a estrutura organizacional das Folias de Reis Fluminense, destacando a posição de controle interno.

<sup>4</sup> 1 Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. 2 E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. 3 Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém; 4 Então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer. 5 Em Belém da Judéia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: 6 E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor dentre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel. 7 Com isso, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera. 8 E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-nos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo. 9 Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino. 10 E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. 11 Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra. 12 Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra.

<sup>5</sup>MÁLE, Émile *apud*, SILVA, A. **Reis Magos: história arte e tradições – fontes e referências**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2006.

<sup>6</sup> O autor aponta que no século III existiam conflitos interreligiosos, que creditariam aspectos malignos aos Magos. Quanto ao atributo de Reis, credita-se ao Bispo de Arles, França (São Cesário)

só promove alicerces nas práticas contemporâneas do Folião, tendo em vista que ele sim é o grande agente de novos processos históricos.

Além da contribuição do historiador da arte Emile Mâle, no final do século XIX e início do XX, que apresentou como o despertar da curiosidade impulsiona o imaginário popular. Destaco que o imaginário erudito também se inspira do evangelho e cria obras pictóricas do Renascimento ao Barroco, onde artistas interpretam a adoração dos Magos ao Deus nascido, essas obras são conduzidas ao universo do Folião de Reis, quando inseridas nos objetos da manifestação como exemplo a Bandeira.

Através das experiências coletivas cotidianas que ocorre a ação legitimadora no interior das Folias de Reis. Vários dos estudos supracitados apontam as mudanças oriundas do empirismo Folião, cabendo destacar a inserção de crianças e mulheres na manifestação antes não permitida; o encontro das Bandeiras, antes visto como momento de entretenimento, oral – e até físico - onde hoje se configura como um momento solene de extremo respeito entre as Folias.

Seja no campo ou nas camadas periféricas da cidade, a jornada ou giro<sup>7</sup> das Folias ocorre dentro do ciclo festivo da natal, entre os dias 24 de dezembro a 6 de janeiro, estendendo-se ao dia 20 de janeiro no estado de Rio de Janeiro, esse prolongamento ocorre em homenagem ao padroeiro da cidade São Sebastião. Acredita-se que as práticas das “Charola de São Sebastião (ES)”<sup>8</sup> ou Bandeira de São Sebastião (RJ)<sup>9</sup>, exerceram influências a atual devoção. Assim no contexto do Rio de Janeiro

## 1 - A FLOR DO ORIENTE: HISTÓRIAS E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO

Partindo dos registros escritos dos próprios Foliões, o Reisado Flor do Oriente tem seu início no ano de 1872, onde no seu comando estava o Senhor Manoel Vicente de Moraes, oriundo da fazenda Recreio localizada no Noroeste Fluminense no estado do Rio de Janeiro na cidade de Miracema. Em 1907, Marco Vicente de Moraes assume a Bandeira de Senhor Manoel seu irmão e conduz a Folia até 1936 quando falece, assumindo então o contra-mestre Miguel Vicente de Moraes, que era carpinteiro e natural de Miracema.

Na década de 40 a família se transfere para Duque de Caxias que foi elevado a município na mesma época, deslocando-se por diferentes bairros até fixar a atual sede no bairro Vila Rosário. Antes de seu falecimento o Sr. Miguel V. Moraes - final da década de 60 - promove a responsabilidade de organização da Folia a seu filho Waldir Vicente de Moraes (Seu Dadá) onde compartilhou o comando do grupo, na qualidade de Contra-Mestre, com seu cunhado Antônio José dos Santos que permaneceu como Mestre por aproximadamente dois anos até entregar a Bandeira (1971), ao Mestre Palhaço Sebastião Vicente de Moraes, (Seu Tião) retomando assim os aspectos geracionais da Folia. Seu Waldir prosseguiu agora ao lado do seu irmão Sebastião ainda como Contra-Mestre e responsável administrativamente pelo grupo, cuidando das necessidades financeiras e trâmites burocráticos, que hoje em dia por conta da idade essas práticas são compartilhadas com sua filha Leonor Santana de Moraes (Nora).

Foi entre as décadas de 50 e 60 que ocorreu a inserção da primeira mulher na Folia de reis Flor do Oriente, foi Eulália Vicente de Moraes, irmã de Seu Dadá e Mestre Tião, que participou do grupo como bandeira e responsável pela organização das festas e da alimentação do grupo e convidados. Foliões antigos contam que mulheres e crianças não podiam acompanhar a Folia de Reis por conta da violência

<sup>7</sup> BRANDÃO (1977) descreve a jornada da Folia de Mossâmedes e divide o ritual entre o “giro” e o “pouso”. Ou seja, a “Folia gira entre um pouso e outro” (p.8).

<sup>8</sup> Ver AMORIM (2007, p.66 em nota), RIOS (2009, p.22) e BITTER (2008, p.62)

<sup>9</sup> Ver PASSARELLI, Ulisses. Santo Mártir está na Terra. In. *Tradição*, São João del-Rei, Subcomissão Vertentes de Folclore, n. 4, jan. /2000.

presente nos encontros entre Folias que tinham por finalidade ceder seus instrumentos para a Folia vencedora do confronto.<sup>10</sup>

Mestre Tião estabeleceu liderança ímpar durante 37 anos do Reisado Flor do Oriente, proporcionou ações de transformações no âmbito político, sempre presente nas reuniões da Comissão Fluminense de Folclore como representante da figura dos mestres populares, o primeiro a mobilizar o surgimento de Folias mirins dentro da comunidade, ação praticada futuramente por seu filho Rogério, pelo instrumentista Jorge onde seu filho Rogério iniciou suas práticas e por onde o jovem Felipe também teve seus primeiros ensinamentos.

O súbito falecimento aos 64 anos abalou toda uma geração de amigos, Foliões e Palhaços que desfrutaram dos ensinamentos de Mestre Tião, ter ocorrido durante o giro em Duque de Caxias no dia 20 Janeiro, dia de São Sebastião foi algo que emocionou e emociona até os dias atuais, como relata Dona Marília: “Dia 20 nós sempre estaremos na rua caminhando e lembrando dele, né meu filho?”

Com 64 anos de idade e mais de 50 anos de Folia de Reis Mestre Tião deixa vaga seu posto de Mestre Reiseiro, Seu Dadá enquanto dono da Folia nomeia seu sobrinho, filho de Mestre Tião com novo sucessor e em 2008 (um ano após a morte de seu pai) Rogério comanda seu primeiro giro.

“Realmente não foi fácil, uma por causa da forte emoção e a outra por causa da responsabilidade sobre minha pessoa, até meus Folião desconfiavam de mim, os outros de fora não iam desconfiar? Mais eu tava seguro com os ensinamentos do meu pai<sup>11</sup>”.

A sucessão natural não foi surpresa, Rogério sempre estudou, conhece os ritmos percussivos de todos os instrumentos da Folia, como sanfoneiro dos últimos giros acompanhava de perto a forma de rezar de seu falecido pai:

“... eu já sabia da minha responsabilidade no futuro, há 15 anos eu já sabia que hoje estaria nesse lugar. Se eu me preparei pra isso? Não. É porque eu tinha outra coisa comigo: eu achava que se eu tivesse me preparando pra isso eu estaria agourando meu pai, entendeu?<sup>12</sup>”

A Flor do Oriente sempre teve uma característica inovadora diante outras Folias, tanto a Bandeira quanto a boina apresentam um aparelho eletrônico que brilha no escuro, os Foliões falam que é “pra dá mais presença”. Rogério perpetua os ensinamentos do pai, mais apresenta aspectos significativos de mudança no que tange a transmissão do saber, o atual mestre aponta que a divisão do conhecimento é muito importante e que sempre nos ensaios, ou antes, dos giros promove a leitura e interpretação da bíblia, acreditando desta forma que para gostar os Foliões tem que conhecer o que praticam.

Todo ano a Folia troca sua vestimenta sempre mantenedora das tradicionais cores azul e branca, onde Nora assumindo o papel de costureira aponta: “Todo ano tem roupa nova os Foliões ficam loucos querendo saber qual vai ser a roupa”, as roupas dos anos anteriores são doadas a outras Folias com dificuldades financeiras, a única exceção refere-se à farda do ano do falecimento do Mestre Tião, que segundo Rogério é guardada com carinho.

No entanto Rogério percebe a quantidade de gasto atrelado à troca anual de uniforme e desabafa: “Eu sei que já é tradição, mais eu to pensando no próximo ano manter a farda para investir o

<sup>10</sup> Estudos apontam que grandes fazendeiros contratavam folias de reis para rezar em nome de sua fazenda. As folias disputavam através dos conhecimentos bíblicos, mas em muitas situações ocorriam confrontos físicos.

<sup>11</sup> Entrevista coletada no dia 5 de Janeiro de 2010.

<sup>12</sup> Entrevista coletada dos arquivos da divisão de folclore do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC); não publicado.

dinheiro em transporte por acabar sendo o nosso maior problema”<sup>13</sup>. E de fato as grandes distâncias percorridas pela Folia acabam impedindo a realização de certas visitas como será descrito nos itens abaixo, referente aos giros de Natal de 2009.

Outra grande marca da inovação na Folia de Caxias é a instrumentalização percussiva, onde parte do grupo também compõe o corpo de ritmista da bateria da Escola de Samba Acadêmicos da Grande Rio também localizada em Caxias atribuindo assim aspectos de paradas musicais muito específicas, onde Marílinha (17 anos) filha de Rogério afirma: “Onde a Flor passa todo mundo sabe que é ela”. Marília a responsável pelo andamento da bateria, de forma vangloriosa conta diferentes momentos da bateria da Folia a partir do seu comando.

Rogério afirma que tradição da família era a de “músicos violeiros”, mas que ao chegar a “grande cidade” a percussão teve que ficar mais forte, e as composições musicais são renovadas justamente para empolgar os mais jovens, e não deixar cair na “monotonia”.

CASTRO e COUTO (1961) ao registrarem as jornadas de 1952/53 e 1953/54, no estado do Rio de Janeiro, descrevem que o papel de Mestre naquela época era de Miguel Vicente de Moraes. As autoras apontam o aspecto familiar da Folia que tinha como Contra-mestre um dos sobrinhos de Miguel Vicente, comparando com minhas análises atuais esse aspecto centralizado na família ainda permanece.

Outra curiosidade da década de 50 alavancada pelas pesquisadoras é a aplicação de um pedaço de fumo preto na Bandeira<sup>14</sup>, a fim de registrar o pesar pela morte de integrantes de outras Folias. Dona Marília e Seu Dadá não recordam desta prática.

Os cânticos efetuados nas casas no momento da visita também são estruturados da mesma forma em dias atuais. Segundo CASTRO e COUTO, a Flor do Oriente dividia seu repertório da seguinte forma:

- a) Anúnciação do nascimento de Jesus- Cristo; viagem dos Reis Magos; adoração dos Reis Magos; fuga da Virgem Maria; revelação de Jesus- Cristo; sacrifício do Calvário
- b) Mistério; chegada dos Reis a Belém<sup>15</sup>

Mestre Rogério faz uma ressalva sobre o item “Sacrifício do Calvário”, segundo ele cantado em momentos extremos, pois sua Folia tem a função de levar paz e tranquilidade para casa dos Devotos, onde dificilmente se faz referência a morte de Jesus Cristo.

Nos registros de campo da atual pesquisa observo um momento onde o Mestre (Rogério) delega momentaneamente ao Contra-mestre (Seu Dadá) o apito para que este reze em seu lugar, esta situação também foi registrada pelas autoras que apontam como função do detentor do apito o “comando da orquestra”, essa prerrogativa foi mencionada como prática do Mestre Miguel Vicente.

As legitimações das práticas antigas diante das atuais, associadas com as modificações naturais, mostram que o século e meio de práticas devocionais desses Foliões de Caxias são norteados pela fé e respeito familiar, transmissão de saber que valoriza o velho e se reforça no novo.

## 2 - OS PALHAÇOS EM CAXIAS E SUA TRANSITORIEDADE

O Palhaço identificado como “Patrício”, “Marungo”<sup>16</sup>, “Bastião”, “Boneco”<sup>17</sup> e “Soldado de Herodes”, possui neste último a conceituação mais emblemática. A figura de Herodes na Europa - em

<sup>13</sup> Cabe ressaltar que Rogério não conseguiu abrir mão de confeccionar novas vestimentas e manter a tradição.

<sup>14</sup> CASTRO E COUTO, Folia de Reis: Rio de Janeiro: Itambé (p. 23), 1961

<sup>15</sup> *Idem*. p. 43

tempos da idade moderna - é descrita por BURKE (1989) como referência que desconstrói a imagem de herói atribuída aos governantes da época. Seu protótipo bíblico - originário do Novo Testamento - oferecia a artesãos e camponeses, elementos de criticidade que variava a conceituação sobre Herodes a partir do seu aspecto de blasfêmia, que o ridicularizava, e seu lugar de tirano.

Ele era tradicionalmente conhecido representado na Inglaterra como um fanfarrão megalomaniaco, que se declarava Deus: 'Pois sou aquele que até fez o céu e o inferno/E pelo meu grande poder sustenta-se esse mundo'.

Os pregadores da Liga Católica apresentavam Henrique III como um 'novo Herodes', depois de ter mandado assassinar o duque de Guise. Na Rússia, a tradicional peça de Herodes foi transformada, provavelmente no final do século XVII, na do 'czar Maximiliano'.<sup>18</sup>

No imaginário popular do período moderno (1500-1800), os Soldados comuns possuíam glórias comparáveis a generais e almirantes, pelo menos entre rapazes e mulheres, devido à possibilidade de vislumbrar um mundo distinto e não exercer o trabalho do campo, e afastar-se da dependência dos pais. Os Hussardos – Soldados do século XVIII – também classificados como dragões e sentinelas, faziam parte das estampas populares “eram pintados e transformados em imagem de cerâmica e castiçais”<sup>19</sup>.

Não há nos estudos de Peter Burke, uma possível associação e criação do termo Soldado de Herodes no contexto europeu, notadamente essa denominação surge no imaginário do povo brasileiro, o interessante é que características da Europa moderna sustentam processos de significações da figura do Palhaço. Boquinha a fim de amenizar a carga pesada atrelada ao Palhaço comenta que “os Soldados não são maus, eles só obedeciam às ordens de Herodes, esse sim era perverso, o cão”<sup>20</sup>. Dona Marília reafirma os dizeres dos Foliões: “No giro ele é o guardião de nós todos, porque é o soldado”<sup>21</sup>.

A comicidade é uma das marcas encontradas nos personagens da Folia. Diante de inúmeras interpretações, realço a que “os Palhaços seriam pessoas que faziam micagens para retardar, com o seu humorismo, as tropas de Herodes, enviadas para matar o Menino”.<sup>22</sup> Sendo assim o advento do humor, mais que o aspecto guardião, é que possibilita existência do Palhaço na Folia de Reis.

O termo Patrício originário do latim *patricius* apresenta na etimologia o relativo aos membros de uma classe de nobres, aristocratas da antiga Roma; podendo ser entendida como derivação do termo Compatricio que designa a “idéia de compatriota, oriundo da mesma terra”<sup>23</sup>. Termo popularmente utilizado em Portugal apresenta na segunda definição, maior proximidade com o significado atribuído no contexto da Folia de Reis, visto que o processo de identificação coletiva, também ocorre pela percepção do outro que ocupa a mesma função e os mesmos espaços.

O estudo de Guilherme Porto – década de 80 - sugere mais uma leitura que causa indecisão na concepção do Palhaço, o autor afirma que em algumas ocasiões os “Marungos” “são interpretados como o Reis Magos (quando estão sem máscaras)”<sup>24</sup>, sendo assim, quando estão diante de um presépio, as máscaras são retiradas e penduradas no alto da cabeça, “eles parecem estar coroados e por isso, são, então símbolos dos Reis Magos...”<sup>25</sup>

<sup>16</sup> CASCUDO, op., cit., p. 540

<sup>17</sup> BRANDÃO, (1977) e (1984)

<sup>18</sup> BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Schwarcz, 1989., p. 178-179.

<sup>19</sup> *Id.*, *ib.*, p.182

<sup>20</sup> Relato feito no mês de Novembro de 2009. Em aula ministrada para turma de Educação Física da UFRJ sobre Folia de Reis.

<sup>21</sup> Entrevista concedida no 01/11/2009.

<sup>22</sup> PORTO, Guilherme. **As Foliás de Reis no Sul de Minas**. Rio de Janeiro: MEC-SEC, FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982., p.21

<sup>23</sup> FERREIRA, op., cit., p.470

<sup>24</sup> *Idem*

<sup>25</sup> *Idem*

Citado por diferentes estudiosos, onde destaco a crítica proposta por LIGIÉRO (2003)<sup>26</sup>, e a identificação do Palhaço como ser “ambivalente” sugerida por BITTER (2010), onde também alicerçado pelos estudos de Susan Reily (2002), ressalta que

“a ambivalência do *Palhaço* torna inadequada sua classificação em termos de oposição entre “sagrado” e “profano”, indicando ser mais rentável uma oposição entre “sagrado puro e “sagrado impuro”.<sup>27</sup>

O ambíguo está presente na relação da Bandeira com o Palhaço, conexão digna de muito destaque no trabalho de Daniel Bitter, onde as regras relacionais entre objeto e indivíduo são amplas, em alguns momentos permitindo aproximação do Palhaço e em outro obrigando ao afastamento.

Diante das polissemias alavancadas sobre o Palhaço é que me reporto aos registros ocorridos na minha experiência de campo, onde na festa de Arremate o Palhaço e Bandeira configuram uma possível tríade por mim denominada *proteção-absolvição-salvação*.

Visualizo essa tríade como formadora de mais um *sistema de troca*<sup>28</sup> que ocorre dentro do complexo da Folia de Reis. A idéia de *proteção* é mútua entre sujeito e objeto, o papel do Palhaço em guardar é reciprocamente efetuado pela Bandeira, que o protege durante o giro e posteriormente quando o artista entrega a farda; entendo *absolvição* como o momento do perdão que objeto – e toda sua significação cósmica – concede ao sujeito. Devido a sua representação do mal, o indivíduo se submete a Bandeira, rebaixando-se a ela sendo livrado dos erros e faltas cometidas; a *salvação* deve ser entendida como a recompensa, passagem de uma situação difícil para outra confortável, a aquisição de um *estado sublime*, onde o Palhaço triunfa ao cumprir sua missão.

### 3 - BIOGRAFIA EM QUESTÃO

Apresento como destaque as histórias de vida e o relato dos próprios artistas. Escolhidos tendo como princípio a proximidade construída no processo da pesquisa, além das diferentes épocas de atuação, destes artistas, no Reisado Flor do Oriente.

Sobre biografia, acredito como VELHO (2001) que promove um mergulho na problemática dos aspectos subjetivos e nas relações com o meio-social. Acrescentando que

Cada vez mais na sociedade moderno-contemporânea, a construção do indivíduo e de sua subjetividade se dá através de pertencimento e participação em múltiplos mundos sociais e níveis realidade. Assim a *viagem* pode ser internamente a uma sociedade específica diferenciada, não significando necessariamente um deslocamento geográfico, físico-espacial, mas, sobretudo um trânsito entre subculturas, mundos sociais, tipos de *ethos* ou, mesmo entre papéis sociais do mesmo indivíduo<sup>29</sup>.

Por maior interesse que eu apresentasse sobre elementos relacionados com os Palhaços da Folia de Reis, diferentes eram os papéis apresentados pelos entrevistados. Desta forma pude conhecer os pedreiros, o segurança, os pais, os filhos, os candomblecistas, maridos, etc., ou seja, tornaram-se

<sup>26</sup> LIGIÉRO, op., cit., p. 88

<sup>27</sup> BITTER, op., cit., p.180

<sup>28</sup> Ver BITTER, op., cit capítulos 4 e 5.

<sup>29</sup> VELHO, G. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, G. e KUSCHNIR, K. (orgs) **Mediação, cultura e política**. – Rio de Janeiro – Aeroplan, 2001. p.20

evidentes no decorrer das investigações inúmeras identidades e histórias que resultavam no sujeito a ser biografado.

Os inúmeros “papéis sociais do mesmo indivíduo” me levaram a conclusão de que não há somente uma forma possível para descrever a vida do artista, e sim várias. Existe a limitação para apreender todo o sujeito em uma única descrição, entendo que o trajeto individual não é algo simplesmente dado, e sim construído. E as biografias apresentadas destacam o início de várias possibilidades interpretativas sobre as experiências vividas e relatadas.

A sucessividade como elemento primordial para expor uma biografia, assim como a centralização dos acontecimentos no indivíduo, são práticas herdadas das estruturas lineares dos romances e criticadas por BOURDIEU (1998), que credita a prática de transposição do relato literário, para o relato cotidiano como uma “ilusão retórica, uma representação comum de existência...”<sup>30</sup>. E compartilho com os dizeres do autor que considera absurdo

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio<sup>31</sup>.

Sou crédulo que os relatos apresentados sobre as histórias de vida ainda assumam um caráter parcial, a ordenação das exposições escritas não tentam descartar as múltiplas formas – inícios, meios e fins – relacionais dos *protagonistas* pesquisados. Minhas descobertas se alicerçam nos conjuntos de acontecimentos que aproximam as existências coletivas, tendo como parceiras as existências individuais.

### 3.1 - Parafuso: O saudosista e o mais antigo de Duque de Caxias

Paulo José do Carmo nascido no ano de 1964 na cidade de Duque de Caxias, no bairro de Jardim Primavera, onde reside até hoje com os filhos e netos. Relata que sua mãe quando criança pegava latinha e batia Folia de Reis. Mas que o único a se interessar pela rotina e prática contínua foi ele. Segundo ele houve a fase em que sua família detestava Folia, porque antigamente as Folias não avisavam que chegariam até a sua casa, a Bandeira parava na porta e se o devoto abrisse significava a aceitação da Bandeira.

Os cristãos daquela época entendiam os fundamentos da Folia, não precisava agendar e marcar a visita. Os poucos cristãos da época não deixavam o Palhaço entra na casa, mesmo sem a máscara.

Gostava muito de rodar diferentes Folias na companhia de seu tio, o Palhaço Pingo de Ouro (falecido em 2007). Em um giro que estava como acompanhante da Folia de Belford Roxo assumiu a responsabilidade de tocar instrumentos percussivos, até que com 13 anos de idade presenciou um fato que mudou sua relação com a Folia:

Eu fui bater em Vila Canã, lá em Santa Cruz da Serra. Lá tinha uma Folia, a rua tava cheia de lama e o quintal era grande, quando chegamos lá, tinham várias Folias e meu tio estava sozinho brincando de Palhaço, nesse local, eu vendo o meu tio percebi que ele estava desamparado (...) nesse dia o Jorge Capeta [Palhaço de outra Folia] estava lá, mais existia o respeito de um com outro. Jorge Capeta abraçou meu tio, tipo que no consolo, por estar sozinho. E eu dentro de mim falava, eu vou brincar de Palhaço, pra ajudar meu tio. Aí foi na Folia que já estava consegui uma vaga pra brincar de Palhaço, meu tio

<sup>30</sup> BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA M. e AMADO J. *Usos abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV. 1998. p. 185

<sup>31</sup> *Idem.*, p. 189

nunca foi a favor que eu brincasse, falava que Palhaço não prestava que isso não era bom, que não iria deixar brincar, o que é que eu fiz?

Então no final da década de 70 Paulo José inicia sua brincadeira como Palhaço por carinho dedicado a seu tio, que não queria que ele brincasse, mas como já estava apaixonado por sua função migra para outra Folia na companhia do “Patrício Malagueta”, sem que eu tio soubesse o real motivo.

Malagueta me arrastou para Parada Angélica- Duque de Caxias – RJ -, na Folia do Falecido Baixinho. A roupa que coloquei pela primeira vez foi farda dada por Jorge Capeta que ele brincou por 20 e poucos anos, que era preta e vermelha, por isso eu sempre brinquei de preta e vermelha. Fui no ensaio, falei uns versinhos, Baixinho falou que eu era bom! E aí fiquei brincando lá, mas só brinquei um ano. Quando meu tio soube que eu estava brincando, a notícia correu. Parafuso, Parafuso, quem é esse tal de Parafuso?

Em sua primeira brincadeira seu nome de farda foi criado, devido às características de sua movimentação, com saltos seguidos por giros, deram-lhe o nome de Parafuso. Além de sua dança, Parafuso se destacava pela necessidade de “atacar” nos versos, segundo ele apesar de ser seu primeiro ano ele queria encontrar e “martelar” os outros Palhaços. Tudo isso porque cresceu observando os Palhaços antigos com essa postura de busca pelo confronto, desta forma não sabia brincar de outro jeito.

Esses confrontos eram tentativas de ridicularizar o outro a partir de versos rimados, com características ofensivas, porém com aspectos de comicidade. Pelos relatos de Parafuso percebo que o público era o principal júri dos enfrentamentos e também incentivadores dos encontros. Das histórias que ontem lhe contavam e hoje ele reproduz, o Palhaço destaca o confronto entre dois antigos “Patrícios”, Dengo que brincava na Folia de Seu Tito e Acácio<sup>32</sup> que pulava na Flor do Oriente na época comandada por Miguel.

Naquele tempo todo Palhaço era bom, o que na verdade acontecia era o descuido. O Acácio era bom mas tinha medo do Dengo porque ele era perigoso, aí eles se encontraram lá em Copacabana (...) Dengo rifou Acácio, pois Acácio deu mole com negócio de mulher, Acácio se engasgou, aí ele puxou uma garrucha pro Dengo, mas Dengo era bem mandingueiro. Aí o Dengo sacaneando falou: “O que adianta uma garrucha velha na mão de que não sabe atirar, e você uma mula velha pra eu encima poder andar”. A rua estava lotada, aplaudiram Dengo e Acácio ficou acabado.

Sempre com muito saudosismo Parafuso se recorda dos tempos de juventude, dando crédito aos principais *protagonistas* que o influenciou, orgulha-se de ter visto brincar ou “pulado” junto a “Taide”, Roberto – “cabeça de jabá” -, Miséria, Paulinho, César, Nildo (Surucucu), Nelson capim, Dengo<sup>33</sup>, Tião<sup>34</sup> (Corisco), Pouca roupa, com um destaque para Jorge Capeta por ter lhe dado sua primeira farda nas cores vermelha e preta, Parafuso afirma que essa combinação cromática é a que ele prefere justamente por ter sido a primeira. Destaca seu tio Pingo de Ouro pelo prazer com o qual brincava.

Detentor de práticas subversivas, onde segundo próprio comia e rolava em cacos de vidros quebrados, o Palhaço se denomina conhecedor de diferentes “mandingas”, formas de ludibriar outros

<sup>32</sup> “O Palhaço que não brinquei, mas queria ter brincado que só conhecia por nome, Palhaço de grande fama era o Acácio, era o melhor Palhaço do Rio de Janeiro ele tinha carta da Federação da Dona Cásia na época quando a licença era apanhada em laranjeiras, o melhor Palhaço do Rio de Janeiro, assim Dengo me contava que ele brincava com uma pomba-gira no capacete.”

<sup>33</sup> Por Dengo, Parafuso afirma ter grande admiração pela eloquência da sua fala. Segundo ele “Palhaço bom é aquele que fala pra fora como o Dengo”.

<sup>34</sup> Refere-se ao Mestre Tião da Folia Flor do Oriente que antes era mestre Palhaço da mesma Folia com já descrito

Palhaços. Desta forma declara que sempre teve pouca inclinação para fazer versos com intuito de agradar os espectadores, sua nova forma de pular e fazer versos só aconteceu após sua entrada na Folia Flor do Oriente – meados da década de 80 - quando estava sobre o comando de Seu Tião. Parafuso afirma:

Seu Tião me educou, pois quando eu entrei lá eu era ignorante, porque eu não era Palhaço pra público eu não era Palhaço pra brincar em casa, eu era Palhaço pra brincar em ambiente pesado (terreiro de macumba), ou preparado pra encontro e pra maldade.

E ainda conta um história marcante de sua chegada a Flor do Oriente:

Seu Tião tinha um compadre chamado “Zé da mantina”, morava no morro do sapo, e através de mim eles criaram uma inimizada, esse “Zé da mantina” era Palhaço e quando recebia a Folia em sua casa gostava de experimentar Palhaço, “amarrar”, sacanear, provar o conhecimento e o mistério do Palhaço. Só que nessa época foi a primeira vez que pulei com Tião, e ele deu com “os burros n`água”, porque eu cheguei muito ignorante e bruto, o que aconteceu: Quando chegou lá a Folia do Tião começou a cantar lá dentro, e estava brincando eu, Nildo e Taide, quem ia brincar naquela casa? Eu brincava como primeiro Palhaço porque era mais novo (...), Nildo e depois Taide que era o Mestre, mas mesmo Nildo e Taide sendo mais os velhos e tendo brincado com Mestre Tião, eu achava que devia brincar por último. (...) Antes de eu entrar, quem segurava a onda nessa casa era Nelson Capim que havia saído eu tinha entrado no lugar dele. (...) Quando mandei o primeiro verso antes de entrar na casa o Dono já tava se tremendo todo, como eu não brincava em casa meu modo de entrar era pra sair rasgando mesmo, então eu disse uma coisa que o cara não gostou, ele queria me agredir e quem impediu foi a esposa e os filhos dizendo que ele merecia, pois sempre ria dos Palhaços que passavam por lá, agora quem passa vergonha é ele. (...) Nunca mais o Folia do Tião bateu naquela casa. Eu falei pronto primeiro ano que saí na Folia do Tião ninguém vai me querer mais aqui, mais foi só sair da casa que todo mundo veio me abraçar e aplaudir.

Como já destacado, os Palhaços não apresentam uma relação muito fixa com as Folias, têm por costume transitar por distintos grupos, não foi diferente com Parafuso que após anos representando o Soldado de Herodes em outros bairros e municípios, retorna a Caxias e se fixa na Flor do Oriente. Para o artista seu jeito de se expressar com desenvoltura, combina com as características da Folia de Vila Rosário.

A Flor do Oriente é uma Folia que é do meu tipo, uma Folia de barulho, aonde chega arrebenta eu entendo que eu nasci para a Folia e ela nasceu pra mim. Eu gostava daquela bateria e eu chegava “arregaçando tudo”, só fui parando por conta da idade e por que percebia que Folias pequenas estavam precisando do meu apoio, pois iriam parar.

Por ser um dos mais antigos de Caxias em atividade, Parafuso apresenta no seu discurso e prática o gozo pela tradição, assume o papel de comparar as práticas dos Foliões e Palhaços das décadas de 70 e 80 com os dias de hoje, e com demasiada valorização ao passado reconstrói sua

identidade, mesmo sendo “educado por Mestre Tião”, ainda carrega desconfiança na ação de outros Palhaços. Como relata um ocorrido em 2004 quando visitou o morro da Formiga:

Pode ser meu amigo pode se o que for, quando a Folia sai e visita uma casa é obrigação do Palhaço ficar no portão pra ninguém entrar. Eu achei lá na Formiga estranho porque o Palhaço largou a Folia dele pra falar com agente, quando me deu mão eu dei logo o pé, ele tinha é que ficar tomando conta da Folia dele. Todo mundo ficou preocupado por conta dos bandidos do morro, mas eu não ligo, pois ‘isso aqui é Reis’, ele ainda deu sorte de eu não prender ele, eu não vim pra brigar só vim fazer o que manda a regra, se o Palhaço não toma conta da Folia dele alguma coisa tem.

No “tempo dos antigos” como afirma Parafuso, o ato do Palhaço de largar sua Bandeira para ir falar com outros “Patrícios” era considerado uma afronta, uma espécie de ataque. Neste caso, por se tratar de um artista novo não conhecedor de tal regra, Parafuso releva e entende a ação ingênua, e reitera:

Eu já cansei de ficar guardando o portão dormindo em pé! Apoiando a cabeça no porrete. Acordando inúmeras vezes com quedas no chão. Porque antigamente as Folias caminhavam sem fazer barulho pra prender a outra lá dentro da casa, mesmo não existindo o encontro, ainda havia “um arranca rabo”.

Foi na Flor do Oriente que Parafuso encontrou sua morada, brincado por aproximadamente 16 anos, onde através dos ensinamentos de Mestre Tião é que o artista começou entender a brincadeira do Palhaço como forma de entreter os espectadores. Hoje ele reconhece a necessidade de transitar pelas possibilidades de intervenções artísticas atribuídas ao Palhaço, mas sempre faz ressalvas sobre a postura dos “Patrícios” mais novos que não adentram aos fundamentos dos “Reis”. Dizendo que:

Nós não brincava por causa do dinheiro e sim pela animação. Hoje em dia ‘os Reis ficou’ em extinção, a molecada só quer saber de baile Funk. (...) Eu sei que eu ainda sou novo, mas eu tenho história porque eu era fanático por Folia de Reis, igual meu filho é hoje.

### 3.2 - Boquinha: O Mestre Palhaço e Mestre Reiseiro

Wellington Silva do Carmo possui 23 anos, e é conhecido no complexo das Folias de Reis como Boquinha, nascido em 8 de novembro de 1987 em Duque de Caxias. Colocou sua farda pela primeira vez aos seis anos de idade na Flor do Oriente, onde seu pai Parafuso brincava, seu nome de farda surgiu ainda quando era bebê e quem escolheu foi Nildo, Palhaço e colega do seu pai.

Em um festival de Folia na Praça de Caxias, quando eu ainda era criança de colo eu tava mamando mamadeira; depois peguei no peito e ainda peguei um pão que Nildo carregava pros Foliões, aí como era criança, ele falou que eu era o Boquinha, ao invés do bocão, porque comia muito. Mesmo acompanhado meu pai esse apelido ficava, quando botei a farda, continuei, isso porque sei que só existia eu com esse nome<sup>35</sup>.

Obteve escola parecida com a de Parafuso, tendo no Mestre Tião sua principal referência na apropriação dos significados e das afetividades vinculadas aos Santos Reis do Oriente. Boquinha destaca o fato de além de ter brincado com seu pai, ter conhecido Nildo, Taíde e outros Palhaços antigos. Após

<sup>35</sup> Entrevista colhida com Boquinha dia 5/11/2010.

alguns anos na Folia, onde seu pai não mais brincava, Boquinha - 13 anos - assumiu a condição de Mestre Palhaço da Flor do Oriente, cargo este ofertado pelo próprio Mestre Tião após falecimento de Leandro<sup>36</sup> o Mestre dos “Patrícios” na época.

Foi Mestre entre os anos de 2000 e 2004, a partir deste último ano a história de Boquinha toma proporções diferenciadas quando ele se oportuniza a brincar pelo período de um ano na Folia de Niterói do Mestre Fumaça.

Minha ida pra Niterói foi muito importante, pois aprendi com a vida, pois lá na roça o “pau come” é martelo direto, então eu aprendi a me defender, desta forma preocupado em fazer verso de defesa é que descobri meu dom de improvisar, coisas que não fazia antes em Caxias. Quando voltei, voltei improvisando.

Foi quando eu realmente fiz meu nome, pois antes eu tinha nome eu era o Boquinha filho do Parafuso, sobrinho do Pingo de Ouro, neto do Mosquito eu conquistei minha própria fama depois que eu voltei de Niterói. Que nem os moleques agora, quem é Perigo e Camburé? São os sobrinhos do Boquinha, do Parafuso, mas no futuro terão de criar o próprio nome<sup>37</sup>.

Retornando a Flor do Oriente, a capacidade de Wellington para o improviso fez com que ele se tornasse referências entre os Palhaços da sua geração, uma potencialidade tão bem explorada que o permitiu fazer parte do documentário produzido pelo departamento de História da UFF<sup>38</sup>, onde o filme mostra na abertura versos produzidos pelo artista<sup>39</sup>.

Devido a essa condição do improviso e do seu poder de criação, Boquinha afirma ter atingindo a categoria de “poeta”, pois ao criar versos os disponibiliza a vários companheiros. Essas práticas na vida de Boquinha são condições necessárias para que ele assuma um lugar de destaque no cenário em que pertence, onde consegue desvincular seu nome a de seu pai, momento em que traça seu próprio caminho.

Discorre com orgulho sobre um encontro recente, onde sobre comando do Rogério Boquinha brincava de Palhaço e Parafuso estava em outra Folia. Sob forte apelo do público Boquinha foi incentivado a enfrentar seu pai. Segundo Boquinha, Parafuso ao invés de guarda sua Bandeira estava “sassaricando pra lá e pra cá”. Boquinha estava acompanhado por Perigo, Marquinhos e Camundongo e Parafuso tinha a companhia de Robson e Camburé.

Com a roda formada, Boquinha diz que chamou diversas vezes seu pai para o confronto, e este só foi ao seu encontro depois de muitas solicitações. No centro da roda resolveram brincar em dupla, Parafuso tinha ao seu lado Camburé (7 anos) e junto a Boquinha brincava Perigo (8 anos).

Perigo “arrebentou” Camburé que desistiu de brincar. Eu e meu pai ficamos alguns minutos trocando martelos, até que começamos a versar através de temas, onde alguém do público escolhe sobre qualquer assunto, pode ser futebol, bebida, dinheiro, amizade quando agente entrou no sétimo tema uma

<sup>36</sup> Leandro foi filho de Seu Dadá e sobrinho do Mestre Tião. Sua morte causa forte comoção, não sendo necessário descrever os motivos e condições do falecimento.

<sup>37</sup> Entrevista colhida com Boquinha dia 5/11/2010.

<sup>38</sup> Documentário produzido através do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF) e do Núcleo de Pesquisa em História Cultural (NUPEHC/UFF). Ver <http://www.historia.uff.br/jongos/>

<sup>39</sup> Eu posso falar uma rima/Tão bonita e saborosa/Eu vou falando meus versos/Dessa moda carinhosa/Zombar de ninguém eu quero/Se eu quiser eu não preciso/Eu me sinto muito bem/Falando no improviso/Porque no mundo dos versos/Me sinto no paraíso/No jardim da poesia/No mundo da ‘trovação’/A raiz são as palavras/Que pra todo lado estão/A minha mente é o caule/Que dá força e proteção/E os meus versos são o fruto/Da minha imaginação/De verso bom e bonito/A minha mente está cheia/Porque é sangue de poeta/Que corre na minha veia.

moça sugeriu trabalho, onde meu pai se enrolou e versou sobre mulher, aí respondi encima do erro do pai e o público confirmou a derrota de dele<sup>40</sup>.

Mas Parafuso ressalta que esse “angu” foi tranquilo, pois a intenção do duelo pra ele era animar o público e tratou-se de uma representação.

Mas se fosse um encontro naquela época, mesmo sendo pai e filho não queria saber o bicho iria pegar mesmo a chapa ficava quente, não tinha esse negócio não. E ainda tem mais, o Palhaço deveria entregar sua farda se perdesse, assim com toda Folia entregava seus instrumentos<sup>41</sup>.

Debruçando-me sobre as possibilidades interpretativas que envolvem o sujeito, a proposta de DA MATTA (1979) se aplica a Boquinha quando o autor ao promover um ensaio sobre a distinção entre o indivíduo e a pessoa, destaca um importante traço na vida social do brasileiro classificado com um “rito de autoridade”<sup>42</sup>, atrelada a um contínuo processo de identificação social verticalizada.

E é no processo que essa “disputa” interna e familiar se estrutura no contexto de extrema positividade, e unilateralidade onde é sempre necessário para Boquinha reavivar esse tipo de situação, por conta de ser ele a pessoa que ainda sente a necessidade de se reafirma com detentor deste saber, pela grande referência que seu pai é, ser comparado a ele e sobrepô-lo é uma condição determinante para aquisição de poder.

Em matéria de “bater”, logicamente eu estou melhor do que ele porque minha idade não está muito avançada, como a dele. Ao falar martelo pelo meu talento de improvisar eu tenho a mais facilidade que ele. Mas em matéria de conhecimento ele conhece mais do que eu, foi uma brincadeira uma diversão, só que eu não posso passar por cima da história dele, eu respeito ele, eu posso ganhar de um lado, mais por outro ele pode me “prender”<sup>43</sup>.

O respeito que o “poeta” tem por seu pai está diretamente atrelado ao campo do invisível, pelas práticas misteriosas dominadas por Parafuso, desta forma, Boquinha reconhece que seu pai nunca lhe rogaria versos com o intuito de prejudicá-lo, justamente por se tratar de outro contexto e uma nova realidade.

---

<sup>40</sup> Entrevista com Boquinha colhida dia 5/11/2010

<sup>41</sup> Idem

<sup>42</sup> DA MATTA, Roberto. Camavais, malandros e heróis — Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

<sup>43</sup> Depoimento de Boquinha

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Reisado Flor do Oriente e sua característica centenária carrega nas histórias de vida de seus componentes um legado de extrema importância para a manutenção do Patrimônio Histórico-Cultural de Caxias.

A transmissão de um saber através de diferentes gerações, o entendimento da importância dos jovens para manutenção da manifestação através do presente diálogo entre o arcaico e o moderno.

O lugar do Mestre Rogério como condutor e como aquele que propõem as regras, tem no apito um objeto que o destaca. O dono e contramestre da Folia Waldir – Seu Dadá – assume sua responsabilidade de memória mais antiga da Flor do Oriente em vida, poucas vezes abrindo mão de estar ao lado do grupo, mesmo com avançada idade. Os tocadores carregam seus instrumentos e reconhecem sua função simbólica.

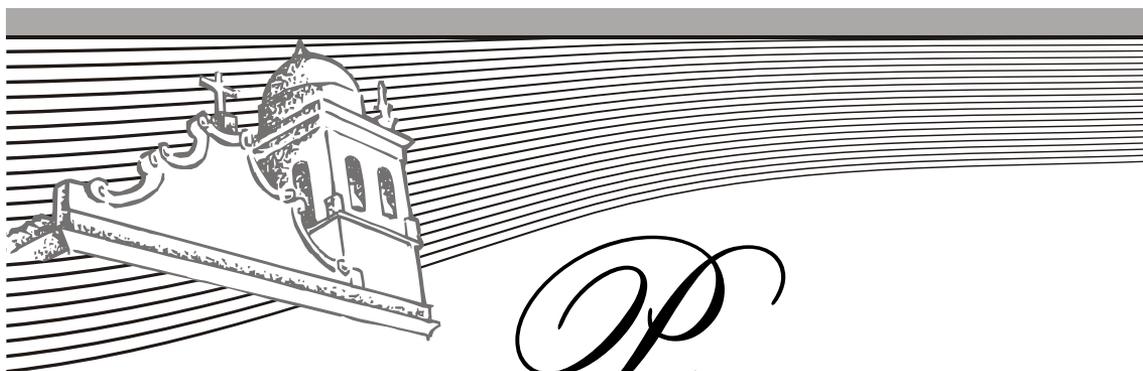
No recorte sobre a figura dos Palhaços percebo que as semelhanças encontradas em outros contextos históricos e social hoje alimentam e reverberam na prática dos artistas da Flor do Oriente. A semelhante motivação dos três Palhaços pesquisados se configura na escolha da Folia de Vila Rosário, devido sua característica eloqüente, associado tanto ao aspecto da visibilidade – presença de luzes e cores – assim como na questão sonora, onde recorde da fala de Parafuso que justifica aproximação com o grupo em questão, pois se tratava de uma Folia que fazia “barulho”.

Diante dos diferentes significados atrelados as imagens orais produzidas, ainda destaco o início da história de vida de Parafuso, e sua necessidade de “atacar” outros Palhaços com o verbo. Boquinha e a utilização do improviso como princípio de sua legitimação como Palhaço e como Mestre Reiseiro, tem no versar a ação onde mais se destaca, pois é através da palavra que emociona, provoca a raiva e comicidade.

Desta forma pude entender que os processos culturais formadores do sujeito e lógicas de pensamentos são ações não homogêneas e nem mensuráveis, onde acredito as biografias sugerem identidades que dialogam como representação dessas ações no interior da cultura local.

## 5 – REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTER, D. **A Bandeira e a Máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de Reis**. 2008. 202f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA M. e AMADO J. **Usos abusos da história oral**. Rio de Janeiro, FGV, 1998.
- BRANDÃO, C. “**Casa de Escola**”: **Cultura camponesa e educação rural** –2.ed. – Campinas: papirus, 1984.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Schwarcz, 1989.
- CANEVACCI, M. **Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais**, tradução Roberta Barni – São Paulo. Studio Nobel. Instituto Cultural Italo Brasileiro – Instituto Italiano di Cultura, 1996.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro** – Comp. Melhoramento de São Paulo, 1979 - Quinta edição.
- CASTRO E COUTO, Folia de Reis: Rio de Janeiro: Itambé (p. 23), 1961.
- DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis — Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- FERREIRA, A. 1910-1989. **Miniaurélio: O minidicionário da língua portuguesa**. Curitiba – 6. Ed. Ver. Atualiz: Positivo, 2004.
- FRADE, C. **O Saber do Viver, redes sociais e transmissão do conhecimento**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- LIGIÉRO, J. e DANDARA. **Umbanda: paz, liberdade e cura**. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1998.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PORTO, Guilherme. **As Folias de Reis no Sul de Minas**. Rio de Janeiro: MEC-SEC, FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- VELHO, G. Biografia, trajetória e mediação. *In*: VELHO, G. e KUSCHNIR, K. (orgs) **Mediação, cultura e política**. – Rio de Janeiro – Aeroplan, 2001.
- SILVA, A. **Reis Magos: história arte e tradições – fontes e referências**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2006.



## OR ENTRE PÂNTANOS E MONTANHAS: UM OLHAR SOBRE A DEMOGRAFIA ES CRAVA NO RECÔNCAVO DA GUANABARA.

Rubens da Mota Machado  
e-mail: rubensmmachado@gmail.com

### SUMARIO

MONTAGEM DO CENÁRIO: A SOCIEDADE DE IGUAÇU E ESTRELA NO OITOCENTOS...	24
A colonização portuguesa no Recôncavo da Guanabara .....	24
A economia do Recôncavo: O caso de Iguaçú e Estrela no século XIX .....	26
ES CRAVIDÃO E DEMOGRAFIA NO RECÔNCAVO DA GUANABARA .....	28
A escravidão em Iguaçú entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX..	28
As faixas etárias da escravaria de Iguaçú .....	31
As dimensões dos plantéis de escravos.....	32
Os ofícios cativos.....	34
BIBLIOGRAFIA.....	36

## LISTA DE TABELAS

**TABELA 1**

População escrava das freguesias de Iguaçu, 1821, 1840, 1850 e 1872.....

**TABELA 2**

Procedências identificadas dos escravos das freguesias do Recôncavo da Guanabara (1783-1837).....

**TABELA 3**

Faixa etária identificada dos escravos das freguesias do Recôncavo (1783-1837) .....

**TABELA 4**

Faixa etária dos escravos de Iguaçu em 1850.....

**TABELA 5**

Naturalidade da população escrava de Iguaçu (1850 e 1872 ).....

**TABELA 6**

Distribuição dos Escravos Segundo o Tipo de Unidade Produtiva e Faixas de Tamanho de Plantéis (1778).....

**TABELA 7**

Ofícios de escravos de Iguaçu (1783-1837).....

**TABELA 8**

Escravos doentes e falecidos de Iguaçu. (1783-1837).....

## MONTAGEM DO CENÁRIO: A SOCIEDADE DE IGUAÇU E ESTRELA NO OITOCENTOS.

Primeiramente buscarei recompor o cenário de duas importantes Vilas do Recôncavo da Guanabara, Iguaçu e Estrela. Apresentarei o desenrolar de suas características socioeconômicas, desde as primeiras tentativas de colonização pelos portugueses, passando pelo destaque que tais povoados passam a ter no movimento de transporte do ouro das Gerais para o porto do Rio de Janeiro. Depois, chegaremos ao ápice de seu desenvolvimento na primeira metade do século XIX, com atividades centradas na produção de gêneros alimentícios e no transporte de mercadorias e pessoas via os rios locais.

### *A colonização portuguesa no Recôncavo da Guanabara*

Os primeiros relatos escritos sobre o processo de ocupação das terras do Recôncavo da Guanabara remontam ao período do contato entre portugueses e as diversas tribos indígenas que ocupavam este território. O interesse inicial da Coroa portuguesa pelas possessões no Oriente, impulsionado pela grande lucratividade do comércio de tais produtos nos mercados europeus, logrou as conquistas portuguesas na América uma posição de menor importância dentro da configuração do Império Português durante o século XVI<sup>1</sup>.

Aproveitando-se da desatenção portuguesa às terras americanas, outros povos europeus estabeleceram estreitos contatos comerciais com as tribos indígenas que ocupavam o litoral do Rio de Janeiro. A historiografia sobre tal tema destaca as relações comerciais e culturais entre as tribos tamoias e os franceses, particularmente, grupos de refugiados huguenotes, expulsos pelas guerras religiosas que assolavam a França.

Os portugueses temendo perderem as terras do Rio de Janeiro para os franceses, que ali havia fundando a França Antártica, intensificaram sua ocupação com a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que serviria como ponto de colonização lusitana, e também, como fortaleza para o combate aos inimigos franceses.

Foi a partir do processo de expulsão dos invasores franceses e seus aliados indígenas que se originou o movimento de ocupação portuguesa das terras do recôncavo da Guanabara. O pesquisador Waldick Pereira<sup>2</sup> faz referência a doações de terras realizadas por Mem de Sá como benesses aos conquistadores do território, tendo sido doado a Cristóvão Monteiro entre os anos de 1565 e 1567 as terras que posteriormente formariam uma parcela da Fazenda de São Bento de Iguaçu. Afrânio Peixoto<sup>3</sup> citado por Pereira (1977, p.19) argumenta que a: “viuva de Cristóvão, D. Marquesa Ferreira, deixou-as [as sesmarias doadas] para Jorge Ferreira que, em 1591, as vendeu ao Mosteiro do Rio de Janeiro da Ordem de São Bento do Brasil.”<sup>4</sup>

Porém, Pereira discorda de Peixoto quando diz que as terras herdadas por Jorge Ferreira foram passadas ao Mosteiro de São Bento não em forma de venda, mas, por doação. A historiografia atual<sup>5</sup> indica ser bastante comum a doação de terras ou de grandes somas monetárias para instituições religiosas, por efeito do forte perfil católico da população ou pelas distinções sociais que tais atos geravam dentro da sociedade de Antigo Regime. Fator que torna a argumentação de Pereira em favor das doações de terras ao Mosteiro bastante coerente.

<sup>1</sup> FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. **O arcaísmo como projeto**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996

<sup>2</sup> PEREIRA, Waldick. **Cana, Café & Laranja. História Econômica de Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro: FGV/SEEC-RJ, 1977.

<sup>3</sup> PEIXOTO, Rui Afrânio. **Imagens Iguaçuanas**. Nova Iguaçu: Ed. Autor, 1968.

<sup>4</sup> Foi mantida a grafia original.

<sup>5</sup> GOUVEIA, M. F. (org.). **O Antigo Regime nos Trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

O autor segue argumentando que o Mosteiro de São Bento se expande adquirindo terras em ambos os lados do rio Iguaçu, até formar uma extensa área de 10.950 braças em que se praticaram diversos cultivos. Para apresentar os diferentes cultivos empreendidos na Fazenda de São Bento, Pereira utiliza Dom Clemente Nigra, um importante pesquisador beneditino, responsável por reunir o maior volume de informações referentes à ocupação e o aproveitamento das terras pelos monges de hábito negro. Segundo as informações indicadas por Nigra, os monges enfrentaram grandes dificuldades no cultivo de cana de açúcar, tendo inclusive transferindo o engenho de açúcar para outro local, em decorrência dos terrenos pantanosos da região. Em vista disso, os beneditinos optaram pelo cultivo de mandioca, ao qual implantaram um engenho com grande produtividade. A mandioca prosseguiu sendo cultivada em concomitância com outras atividades econômicas, como a fabricação de tijolos, a criação de gado, e o cultivo de outros gêneros alimentícios.

Nas possessões do Império Português, as freguesias cumpriam a dupla função de ser a base administrativa do Estado Lusitano, bem como, exercer a função de núcleo religioso da localidade. Assim, a divisão territorial do Império em freguesias delegava a Igreja Católica, representada na figura dos párocos locais, a tarefa de zelar pela disciplina religiosa dos habitantes da localidade, e ainda, a função de ser braço auxiliar na administração secular da população circunscrita em cada freguesia.

Com isto, a paróquia passava a ser o local central da vida social de cada localidade, permitindo a produção de diversos relatos eclesiásticos, como as visitas de Monsenhor Pizarro. Tais escritos além de informar sobre o processo de fiscalização religiosa das paróquias, também promoveu uma minuciosa descrição da geografia e dos hábitos corriqueiros dos habitantes das freguesias percorridas. Assim, Pizarro nos informa que o escoamento de grande parte da produção agrícola da região do recôncavo era realizado basicamente por via fluvial. Nesta atividade se destacam os rios Iguaçu, Sarapuí, Pilar, Inhomirim, Suruí e Saracuruna, todos desaguardando na Baía de Guanabara, atuando como a via de transporte mais rápida e segura até a cidade do Rio de Janeiro. Ainda segundo Pizarro, as freguesias do Recôncavo da Guanabara possuíam cerca de 37 portos nos rios que cortam a região, demonstrativo da efetiva importância dos rios na circulação de pessoas e mercadorias.<sup>6</sup>

Outro memorialista da região, José Matoso Maia Forte<sup>7</sup>, utiliza os dados presentes na estatística produzida no governo do Marquês do Lavradio entre os anos de 1769 e 1779, mostrando que o Recôncavo da Guanabara contava com o total de 21 engenhos e 7 engenhocas, obedecendo a seguinte distribuição: 9 engenhos e 2 engenhocas na freguesia de São João de Meriti; 7 engenhos na freguesia de Santo Antônio de Jacutinga; 4 engenhos na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu; 1 engenho e 3 engenhocas na freguesia de Nossa Senhora do Pilar; e a freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu contava com 2 duas engenhocas.

Será no período da segunda metade do século XVIII que a região do Recôncavo da Guanabara ganhará maior importância política e econômica, impulsionada principalmente por ser rota de passagem para se chegar à região das Minas Gerais. A antiga trilha indígena, conhecida como caminho dos Guayanazes, passando por Paraty era caracterizada como um trajeto bastante penoso. Levando três meses para tropeiros e viajantes percorressem a árdua caminhada, enfrentando chuvas, variações drásticas de temperatura, perigos oferecidos pela floresta, etc.

Assim, Garcia Rodrigues Paes, filho de Fernão Dias Paes Leme – o caçador de esmeraldas – empreendeu a abertura de um novo caminho ligando o Rio de Janeiro à região aurífera de Minas Gerais. O caminho foi aberto entre os anos de 1699 a 1704 utilizando unicamente os recursos do próprio Garcia Paes, que esperava com a realização da tarefa alcançar algumas benesses do Monarca português,

<sup>6</sup> Waldick Pereira indica a existência de 10 portos só no rio Iguaçu.

<sup>7</sup> FORTE, José Mattoso Maia. **Memória da fundação de Iguassú**. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio. 1933.

através de concessões de mercês pelos serviços prestados a El Rei.<sup>8</sup> A nova rota para as Minas Gerais inaugurada por Garcia Paes recebeu diversos nomes, como Caminho de Iguaçu, Caminho do Pilar de Aguassu, Caminho de Garcia Paes, etc., derivado das regiões do recôncavo pelas quais o caminho passava.

Anos mais tarde surge um caminho alternativo ao trajeto construído por Garcia Paes, prometendo a redução da viagem de 15 dias para apenas 5 dias de caminhada, através da vertente inaugurada por Bernardo Proença. No caminho construído por Proença, conhecido também como caminho de Inhomirim, o viajante subia o rio Inhomirim, desembarcando no porto de Estrela, podendo ali pernoitar nas diversas casas de hospedagem que existia no local. No dia seguinte o viajante seguiria de Estrela tomando o caminho da serra velha de Petrópolis em direção às Minas Gerais.

Algumas décadas depois, um caminho cortando a Serra do Tinguá é aberto, recebendo a preferência de muitos tropeiros e viajantes por ser mais largo, e ainda evitar a árdua subida pela pedra do Couto, por onde passavam os demais caminhos. Todavia, será durante o século XIX que o Caminho do Tinguá receberá maior destaque. A diminuição da extração de metais preciosos, ligado ao investimento na cafeicultura no Vale do Paraíba, faz com que caminho do Tinguá passe a ser a principal rota de escoamento da produção de Serra acima para o porto carioca.

### ***A economia do Recôncavo: O caso de Iguaçu e Estrela no século XIX***

A circulação de pessoas e mercadorias pelos portos dos rios Iguaçu, Pilar e Inhomirim impulsionou o aumento populacional e a importância econômica das freguesias próximas. Desta forma, com a derrocada da exploração de metais preciosos nas Gerais, as freguesias do Recôncavo da Guanabara transformaram-se em produtoras de gêneros alimentícios e passagem obrigatória na descida do café vindo do Vale do Paraíba.

Neste contexto socioeconômico, surgirá no sopé da Serra do Tinguá o povoado de Cava, oferecendo hospedagem para os tropeiros e armazenagem do café. Conforme a demanda por café aumenta, o pequeno povoado ganha destaque econômico, conquistando um caminho pavimentado em 1822, a Estrada Real do Comércio. Logo, em 1833 surge a Vila Iguaçu, batizada com o nome do rio dava vida a comunidade.

Relatos de viajantes que estiveram na Vila de Iguaçu nos ajudam a entender melhor a dinâmica particular da vida naquela localidade e sua relação estreita com o rio do mesmo nome. Assim, o viajante Jonh Luccock<sup>9</sup> descreve o rio Iguaçu, principal ligação entre a Corte e as freguesias do recôncavo da Guanabara, quando diz:

O Iguaçu é um belo rio, largo e profundo, que corre por um leito extraordinariamente meandroso [...] Cerca de cinco milhas a montante de sua embocadura é esse rio alcançado pelo Pilar, que vem do nordeste, já tendo passado por junto de umas poucas casitas e um grande edifício que forma a aldeia do mesmo nome. Duas milhas mais acima, alcança-se o primeiro ponto em que as barrancas são firmes e ali, à mão esquerda, encontra-se um pequeno convento beneditino, agradavelmente situado à sombra da portentosa montanha, mas com suas terras em tal estado de abandono que se tem a impressão de ser seu principal objetivo a manutenção de uma venda e de uma vasta olaria...Após ter remado por quase seis horas,

<sup>8</sup> Tais empreendimentos são característicos da sociedade de Antigo Regime, nos quais indivíduos prestam serviços para a Coroa Portuguesa utilizando recursos próprios, almejando no futuro serem agraciados por Vossa Majestade com concessões de exploração de caminhos, postos de tarifas, além de títulos honoríficos e cargos públicos.

<sup>9</sup> LUCCOCK, Jonh. *Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil*. BH: Itatiaia, SP: Editora da USP, 1795.

alcançamos o Porto dos Saveiros, assim denominado por causa das embarcações de dez a quarenta toneladas de carregamento, que até esse ponto sobre o rio Iguazú, para ali receberem os fretes trazidos por canoas. (1975, p. 225).

Outro relato, agora do aventureiro francês Charles Ribeyrolles<sup>10</sup>, nos auxilia na descrição do interior da Vila de Iguaçú, quando diz:

Iguassu é uma rua comprida e mal calçada que à esquerda segue para o porto e à direita termina numa bifurcação. Aí se comprimem os armazéns, as construções, as casas dos consignatários que exportam para o Rio. É a bolsa, o mercado, o entreposto. É a vida de Iguassu. Consta de duas mil almas a população desse burgo-capital... No porto, o rio é estreito e baixo. Os cavaleiros da jarreteira poderiam passá-lo facilmente. Os barcos carregados são impelidos a vara até o mar... Antes de deixar Iguassu, sua hospedaria onde se agita toda uma geração de mestiços e sua casaria acaçapada, tive ensejo de ver um desses longos comboios de mulas carregadas que denominamos tropa. (CHARLES RIBEYROLLES, 1980, p. 218-219).

Já, referindo-se a prosperidade econômica da Vila de Iguaçú durante a produção cafeeira no Vale do Paraíba, Maia Forte afirma:

Tornou-se a Villa um verdadeiro entreposto commercial, pois os negociantes ahi estabelecidos, adquirindo o café que vinha de cima, supriam as fazendas do interior com as mercadorias necessarias ao seu consumo e custeio, muito embora tivessem a concurrencia do commercio que se fazia através dos portos do Pilar, de Inhomirim e da Estrella. (MAIA FORTE, 1933, p. 58).

Portanto, seguindo os diversos autores citados, a Vila de Iguaçú caracterizava-se por um pequeno povoado, com grande movimento de mercadorias e de pessoas, a todo o momento transportando café do Vale do Paraíba para a Corte.

Nas décadas seguintes a sua fundação, a Vila de Iguaçú passará por um crescente aumento da sua importância socioeconômica para com a Corte. Suas estradas e rios conectando as terras do Recôncavo à cidade do Rio de Janeiro movimentavam dia após dia um volume maior de mercadorias. Logo, se criou certa rivalidade entre os portos do Recôncavo no embarque de mercadorias vindas de serra acima. Fazendo com que Iguaçú, Pilar e Inhomirim disputassem de maneira acirrada o embarque de pessoas e mercadorias rumo ao Rio de Janeiro.

A região de Estrela, marcadamente seu porto no rio Inhomirim, eternizado na gravura de Rugendas, ganhará progressivo destaque na tarefa de transporte à Corte. Pois, em 1854 passou a contar com uma linha férrea responsável por transportar o café até o porto de Estrela, que de lá era embarcado em barcos a vapor até a Corte. O intenso comércio levou que em 1846 fosse criada a Vila de Estrela, compostas pelas freguesias de Inhomirim, Nossa Senhora do Pilar, Petrópolis e Guia do Pacobaíba.

---

<sup>10</sup> RIBEYROLLES, Charles. **Brasil Pitoresco**. Vol.1. BH: Itatiaia, SP: Editora da USP. 1980.

## ESCRavidÃO E DEMOGRAFIA NO RECÔNCAVO DA GUANABARA.

Composto o cenário das Vilas de Iguaçú e Estrela no oitocentos. Apresentado seu perfil econômico, com base na produção de gêneros alimentícios combinado com o transporte do café vindo do Vale do Paraíba, escoados pelos rios que deságuam na Baía de Guanabara. Agora, partiremos para uma análise mais aprofundada da dinâmica social que sustentava a característica econômica da região, buscando estudar a composição específica do sistema escravista em ambas as Vilas do Recôncavo. Todavia, motivado pelo levantamento de dados disponível até o momento de elaboração deste texto, o autor realizará um recorte metodológico centrado no estudo da população escrava das freguesias de Marapicu, Jacutinga, Meriti, Piedade do Iguaçú e Pilar, todas pertencentes à Vila de Iguaçú na época de sua fundação.

Assim, novos estudos sobre as demais freguesias do Recôncavo da Guanabara são aguardados para a confrontação com as características da demografia escrava apresentada para as freguesias citadas, o que poderá contrapor as conclusões apontadas abaixo.

*A escravidão em Iguaçú entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX.*

Ano	1821		1840		1850		1872	
Freguesias	Nº absoluto	Percentage m	Nº absoluto	Percentagem	Nº absoluto	Percentagem	Nº absoluto	Percentagem
Marapicu	2.494	22,3%	3.758	40,2%	3.753	28,3%	2.002	27,1%
Jacutinga	2.426	21,7%	3.913	41,8%	3.290	24,8%	2.088	28,2%
Meriti	1.568	14,0%	1.674	17,9%	2.606	19,6%	776	10,50%
Iguaçú	2.253	20,1%	-----	-----	1.235	9,3%	1.386	18,7%
Pilar	2.414	21,6%	-----	-----	2.375	17,9%	1.129	15,2%
Total	11.155	100%	9.345	100%	13.259	100%	7.381	100%

TABELA 1

### População escrava das freguesias de Iguaçú, 1821, 1840, 1850 e 1872.

Fonte: Adaptado de GOMES, Flávio dos Santos. História de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. Tabelas 1 e 2. Páginas 50 e 51.

Na tabela 1 vemos a distribuição da população escrava por freguesias em quatro diferentes períodos no decorrer do século XIX. Seguindo a estatística disponível, temos em 1821, o registro total de 11.155 escravos, distribuídos quase de maneira uniforme entre as cinco freguesias da região. Tendo somente a freguesia de Meriti uma concentração menor de mão de obra escrava (14 %), enquanto a variação estatística das demais freguesias fica entre os 22,3 % e 20,1 %.

Os dados disponíveis para o ano de 1840 não permitem perceber com segurança a variação efetiva da população escrava das freguesias de Iguaçú, pela ausência de informações sobre a população escrava para as freguesias de Piedade do Iguaçú e Pilar. Contudo, as informações apresentadas para Marapicu, Jacutinga e Meriti permitem sugerirmos um aumento na população escrava do Recôncavo

Guanabario, possivelmente impulsionado pelo crescimento na demanda por transporte fluvial e alimentos no mercado do Rio de Janeiro. O que gerou um crescimento de 1.264 escravos na freguesia de Marapicu, acompanhado pelo aumento de 1.487 cativos para a freguesia de Jacutinga, enquanto a freguesia de Meriti teve sua população escrava acrescida de 106 escravos se comparado ao período de 1821.

Já, os dados existentes para o ano de 1850 indicam um crescimento de 2.104 cativos se confrontados com o período de 1821, em que os dados para a população escrava são completos para todas as freguesias. É interessante perceber através desta comparação que as freguesias de Marapicu, Jacutinga e Meriti tiveram crescimento na sua população escrava, enquanto as freguesias de Iguaçu e Pilar sofreram depreciações no número total de sua escravaria. A freguesia de Nossa Senhora do Pilar teve uma redução de 39 escravos no número total da população escrava, ao passo que a freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu teve uma queda mais drástica no número total de braços escravos, saindo de 2.253 em 1821 para 1.235 no ano de 1850, o que representa redução de 1018 escravos.

Tais informações nos permitem levantar algumas indagações não totalmente respondidas pela historiografia sobre o Recôncavo da Guanabara. Seriam tais reduções na população escrava das freguesias do Pilar e de Iguaçu fruto do processo de assoreamento e, conseqüentemente, maiores dificuldades de navegação dos rios que dão nome às freguesias citadas? Pois, ambas as freguesias tem grande destaque na utilização de seus rios para acessar a Baía de Guanabara, e posteriormente, o porto do Rio de Janeiro. Assim, circunstâncias que dificultassem a navegação nos rios Iguaçu e Pilar, acarretariam, provavelmente, na diminuição da população escrava nestas freguesias, pois era recorrente a utilização destes cativos como barqueiros<sup>11</sup>.

Enfatizo isto, pois, as freguesias de Marapicu, Jacutinga e Meriti tiveram índices de crescimento na população escrava durante os dois períodos da estatística, 1821 e 1850. Podendo a demografia escrava nestas freguesias ser resultado do aumento na demanda por alimentos na cidade do Rio de Janeiro. Já que estas três freguesias estavam mais voltadas para a produção de alimentos, enquanto Piedade do Iguaçu e Pilar se destacam pela atividade de transporte fluvial.

Indo ao encontro do raciocínio acima, se compararmos os dados relativos aos anos de 1850 e 1872, percebemos uma redução de 5.878 no número total de escravos, o que representa 55,6% da diferença sobre os totais de escravos dos dois períodos apontados. A única freguesia que sofreu acréscimo na sua população escrava, de fato um crescimento baixo, é a freguesia de Iguaçu, sede da Vila de Iguaçu, passando de 1.235 escravos para uma população de 1.386 cativos, uma diferença de 151 escravos. A redução de 55,6 % (5.878 indivíduos) pode ser indício das dificuldades enfrentadas pelos senhores de escravos da Vila de Iguaçu na renovação de seus plantéis, devido ao aumento exponencial do preço dos cativos no mercado carioca.

Pois, o grosso da mão-de-obra escrava estava direcionado para áreas cafeeiras do Vale do Paraíba fluminense, levando os proprietários de pequenas lavouras a criarem alternativas ao alto custo dos escravos no mercado de almas. O estudo de Antônio Jucá Sampaio<sup>12</sup> analisa o contexto da região de Magé exatamente no transcorrer da crise do escravismo fluminense, quando os senhores daquela área também encontravam dificuldades na aquisição de novos cativos.

---

<sup>11</sup> O estudo de Nielson Bezerra apresenta interessantes conclusões sobre a utilização de escravos barqueiros nos rios do Recôncavo da Guanabara. Ver: BEZERRA, Nielson Rosa. **Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)**. Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. 215 f.

<sup>12</sup> SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. **Magé na crise do escravismo: sistema agrário e evolução econômica na produção de alimentos (1850-1888)**. Niterói: Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em História da UFF, 1994.

TABELA 2  
**Procedências identificadas dos escravos das freguesias do  
 Recôncavo da Guanabara (1783-1837)**

Procedência	Quantidade
Africanos	334
Nascidos no Brasil	248

Fonte: Adaptação de BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840). Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. Tabela 5, página 85.

Obs: As determinações “Preto” e “De Nação” foram incluído entre os escravos de procedência africana.

A tabela 2 apresenta as procedências dos escravos presentes nos inventários alocados no Arquivo Nacional entre os anos de 1783 e 1837. As informações indicam a maior presença de escravos de origem africana no período acima citado, sugerindo a ligação dos senhores de escravos do Recôncavo com o mercado transatlântico de cativos africanos. Tal ligação comercial deveria ser sólida o bastante, capaz de satisfazer as demandas por mão-de-obra cativa dos proprietários da Vila de Iguaçú.

TABELA 3  
**Faixa etária identificada dos escravos das freguesias do Recôncavo (1783-1837)**

Faixa etária	Quantidade	Percentual
0 -10 anos	97	19,9%
11-20 anos	96	19,7%
21-30 anos	134	27,5%
31-40 anos	80	16,4%
41- 50 anos	35	9,2%
Acima de 50 anos	45	7,1%
Total	487	100%

Fonte: Adaptação de BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840). Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. Tabela 2, página 65.

Conforme a tabela 3 indica, a faixa etária predominante entre os escravos das freguesias do Recôncavo da Guanabara situa-se no intervalo entre 21 e 30 anos, contando com um total de 134 cativos, o que representa 27,5% da população total de escravos do Recôncavo no período entre 1783-1837. Porém, se somarmos as faixas etárias que Manolo Florentino<sup>13</sup> indica como a predominante entre a escravaria fluminense, ou seja, indivíduos adultos entre os 15 e 50 anos, que variam entre a metade a 70% dos escravos dos plantéis fluminenses. Teremos o total de 249 indivíduos (51,1%) de cativos em idade apta ao trabalho em Iguaçú. Isto, sem contabilizarmos os escravos inseridos na faixa etária de 11 aos 20 anos, pois, não podemos determinar quantos indivíduos estão abaixo dos 15 anos de idade, início

<sup>13</sup> FLORENTINO, Manolo. **Em Costas Negras**: uma história do trágico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

da idade adulta de um escravo segundo o já citado trabalho de Florentino. Porém, certamente os cativos com idades de 11 a 15 anos já estariam sendo aproveitados em determinados serviços.

Ainda com as informações extraídas das tabelas 1, 2 e 3 observamos que durante o período de 1783 a 1837 região de Iguazu se manteve bastante próxima do mercado carioca de escravos. Possibilitando que os senhores de escravos incluíssem em suas escravarias, cativos apontados por Manolo como o perfil idealizado pelos senhores fluminense para o trabalho na lavoura, indivíduos do sexo masculino, entre a faixa etária dos 15 aos 50 anos<sup>14</sup>.

## A FAIXA ETÁRIA DA ESCRAVARIA DE IGUAÇU

TABELA 4  
Faixa etária dos escravos de Iguazu em 1850

1850					
Faixa etária	1-14 anos	15-40 anos	41- 60 anos	Acima de 60 anos	Indeterminados
Percentual	21%	50%	18%	3,5%	7,50%

Fonte: Adaptado de GOMES, Flávio dos Santos. História de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. Dados presentes na página 51.

Os índices de faixa etária presentes na tabela 4 permitem a comparação com a tabela 3. Enquanto os dados da tabela 3 informam sobre o intervalo de 1783 a 1837, as informações da tabela 4 apresentam as variações de faixa etária da população escrava da Vila de Iguazu para o ano de 1850. Assim, os dados da tabela 3 demonstram que 55,1 % dos escravos estavam seguramente em idade apta ao trabalho<sup>15</sup>, ao passo que a tabela 4 demonstra que pelo menos 50 %<sup>16</sup> dos cativos estariam no intervalo considerado dos escravos economicamente ativos.

Para melhor facilitar a comparação recorremos ao intervalo de idade dos 15 aos 40 anos, o qual representa na tabela 3, 43,5 % de total de escravos com idade determinada, enquanto na tabela 4 este percentual é de 50%. Ou seja, em ambas as tabelas o percentual de escravos em idade economicamente ativa corresponde a grandes percentuais do número total de escravos com faixa etária identificada.

Podemos ainda elaborar algumas hipóteses apoiadas na historiografia brasileira sobre escravidão com base nos dados fornecidos pelas tabelas 3 e 4. Os estudos historiográficos sobre o sudeste escravista apontam que a região sempre fundamentou a manutenção de sua escravaria através da importação de novos cativos de África, ficando a reprodução endógena com um fator subalterno na recomposição destes plantéis. Inclusive, esta discussão sobre a opção brasileira pela reprodução exógena da escravaria foi pauta de estudos comparativos da escravidão norte-americana e a brasileira.

A característica do sudeste escravista pela opção da reprodução exógena, com a crescente demanda de escravos ao tráfico transatlântico, é reafirmada pelos recentes estudos historiográficos sobre a montagem da escravaria nesta região<sup>17</sup>. Assim, o Recôncavo da Guanabara, que se abastecia dos

<sup>14</sup> As informações presentes nas tabelas citadas não permitem afirmar o sexo predominante na população escrava de Iguazu. Todavia, a historiografia da escravidão no Brasil, incluindo o trabalho de Florentino, indica que cerca de 70 % dos escravos vindo através do tráfico transatlântico eram do sexo masculino.

<sup>15</sup> Lembro mais uma vez que estamos considerando só o intervalo de 21 a 50 anos, pois, não podemos precisar quantos cativos estariam no intervalo de idade dos 15 aos 20 anos.

<sup>16</sup> A mesma questão aparece na tabela 5, porque não posso determinar qual a percentagem de escravos que estariam compreendidos na faixa etária de 41 a 50 anos.

<sup>17</sup> Um excelente exemplo é o trabalho de FLORENTINO, Manolo. **Em Costas Negras**: uma história do trágico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

cativos via porto do Rio de Janeiro, teve a reprodução de sua escravaria em maior proporção através da compra de novos escravos via o tráfico transatlântico.

TABELA 5

### Naturalidade da população escrava de Iguaçu (1850 e 1872)

1850			1872		
Nº Absoluto	% Africanos	% Crioulos	Nº absoluto	% Africanos	% Crioulos
13.259	57,5%	42,5%	7.381	16,0%	84,0%

Adaptado de GOMES, Flávio dos Santos. História de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. Dados presentes nas páginas 51 e 52.

Tendo por base a argumentação acima somada aos dados apresentados na tabela 5, podemos considerar que os cativos indicados nas tabelas 3 e 4, ou melhor, os indivíduos escravizados em faixa etária economicamente ativa são em sua maioria advindo do tráfico de escravos via o porto do Rio de Janeiro. Isto indica que até o ano de 1850 o Recôncavo da Guanabara ainda não sofria grandes dificuldades na compra de escravos africanos, podendo incorporar expressivas somas de cativos africanos aos plantéis dos senhores de escravos da região. Sendo os escravos africanos 57,5% do total de escravos (13.259) existentes na Vila de Iguaçu no ano de 1850.

Ainda utilizando as estatísticas apresentadas na tabela 5, podemos fazer inferências sobre as ligações dos senhores de escravos das freguesias da Vila de Iguaçu com mercado carioca de cativos, através da comparação das percentagens de africanos e crioulos para os anos de 1850 e 1872. Poderemos confrontar um momento em que a oferta de escravos no mercado carioca ainda não havia sofrido grandes abalos, o ano de 1850, com um segundo período, em que o fornecimento de cativos pelo comércio transatlântico se encontrava dificultado pelas pressões internacionais pelo fim do tráfico de escravos, o ano de 1872.

Com isto, percebemos que no ano de 1850 os escravos africanos estavam presentes em grandes percentagens no Recôncavo da Guanabara, enquanto em 1872 os crioulos representavam a esmagadora maioria (84%) dos escravos existentes nas freguesias de Iguaçu. Este indicativo demonstra que os senhores de escravos de Iguaçu elaboraram alternativas para suprir as dificuldades colocadas pelo alto preço dos escravos no mercado carioca, entre uma delas pode ter sido o estímulo a reprodução endógena da escravaria do Recôncavo.

### As dimensões dos plantéis de escravos

As dimensões médias dos plantéis de escravos existentes nos domínios da Vila de Iguaçu são apontadas abaixo. A tabela 6 considera a distribuição de cativos combinando o tipo de unidade produtiva com as faixas de tamanho de plantéis, tomando por unidade produtiva os engenhos e engenhocas indicadas pelo relatório do Marquês do Lavradio em 1778. Desta forma, as plantações de cana ou outros gêneros alimentícios, como a farinha de mandioca, ficaram ausentes em tais quantificações sobre sua população escrava. Pois, somente unidades produtivas equipadas com engenhos e engenhocas foram contabilizadas.

TABELA 6  
**Distribuição dos Escravos Segundo o Tipo de Unidade Produtiva e Faixas de Tamanho de Plantéis (1778)**

FTP	Engenhos			Engenhocas		
	Nº de Prop.	Escravos		Nº de Prop.	Escravos	
		Nº Absoluto	%		Nº Absoluto	%
0 a 5	24	74	0,6	53		8,8
6 a 10	40	308	2,6	51		21,1
11a 20	81	1.269	10,9	49		35,1
21 a 40	116	3.565	30,7	20		30
41 a 60	28	1.379	11,9	2		5
61 a 80	16	1.183	10,2	-----		-----
81 a 100	8	736	6,3	-----		-----
Mais de 100	10	3.109	26,8	-----		-----
Totais	323	11.623	100	175	1.894	100

Fonte: Adaptação de COSTA, Iraci del Nero da. Nota sobre a posse de escravos nos engenhos e engenhocas fluminenses. (1778). Tabela 1, página 2

Mesmos com dados tratando somente das unidades produtivas que possuíam engenhos ou engenhocas, podemos observar que a média dos plantéis de cativos na região de Iguazu gira em torno de 21 a 40 indivíduos para os engenhos (30,7 %), enquanto para as engenhocas a maior concentração fica na faixa de 11 a 20 cativos (35,1 %). Tais estatísticas sobre a composição da população escrava nas freguesias de Iguazu são referentes ao ano de 1778. Porém, o estudo de Nielson Bezerra<sup>18</sup> trabalhou com os inventários salvo-guardados no Arquivo Nacional relativos à Iguazu, encontrando plantéis com composições semelhantes às informações apontados por Iraci Costa, com “escravarias formadas entre 1 a 31 escravos. A grande maioria dos escravos era empregada na produção de farinha de mandioca e no setor de transporte” (2010, p. 55).

Apesar das informações de Bezerra indicarem que os escravos estavam majoritariamente empregados em lavouras de mandioca e na navegação dos rios da região, as estatísticas de Costa indicam que um número significativo de escravos compunha os plantéis empregados nas tarefas de engenhos. Divergências a parte, os dados levantados por Bezerra e Costa reafirmam que os plantéis escravos das freguesias de Iguazu eram formados na sua média por escravarias compostas de no máximo 40 cativos. Corroborando o que Antônio Jucá Sampaio e Flávio Gomes haviam observado sobre a composição de plantéis escravos de tamanho médio em Iguazu, se comparados a outras regiões fluminenses, como o Vale do Paraíba.

<sup>18</sup> BEZERRA, Nielson Rosa. **Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)**. Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. 215 f.

### Os ofícios cativos

As conclusões apresentadas por Bezerra relativa à forte presença nas freguesias de Iguaçú de escravos empregados na lavoura de mandioca e no serviço de transporte fluvial são exemplificadas através das tabelas 7 e 8. A Tabela 7 indica os ofícios dos escravos presentes nos inventários do Arquivo Nacional, mostrando a percentagem de 71,1% (247 cativos) dos escravos com profissões identificadas atuando na montagem das lavouras da região, ao passo que 8,6% (30 cativos) dos escravos estavam exercendo atividade relativa ao transporte de mercadorias e passageiros.

TABELA 7

#### Ofícios de escravos de Iguaçú (1783-1837)

Tipos de Ofícios	Quantidade	Percentual
Serviço de roça	247	71,10%
Serviço de transporte	30	8,60%
Serviço de olaria	10	2,80%
Serviço de casa	21	6,50%
Costureiras	9	2,50%
Quitanderas	4	1,15%
Ao ganho	4	1,15%
Pedreiro	3	0,86%
Barbeiro	3	0,86%
Lavanderia	3	0,86%
Sapaterio	3	0,86%
Cozinheiro	2	0,57%
Carpinteiro	2	0,57%
Alfaiate	2	0,57%
Venda	2	0,57%
Ourives	1	0,20%
Pastor	1	0,20%
<b>Total</b>	<b>347</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Adaptação de BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840). Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. Tabela 1, página 59.

Chamo ainda atenção para os ofícios domésticos. Pois, os cativos empregados no serviço da casa representam 6,5% (21 escravos), demonstrando a disseminação da escravidão na região de Iguaçú. Também é interessante notar a concentração de 2,8% dos cativos (10 escravos) exercendo a atividade de olarias, característica bastante peculiar do Recôncavo da Guanabara. Lembro que Waldick Pereira<sup>19</sup> e José Matoso Maia Forte<sup>20</sup> destacam a importante atividade de olaria praticada na Fazenda de São Bento de Iguaçú pelos escravos dos monges beneditinos.

<sup>19</sup> PEREIRA, Waldick. **Cana, Café & Laranja. História Econômica de Nova Iguaçú**. Rio de Janeiro: FGV/SEEC-RJ, 1977

<sup>20</sup> FORTE, José Mattoso Maia. **Memória da fundação de Iguassú**. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio. 1933.

TABELA 8

**Escravos doentes e falecidos de Iguaçú. (1783-1837)**

<b>Ofícios</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
Serviço de Roça	44	58,60%
Serviço de Casa	17	22,60%
Serviço de Olaria	5	6,60%
Serviço de Transporte	4	5,30%
Barbeiros	2	2,60%
Ourives	1	1,30%
Carpinteiro	1	1,30%
Pedreiro	1	1,30%
Total	75	100%

Fonte: Adaptação de BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840). Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. Tabela 3, página 68.

Já, a tabela 8 representa os escravos doentes ou falecidos indicados nos inventários do Arquivo Nacional. Tais dados corroboram as informações da tabela 7, apresentando os cativos que exercem ofícios relativos a serviços de roça (58,6%), serviço de casa (22,6%), serviço de olaria (6,6%), e serviço de transporte (5,3%) as maiores concentrações de atividades identificadas entre o grupo de escravos falecidos ou doentes.

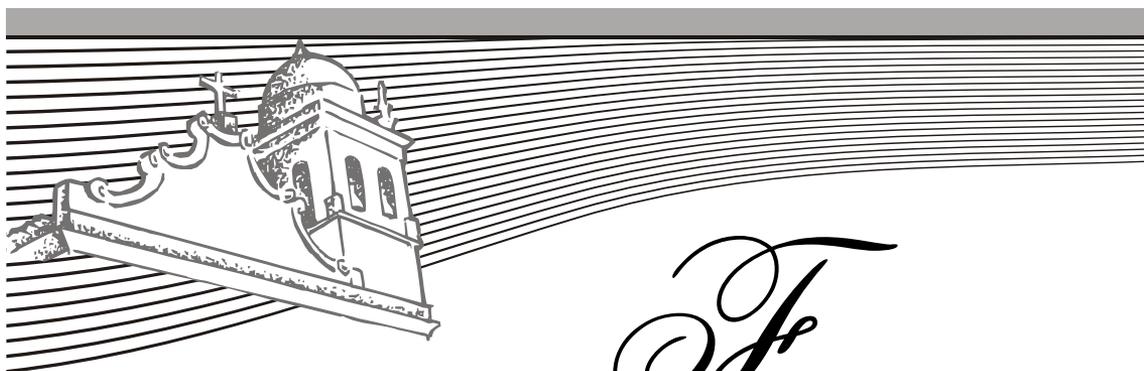
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da composição demográfica da escravaria presente nas freguesias de Iguaçú no transcorrendo do oitocentos, apontou para a forte ligação dos proprietários do Recôncavo com o mercado de escravos carioca, mantendo a importação de cativos africanos constante até o ano de 1850, e sofrendo substantiva queda nas décadas posteriores, em decorrência das dificuldades encontradas para a realização do tráfico transatlântico.

Os índices estatísticos indicaram um perfil relativamente jovem para os plantéis escravos de Iguaçú, mantendo-se entre a estimativa de faixa etária para o sudeste escravista segundo os historiadores da escravidão. Quanto à composição dos plantéis, Iguaçú teve como regra escravarias de tamanho médio, dificilmente superando 40 indivíduos. Os empregados em atividades indicadas pela historiografia recente como dominantes na região do Recôncavo da Guanabara, o cultivo de gêneros alimentícios e a navegação dos rios locais. Todavia, os dados apontam a existência de percentuais consideráveis de escravos exercendo serviços de olaria, trabalhos domésticos, e afazeres urbanos.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, José de Souza Azevedo A. Pizarro. **Memórias históricas do Rio de Janeiro**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945
- BEZERRA, Nielson Rosa. **Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)**. Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. 215 f.
- FLORENTINO, Manolo. **Em Costas Negras: uma história do trágico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- FORTE, José Mattoso Maia. **Memória da fundação de Iguassú**. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio. 1933.
- FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. **O arcaísmo como projeto**. Rio de Janeiro: Sete letras, 1996
- GOMES, Flávio dos Santos. **História de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro- século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- GOUVEIA, M. F. (org.). **O Antigo Regime nos Trópicos**. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001
- LUCCOCK, Jonh. **Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil**. BH: Itatiaia, SP: Editora da USP, 1795.
- PEIXOTO, Rui Afrânio. **Imagens Iguaçuanas**. Nova Iguaçu: Ed. Autor, 1968.
- PEREIRA, Waldick. **Cana, Café & Laranja**. História Econômica de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: FGV/SEEC RJ, 1977.
- RIBEYROLLES, Charles. **Brasil Pitoresco**. Vol.1. BH: Itatiaia, SP: Editora da USP. 1980.
- SAINT- HILARE, Augusto de; **Viagens pela província do Rio de Janeiro e Minas Gerais ( 1779-1853)**. BH: Itatiaia, SP: Editora da USP, 1975.
- SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. **Magé na crise do escravismo: sistema agrário e evolução econômica na produção de alimentos (1850-1888)**. 1994. 182 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1994.



## AZENDA SÃO BENTO: APOGEU E DECLÍNIO NO VALE DO RIO IGUAÇU

Jose Antonio Seixas da Silva  
e-mail: antseixas@bol.com.br

### SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	38
A colonização do Vale do rio Iguaçu.....	39
O engenho dos beneditinos.....	40
A freguesia de Santo Antônio da Jacutinga e a Vila de Iguaçu.....	40
A sede da fazenda São Bento e sua capela.....	42
Do declínio econômico ao abandono atual da fazenda.....	43
CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	47

## INTRODUÇÃO

A história dos beneditinos no Brasil tem seu início no ano de 1581 quando Frei Antônio Ventura do Latrão chega a Salvador, juntamente com outros oito monges para fundarem o primeiro mosteiro em terras americanas. Dentre a comitiva fundadora encontravam-se dois monges já de origem brasileira: Frei Pedro Ferraz e Frei João Porcalho, ambos nascidos em Ilhéus, responsáveis pelo estabelecimento dos beneditinos no Rio de Janeiro, em 1589.

Ao chegarem ao Rio de Janeiro em outubro de 1589, Frei Pedro Ferraz e Frei João Porcalho se abrigaram na antiga Ermida de Nossa Senhora do Ó, onde hoje se encontra a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, na rua 1.º de Março.

A agitação típica da região portuária faz com que os beneditinos procurem uma localidade mais propícia à vida monástica. Em 25 de março de 1590 obtêm por escritura pública de doação de Diogo de Brito Lacerda, o Morro da Conceição.

Uma vez instalados, os beneditinos não tardaram em lançar os fundamentos do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição. Orago esse que no ano de 1602 seria comutado pelo de Nossa Senhora do Monserrate, a pedido do Governador Geral, Francisco de Souza, sob a influência do período filipino.

Em 13 de outubro de 1633 os monges beneditinos recebem a sesmaria de Maricá, ponto de partida para a aquisição de vastas áreas agrícolas ao longo da baixada fluminense, estendendo-as até os campos dos Goitacás, por ocasião da partilha das terras dos sete capitães.

Eximios administradores, os monges possuíam seu Livro Tombo, registro não só da fundação do mosteiro carioca, mas também dos primeiros títulos de posse e outros documentos. Esses registros, que poderiam trazer novas luzes sobre a presença beneditina no recôncavo guanabarrino, foram destruídos pelos invasores franceses de 1711, que bombardearam e incendiaram o mosteiro. Outro incêndio, de 23 de março de 1732, destruiu ainda mais os arquivos da Ordem.

Reconstruído o mosteiro, voltaram os monges a habitá-lo e trataram de reorganizar o arquivo, onde se descobriu que o segundo Livro Tombo, aberto em 1688 havia sobrevivido, passando a ser o primeiro de uma série de cinco volumes, que vão desde a fundação até o ano de 1942.

A análise do segundo Livro Tombo, que compreende o período de 1688 a 1793, nos dá uma ideia da marcante presença beneditina no Vale do rio Iguaçu, a partir das escrituras ali lançadas:

- 1) Escritura de venda que fez o mosteiro à irmandade de N.ª S.ª do Pilar (01.05.1688);
- 2) Escritura de venda de terras que fez o mosteiro a Manoel de Massa, em Santo Antonio da Jacutinga (Iguaçu), as quais houve por execução que fez a Bartolomeu de Araújo Caldeira, para pagamento de missas da sacristia (28.06.1715);
- 3) Escritura de venda ao mosteiro, de cem braças de terra de testada em Caricamboaba e Capivary, em Iguaçu, que fazem Amaro Furtado de Moraes e sua mulher Antonia Gomes da Conceição (11.05.1755);
- 4) Escritura de declaração que fez o alferes José Felipe de Souza ao mosteiro, sobre terras compradas em Jacutinga e arrendadas ao Padre João Coelho da Nóbrega (27.05.1784);
- 5) Registro de uma sentença cível de medição judicial que Bartolomeu José Vahia fez com o mosteiro, em Iguaçu (18.11.1785).

Quem se dirige ao 2.º distrito de Duque de Caxias, Campos Elísio, se depara com um conjunto arquitetônico, deteriorado pela ação do tempo e descaso da sociedade, testemunha da época áurea da agricultura fluminense: a sede da fazenda São Bento de Iguaçu, com sua capela datada do século XVII, patrimônio histórico material daquele município fluminense, reconhecido a nível nacional pelo IPHAN, há mais de meio século.

## 1) A COLONIZAÇÃO DO VALE DO RIO IGUAÇU.

Testemunha da produção agrícola fluminense no período setecentista, a sede da fazenda São Bento, com sua Capela de Nossa Senhora do Rosário, representa o início da colonização do Vale do rio Iguaçu.

A ocupação de suas terras, localizadas em Campos Elísios, 2.º distrito do Município de Duque de Caxias, remonta ao Brasil colonial, quando o fidalgo da Casa Real Cristovão Monteiro recebeu, em 05 de setembro de 1565, 1500 braças e 3000 pela terra adentro, no rio Iguaçu, em agradecimento por sua participação na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro.

Elyσιο de Oliveira Belchior, em sua obra *Conquistadores e povoadores do Rio de Janeiro*, traça um perfil de Cristovão Monteiro: “cavaleiro fidalgo da Casa Real, que ao lado do Capitão-mor Estácio de Sá veio de São Vicente conquistar o Rio de Janeiro aos franceses e fundar a cidade de São Sebastião. Morava nessa capitania desde 1532, quando chegou ao Brasil com a expedição de Martins Afonso de Sousa. Aos 09 de março de 1568, Mem de Sá o nomeou Ouvidor da cidade do Rio de Janeiro, pelo prazo de três anos, com o ordenado anual de 30\$000. Nesse cargo foi substituído por Francisco Dias Pinto, aos 05 de maio de 1572. Oficial da Câmara, nos anos de 1568 e 1572. Em agosto de 1567 assinou, com outros povoadores, requerimento dirigido ao Governador-Geral solicitando a demarcação do rossião da cidade, a fim de que houvesse campo público para a criação de gado. Prestou fiança em favor de Francisco Fernandes, a 30 de dezembro de 1568, para que pudesse ele assumir o ofício de tabelião. Recebeu diversas sesmarias no Rio de Janeiro e seu termo: aos 04 de setembro de 1565, juntamente com José Adorno, seu genro, 400 braças ao longo do mar e 600 pela terra a dentro na banda d'além defronte dessa cidade, em Piratinim; a 05 do mesmo mês e ano, 1500 braças e 3000 pela terra a dentro, em Pernaguá, no rio Iguaçu; a 07 de setembro de 1565, 300 braças ao longo do mar e 600 terra a dentro da banda da Carioca, também obtida com seu genro; em 16 de outubro de 1567, 1500 braças de largo e 600 para o sertão, em Guavaçu, e, na mesma data, 1500 braças de largo e 3000 para o sertão na Gávea. Referindo-se à sesmaria da Carioca, A. J. Melo Moraes diz que Cristovão Monteiro teve uma “sorte de terras em Cosme Velho, para as bandas das Laranjeiras, onde fez plantação de cereais e mandou construir um moinho de vento, que ficou conhecido por “moinho venho”. Por morte de sua viúva, Marquesa Ferreira, passou esta propriedade para Maria Soares” (100-16). [...] Na cidade do Rio de Janeiro, Cristovão Monteiro morou na Carioca, em casa assobradada, com fazenda e roça, conforme consta do auto de demarcação da sesmaria dos jesuítas, lavrado aos 25 de janeiro de 1574. Sua esposa Marquesa Ferreira era filha de Jorge Ferreira, antigo Capitão-mor vicentino. Teve o casal os seguintes filhos: Eliseu Monteiro, Cristovão Zuzarte, Antonio Monteiro e Catarina Monteiro, esposa de José Adorno” (1965, p. 326)

Uma segunda carta de sesmaria dói concedida a Cristovão Monteiro em 16 de outubro de 1567, confirmando a anterior e doando mais uma légua de terra e meia de largo em cada margem do rio Iguaçu.

Em 08 de janeiro de 1577, a viúva de Cristovão Monteiro toma posse dessa extensa sesmaria, por fim doada ao Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, em 07 de dezembro de 1596.

Pouco antes, em 12 de outubro de 1593, os beneditinos haviam adquirido do sesmeiro Jerônimo Monteiro 1000 braças de comprido e meia légua de largo no rio Iguaçu, acrescidos de mais 100 braças de terras a margem do mesmo rio, em 12 de abril de 1603.

José Lustosa afirma que “sucessivamente, o mosteiro vai fazendo novas aquisições, assinalando-se dezenas de datas diferentes até 17 de abril de 1669, não se contando o que posteriormente foi comprado durante os séculos XVIII e XIX, até constituir a maior e mais antiga fazenda do atual município de Duque de Caxias” (1958, p. 35).

Nessa época, a lavoura canavieira, como opção para a ocupação do Brasil, inaugurava uma nova forma de colonização. A formação de grandes unidades produtivas, dotadas de larga extensão de terras,

bem como a monocultura, atendiam a uma política de economia de recursos e de maximização dos lucros.

Como observou Vera Lúcia Amaral Ferlini, “a partir dos engenhos, nos dois primeiros séculos de nossa história, o vasto complexo sócio-econômico colonial movimentou-se” (1996, p. 29).

A pecuária foi outra atividade importante ligada ao mundo açucareiro. O gado era indispensável ao trato da lavoura e dos engenhos, principalmente para o transporte de cana e lenha. A sua criação fornecia, além do transporte, força motriz para as moendas mais simples e alimento para a população.

Para Antonio Figueira de Almeida, “essa dupla atividade colonizadora que se resumia no fabrico do açúcar e na criação do gado caracterizou acentuatadamente os primeiros séculos da histórica econômica fluminense” (1929, p. 92).

Numa sociedade em que “construir fazendas, abrir currais, montar engenhos, [...] é uma espécie de moda, [...] o fim principal é moer a cana e fazer o açúcar”, comenta José Matoso Maia Forte, que acrescenta, “os engenhos surgem como que por milagre – há engenhos que não tem de cobertura senão o espaço que ocupam as moendas, cujas coberturas andam à roda, por estar armada por cima dos almanjarras, e só moem em tempo de sol” (1945, p. 49).

## 2) O ENGENHO DOS BENEDITINOS

Segundo d. Clemente Maria da Silva Nigra em seu estudo *A antiga fazenda de São Bento em Iguaçú*, publicado na revista do SPHAN, o Mosteiro de São Bento recebeu do Capitão-mor Afonso Albuquerque, em 07 de junho de 1611, uma sesmaria nas imediações do rio Iguaçú, cabendo a Frei Ruperto de Jesus a construção do primeiro engenho de cana.

José Lustosa esclarece que a administração do engenho coube “ao zelo do abade, Frei Bernardino de Oliveira, o qual até o ano de 1617, conseguiu um precioso e rico redimento econômico. Entre os períodos de 1620 até 1625, a safra atingiu o máximo de seu desenvolvimento [...]; a partir de 1626 até 1646, o trabalho diminuiu de ritmo, quando parou quase que completamente” (1958, p. 53).

Funcionou o primeiro engenho de Iguaçú até 1646, quando o abade Frei Mauro das Chagas, o consertou, refazendo a obra de Frei Ruperto de Jesus.

Somente em 1652 Frei Francisco de Madalena deu novo impulso a produção, utilizando-se de um maior número de escravos, “fazendo embarcar para Lisboa muito açúcar para com o seu produto pagar a receita do que mandou buscar para provimento da casa”, segundo d. Clemente Nigra (1943, p. 268).

Waldick Pereira comenta que “o engenho de Iguaçú foi logo caracterizado como uma empresa infrutífera pela má qualidade do terreno, que não se prestava para canavial, tanto que o abade João de Santana Monteiro logo o trasladou para Vargem Pequena, onde a terra mais rica oferece melhores resultados em pouco tempo” (1977, p. 19).

Vivaldo Coaracy, em seu livro *O Rio de Janeiro no século 17*, registra que em 1667, “a 26 de agosto, faleceu na cidade, d. Vitória de Sá, filha de Gonçalo de Sá e viúva de d. Luiz de Céspedes. Por testamento legou todos os seus bens à Ordem de S. Bento de cujo patrimônio vieram a formar porção considerável. Além de casas na cidade, esse legado abrangia as extensas propriedades de Jacarepaguá, que formavam as três fazendas de Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim, correndo de costa a costa até junto de Sepetiba. A herança obrigava a Ordem a uma missa diária e outras obras pias pela alma da doadora cuja sepultura até hoje se vê na igreja do mosteiro de S. Bento” (1944, p. 176).

## 3) A FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO DA JACUTINGA E A VILA DE IGUAÇU

Nas proximidades da fazenda São Bento surge Santo Antônio da Jacutinga, povoado regular no período colonial, nascido com seu templo em 1657 e elevado a categoria de freguesia por alvará de 24 de janeiro de 1755.

Depois de um breve período servindo apenas como pastagem para o gado, o engenho da fazenda São Bento volta a produzir, com Frei Francisco da Trindade que, em 1703, transforma-o em engenho de farinha de mandioca. Sua produção prossegue com Frei José da Conceição Pinho que assumiu a administração da fazenda em 1728 e nela se manterá até 1790, quando falece.

Por essa época, a fazenda São Bento fornece as tropas coloniais, durante a invasão francesa de 1711, todo o mantimento de carne, farinha e feijão, servindo sua sede ainda de abrigo para milhares de soldados mineiros que vieram socorrer a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Descrevendo a produção econômica da freguesia, monsenhor Pizarro e Araújo aponta a existência, no fim do século XVIII, de “onze fábricas de açúcar, uma de aguardente e algumas de barro, [que] trabalham nesse distrito, em cujas terras se cultivam a cana, a mandioca, o café, o milho e legumes” (1945, p. 146).

A olaria da fazenda São Bento remonta ao início da ocupação das terras pelos beneditinos, que a utilizaram para a produção dos tijolos, ladrilhos e telhas da própria sede da fazenda e principalmente para a construção do Mosteiro de São Bento. Contribuíram ainda com a construção do quartel do Campo de Santana, fornecendo tijolos e telhas de 1810 a 1822, quando d. Pedro I os desobrigou do encargo.

José Matoso Maia Forte em sua *Memória da Fundação de Iguaçú* (1933, pp. 11/ 13), com base nas *Memórias política e econômica da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro para uso do Vice-Rei Luiz de Vasconcelos (1779-1789)*, e utilizando-se de uma estatística publicada no tomo 33 da Revista do IHGB, fornece subsídios para a elaboração de um quadro demográfico da população do Vale do rio Iguaçú, entre 1779 e 1821:

Freguesias	1779		1821	
	Livres	Escravos	Livres	Escravos
N.ª S.ª de Marapicu	902	919	1708	2494
Santo Antônio da Jacutinga	1402	2138	1274	2426
São João de Meriti	638	978	696	1568
N.ª S.ª da Piedade de Iguaçú	963	1219	1914	2853
N.ª S.ª do Pilar	2027	1868	1958	2414

As primeiras luzes do século XIX são marcadas pela transferência da corte portuguesa para sua principal colônia, em decorrência das guerras napoleônicas.

A vinda de d. João para o Brasil, em 1808, muito contribuiu para a terra fluminense, afinal, era a província que apresentava maior atividade rural e, por isso mesmo, de intensa navegação fluvial entre a corte e as Vilas de Angra dos Reis, Mangaratiba, Parati, Cabo Frio, S. João da Barra e Magé.

A freguesia de Santo Antônio da Jacutinga confrontava-se eclesiasticamente a oeste com a freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Caminho Velho, a margem do rio Iguaçú, cujo porto escoava a produção agrícola da serra do Tinguá, Paty do Alferes e do vale do médio Paraíba.

Graças ao seu nível de desenvolvimento, a freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçú, ou do Caminho Velho, foi elevada a categoria de Vila por decreto de maio de 1833, reunindo as freguesias

de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu, Nossa Senhora do Pilar, Santo Antônio da Jacutinga, Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim e parte da de Nossa Senhora da Conceição de Marapicú.

“A mais opulenta das vilas fluminenses”, recorda Brasil Gerson, “dispunha de dezenas de casas comerciais, de uma sociedade dramática e recreativa, de um juizado e à sua prefeitura se subordinavam várias freguesias, desde os limites de Magé até quase Raiz da Serra, e do Guandú a São João de Meriti, inclusive o atual município de Caxias” (1970, p. 54).

Apesar de sua projeção, a Vila de Iguaçu foi extinta em abril de 1835, dividindo-se seu território entre as Vilas de Magé e de Vassouras. Pressionada, a Assembleia Legislativa a restabeleceu através de Lei n.º 57, de 10 de dezembro de 1836.

A inauguração da primeira estrada de ferro no país, em 30 de abril de 1854, por Irineu Evangelista de Souza, na Vila de Magé, desviando o escoamento da produção agrícola de Iguaçu para o porto de Mauá, representou um duro golpe aquela Vila.

Não bastasse isso, acrescenta Antonio Izaías da Costa Abreu, “o desequilíbrio do comércio, mais se acentuou, quando o *cólera morbus* atingiu a população da vila, em setembro de 1855, ceifando, em um curto período de dias, a vida de dezenas de escravos e, imediatamente propagando-se, invadiu as freguesias de São João de Meriti e de Santo Antônio da Jacutinga, eliminando centenas de outras pessoas. Com o abandono da população mais favorecida e a inauguração da Estrada d. Pedro II, em 29 de março de 1858, deslocando o eixo da atividade comercial para a estação de Maxambomba e a intermitente malária desprovido de braços a região iguaçuana, o comércio sofreu as inevitáveis conseqüências” (1994, p. 231).

Mesmo com tantos reveses, a Vila de Iguaçu resistiu por mais alguns anos até que, transferida a sede para Maxambomba, por força do decreto n.º 204, de 1.º de maio de 1891, acabou extinta em definitivo pelo decreto n.º 1, de 08 de maio de 1892.

Segundo Waldick Pereira, “as mesmas razões que motivaram a extinção da vila de Iguaçu fizeram desaparecer a Fazenda de Iguaçu: a estrada de ferro e as febres ocasionadas pelos terrenos baixos alagados. Os frades beneditinos ainda tentaram a recuperação agrícola daquela fazenda com o cultivo de arroz – que igualmente não deu resultado, talvez por falta de apoio oficial” (1977, p. 20).

Sobre essa fase final da produção agrícola da fazenda São Bento, marcada pela política de saneamento do recôncavo guanabarrino, José Matoso Maia Forte comenta que “entre tais terras se achava a fazenda de S. Bento, onde os zelosos monges aplicaram novamente uma parte de sua renda promovendo a cultura do arroz, que foi ensaiada como uma demonstração prática da sua possibilidade presente e em pequenas lavouras. Os resultados foram mais de benefício efetivo para o saneamento local do que propriamente financeiro. Parece mesmo que os beneditinos não podiam colher resultados financeiros compensadores talvez por falta de amparo ou auxílio para a dispendiosa obra de desobstrução do Iguassu, Sarapuhi e Pilar, mas sua obra foi a possível manutenção do saneamento local. A propriedade passou para a Empresa de Melhoramentos da Baixada e em boa hora transferida para o patrimônio da União” (1933, p. 71).

#### 4) A SEDE DA FAZENDA SÃO BENTO E SUA CAPELA

O início da construção da sede da fazenda São Bento remonta ao período de 1660 e 1663, quando o abade-arquiteto Frei Manuel do Rosário, ergueu um sobrado para servir de casa de vivenda.

Segundo d. Clemente Nigra, “Frei Miguel do Espírito Santo, filho do Rio de Janeiro, tomou a resolução de construir uma casa grande nova, em forma de mosteiro, com pátio ou claustro” (1943, p. 277).

A sede da fazenda São Bento foi concluída entre 1754 e 1757 e com a capela formam um U, ocupando esta a ala direita. Sua fachada conserva um traço de nobreza e da graça da arquitetura

setecentista. Na opinião do arquiteto Joaquim Cardoso, o avarandado e a forma de claustro que aparecem em todas as casas rurais da região fluminense foram inspirados na fazenda São Bento.

Cyro Corrêa Lyra assim a descreve: “a casam de alvenaria de pedra e cal, de dois pavimentos, coberta com telhas de capa e canal, tem como elemento de maior interesse suas fachadas. A principal, correspondendo à base do U, é ritmada por uma sequência de janelas de peitoril, sendo que as duas extremas são rasgadas com balcões sacadas. A outra fachada, lateral, é uma galeria dividida em oito tramos, possuindo cada um, no térreo, arcada de plena volta e, no pavimento superior, uma varanda com colunas da ordem toscana, sustentando diretamente os frechais do telhado” (2006, p. 55).

Observa d. Clemente Nigra que “a parte da Guanabara corre em toda a extensão do edifício a grande varanda, posta sobre um corredor de extensas arcadas. Por falta do último lanço (paralelo ao da fachada), a quadra claustreal não está completa” (1943, p. 277)

Construída com a finalidade de abrigar padres em descanso ou afastados do serviço pastoral, em seu início contemplou a produção de farinha e a fabricação de tijolos.

Ao visitar a freguesia de Santo Antônio da Jacutinga, em 1794, monsenhor Pizarro e Araújo registra que existe no termo daquela a capela de “Nossa Senhora do Rosário, na fazenda do Mosteiro de S. Bento. Por quem, em que ano fosse ereta, ignorei. Acha-se aseada, e bem paramentada. Tem pia batismal, de que faz uso, com licença do r. pároco, e na mesma capela se enterram cadáveres por faculdade do mesmo pároco. Dista da matriz para o nascente três léguas” (2000, p. 33).

José Lustosa atribui a construção da capela ao “operoso abade Frei Mauro das Chagas que, entre os anos de 1645 e 1648, fez de novo o engenho de Iguaçu” (1958, p. 37).

A imagem de nossa Senhora do Iguaçu, cujo título inicial parece ter sido de Nossa Senhora da Candelária ou das Candeias, até 1695, segundo d. Clemente Nigra, é “trabalhada numa só peça de embuia, tem 1, 45 cm de altura e obedece fielmente a uma imagem executada em barro pelo hábil artista beneditino Frei Agostinho de Jesus, na Bahia, pelo tempo de 1642” (1943, p. 278).

Por iniciativa do abade Frei João de Santana Monteiro é criado, na fazenda São Bento, uma irmandade sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, cujo compromisso data de 1695, conservando-se no altar-mor a mesma imagem de Nossa Senhora de Iguaçu agora sob outro título mariano.

Editado em 1723, o tomo X do *Santuário Mariano*, de Frei Agostinho de Santa Maria, registra as imagens localizadas nos Bispados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e ilhas do Oceano.

Frei Agostinho de Santa Maira (1642-1728), cronista, prior do Convento de Évora e vigário-geral da Congregação dos Agostinianos Descalços de Portugal, autor de obras históricas e de ascese, assim descreve a “milagrosa imagem de Nossa Senhora do Rosário de Iguaçu”: “efta Senhora eftá no altar mor da fuá capella, & He de efcultura de madeyra. No dia em que fe lhe faz a fuá fefta, que fera talvez na primeyra dominga de outubro, vão os religiofos a fazernlha, & nelle dia tem missa cantada, & sermão a que não faltaõ os moradores circunvifinhos em a ir venerar” (2007, p. 204).

Em decorrência da desapropriação da fazenda em 1921, a histórica imagem foi levada para o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, compondo seu acervo de arte sacra até hoje.

Uma restauração feita à época pelos técnicos do SPHAN retirou as diversas camadas de tinta que a cobriam, deixando-a na cor de sua madeira, para ser solenemente colocada em um dos alteares principais do mosteiro, em 08 de dezembro de 1941, comenta Ruy Afrânio Peixoto em seu livro *Imagens iguaçuanas* (1968, p. 35).

## 5) DO DECLÍNIO ECONÔMICO AO ABANDONO ATUAL DA FAZENDA

O êxodo rural verificado com o declínio econômico da Vila de Iguaçu foi estudado por Renato da Silveira Mendes, que elaborou a planilha abaixo, com base nos recenseamentos de 1892 e 1920:

DISTRITOS	1892		1920	
	Habitantes		Habitantes	
	N.º absoluto	Por km <sup>2</sup>	N.º absoluto	Por km <sup>2</sup>
Nova Iguaçu	6840	23,8	12382	43,0
Queimados	5436	31,4	3063	17,7
Cava	4372	13,0	2001	6,0
Meriti	2761	31,4	8255	110,0
Bonfim	2342	14,0	4261	7,5
Estrela	2475	6,6	2823	7,1
Nilópolis	-	-	3611	277,1
TOTAL	24226	16,7	33396	23,1

In: *Paisagens culturais da baixada fluminense*, 1950, p. 83

Embora a densidade demográfica do município de Iguaçu tenha aumentado, em verdade, o acréscimo se efetuou exclusivamente nos núcleos urbanos de Iguaçu, Meriti e Nilópolis. Segundo Renato da Silveira Mendes, “esses dados estatísticos, concernentes a um município típico da baixada da Guanabara, sendo igualmente o de maior área dessa sub-região, revelou com nitidez as modificações que se deram no povoamento dessa área no período de máxima decadência compreendido entre 1892, quatro anos após a abolição da escravatura, e 1920, quando novas condições econômicas iriam permitir a reconquista do solo pelo homem e o aparecimento de novas paisagens culturais” (1950, p. 84).

Essa concentração na área urbana de Nova Iguaçu pode ser confirmada através dos dados colhidos no recenseamento de 1940 e citados pelo mesmo autor:

Distritos	Pop. Urbana e Suburbana	Pop. Rural
Nova Iguaçu	20854	14122
Meriti	38645	1408
Nilópolis	22594	-
Cava	456	2598
Queimados	1028	2970
Bonfim	66	1182

In: *Paisagens culturais da baixada fluminense*, 1950, p. 84

Incrementando a política de saneamento dos rios do recôncavo guanabarinense, em 04 de abril de 1921 o Presidente Epitácio Pessoa assina o decreto n.º 15.036, que desapropria terrenos e prédios existentes na área a ser saneada pela Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense desde “as linhas dos cursos dos rios Meriti e Suruhy desde as suas fozes até a altitude de 30m, pela linha externa de curva de nível de 30 m de latitude de ligação dos pontos de igual altitude desses rios e pela linha de contorno da costa da baía de Guanabara entre as embocaduras dos mesmos rios” (art. 2.º do referido diploma legal), nela incluindo a fazenda São Bento.

O decreto n.º 15.036 determina ainda que a União Federal transfira a Empresa de Melhoramentos os direitos adquiridos sobre os terrenos compreendidos na área assinalada, o que ocorreu com as terras dos padres beneditinos em 09 de novembro de 1922, com a lavratura da escritura.

Renato da Silveira Mendes revela que “o motivo que levou o governo federal a dedicar-se de preferência a recuperação das terras da Guanabara foi o desejo acariciado por todos os governantes desde longa data de formar em torno da cidade do Rio de Janeiro uma zona hortícola e de granjas que pudesse abastecer de legumes, verduras e produtos avícolas a metrópole carioca que adquire tais gêneros alimentícios de regiões distantes como o Estado de São Paulo, sobretudo no Vale do Paraíba, e a região serrana do Estado do Rio de Janeiro. As obras públicas de saneamento exigiam verbas avantajadas, muito acima das possibilidades do erário do Estado do Rio de Janeiro e daí o fato da iniciativa desses trabalhos caber ao Governo Federal, desejoso de promover a recuperação econômica de uma área tão próxima à sede da União” (1950, p. 110).

As obras desenvolvidas permitiram o renascimento agrícola da região, donde surgiram grandes plantações de banana e laranja nos municípios de Magé e Nova Iguaçu, respectivamente.

Alberto Ribeiro Lamego, comentando o sucesso do saneamento do recôncavo, cita “como exemplo da premência das obras do Departamento e da sua utilidade imediata para fins econômico-sociais, o caso de São Bento, fazenda quinhentista dos beneditinos que por três séculos e meio lutaram contra o pântano. Desapropriada em 1922 pela Empresa Melhoramentos da Baixada Fluminense, e passando em 1931, ao domínio da União, sendo nela iniciada a colonização racional, construindo-se prédios e desenvolvendo-se plantações antes mesmo de terminadas as obras de saneamento” (1964, p. 279).

Nos primeiros decênios do século passado, a fazenda São Bento testemunhou a revolução política de Nova Iguaçu até que o Decreto Lei estadual n.º 1.055, de 31 de dezembro de 1943, criasse o município de Duque de Caxias, desmembrando-o do território iguaçuano e constituído pelos distritos Duque de Caxias, Meriti, Imbariê e parte de Belford Roxo.

Já o Decreto Lei estadual n.º 1.063, de 28 de janeiro de 1944 ordenou os distritos do município de Caxias da seguinte forma: 1.º Duque de Caxias; 2.º Meriti; e, 3.º Imbariê.

Posteriormente, a Lei n.º 21.578, de 28 de maio de 1954 criou os distritos de Campos Elísios e Xerém, constituídos de terras desmembradas de Imbariê, dividindo então o município de Duque de Caxias em quatro distritos: 1.º sede; 2.º Campos Elísios (onde se encontra a fazenda São Bento); 3.º Imbariê; e, 4.º Xerém.

O abandono a que foi legada a fazenda São Bento ao longo do século passado resultou no desabamento do telhado da capela, funcionando no terreno “o patronato São Bento – onde crianças recebem reforço escolar, alimentação e assistência médica – a casa de encontro São Francisco, para retiros espirituais, e o projeto experimental de agricultura São Bento” (*O Globo*, 12.12.1993).

Finalmente, a Área de Proteção Ambiental de São Bento (APA – São Bento), com área de 1033,42 hectares, foi criada pelo Decreto Lei n.º 3.020, de 05 de junho de 1997. Seu território é delimitado pelos rios Sarapuí e Iguaçu, passado pela estrada de ferro e pela rodovia Washington Luiz, possuindo uma área alagada e um outra mais alta, que abriga remanescentes da flora e fauna típicos da Mata Atlântica, incluindo um rico sítio arqueológico, com vestígios desde o homem pré-cabralino até núcleos quilombolas.

## CONCLUSÃO

Um dos problemas com que se defronta a sociedade moderna é a perda de identidade cultural, isto é, a progressiva redução dos valores que lhes são próprios, das peculiaridades que lhes diferenciam as culturas, em decorrência do acelerado processo de integração mundial determinado pelo avanço da tecnologia.

Para a perda da identidade cultural, e o empobrecimento que isso representa, se impõe a adoção de indicadores culturais na formulação de políticas de desenvolvimento. Somente com a reinserção dos bens culturais se permitirá a compreensão plena de nossa trajetória como cultura e os indicadores para uma projeção no futuro.

Dentro desse contexto, patrimônio cultural não são apenas os bens imóveis e móveis, impregnados de valor histórico, mas também os sítios e paisagens que importa conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou pela força criativa do homem, as manifestações artísticas (pinturas, esculturas, artesanato, música, folclore), a linguagem e os próprios costumes.

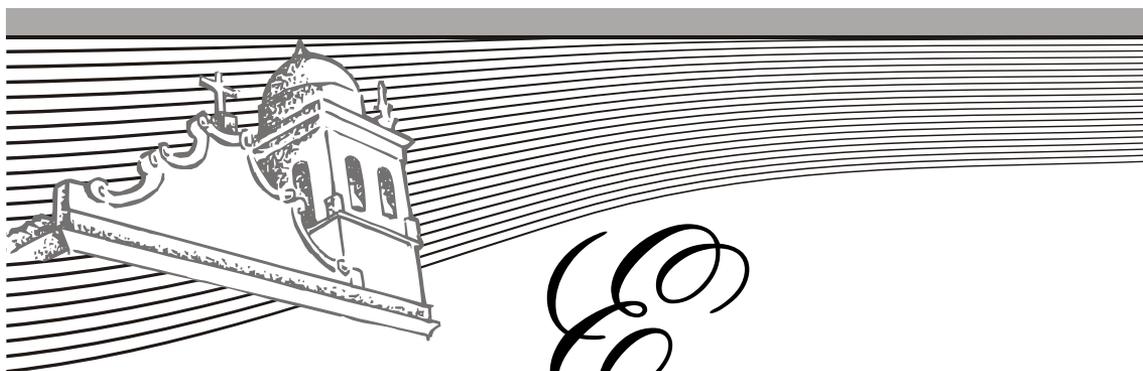
A expansão das redes ferroviária e rodoviária, aliada a política de saneamento da baixada e ao surgimento de loteamentos onde outrora existiam áreas agrícolas, estão na base da formação do município de Duque de Caxias. "Foi assim que esse novo oeste da cidade do Rio de Janeiro passou a ser disputado por proprietários e empresas loteadoras, cuja principal estratégia de conquista e manutenção da propriedade foi o uso dos grupos de jagunços armados e a resolução dos conflitos pela violência", segundo José Claudio Souza Alves (2003, p. 60).

Essa identidade periférica a cidade do Rio de Janeiro é um equívoco, afinal, "não existe, e nunca existiu, uma "única" Baixada Fluminense. A proximidade física entre as localidades não eliminou as identidades territoriais específicas que se construíram ao longo dos processos de produção do espaço em cada uma delas", comenta Manoel Ricardo Simões, que arremata: "a existência de uma diferenciação interna, produzida pelas diferentes inserções destes subespaços na estrutura econômica regional e, principalmente, pela seletividade de investimentos públicos por parte de grupos dominantes do poder público, deixou marcas na paisagem que se tornaram o ponto de partida para o questionamento destas "unidades" artificiais" (2007, p. 275).

Nesse sentido, a sede da fazenda São Bento e sua capela de Nossa Senhora do Rosário constituem um desses valores do patrimônio histórico material do Município de Duque de Caxias, responsável pela construção da identidade local e de valorização do próprio meio.

## Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Antonio Figueira de. **História fluminense**. Niterói: Casa Editora Jeronymo Silva, 1929;
- ALVES, José Claudio Souza. **Dos barões ao extermínio: uma história da violência na baixada fluminense**. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2003;
- BELCHIOR, Elysio de Oliveira. **Conquistadores e povoadores do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965;
- CARDOSO, Joaquim. **Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio**. In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1943, pp. 209-256;
- COARACY, Vivaldo. **O Rio de Janeiro no século 17**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1944;
- COSTA ABREU, Antônio Izaías da. **Municípios e topônimos fluminenses**. Niterói: Imprensa Oficial, 1994;
- ENDERS, José Lohr. **A Ordem de São Bento no Brasil quando província (1582-1827)**. Salvador: Editora Beneditina, 1980;
- FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **A civilização do açúcar (séculos XVI a XVIII)**. São Paulo: Brasiliense, 1996;
- GERSON, Brasil. **O ouro, o café e o Rio**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1970;
- IBGE. **Documentação histórica dos municípios e distritos do Estado do Rio de Janeiro**. In: *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*, n.º 16 (1964/65), pp. 116-121;
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e a Guanabara**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1964;
- LUSTOSA, José. **Cidade de Duque de Caxias**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958;
- LYRA, Cyro Correa. **Documenta histórica dos municípios do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2006;
- MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985;
- MAIA FORTE, José Matoso. **Memória da Fundação de Iguassu**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1933;
- \_\_\_\_\_. **O Estado do Rio de Janeiro**. 2 ed. Niterói: Imprensa Oficial, 1945;
- MENDES, Renato da Silveira. **Paisagens culturais da baixada fluminense**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1950;
- MOSTEIRO DE SÃO BENTO. **Segundo Livro Tombo (1688-1793)**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1981;
- NIGRA, Clemente Maria da Silva. **A antiga fazenda de São Bento em Iguaçú**. In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1943, pp. 257-282;
- PEIXOTO, Dídima de Castro. **História fluminense**. 2 ed. Niterói: edição do autor, 1966;
- PEIXOTO, Ruy Afrânio. **Imagens iguaçuanas**. Nova Iguaçu: Tip. Colégio Afrânio Peixoto, 1968;
- PEREIRA, Waldick. **Cana, café & laranja: história econômica de Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro: FGV/SEEC-RJ, 1977;
- PIZARRO E ARAUJO, José de Souza Azevedo. **Memórias Históricas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1945, v. 3;
- \_\_\_\_\_. **Livro de Visitas Pastorais na Baixada Fluminense feitas pelo Monsenhor Pizarro no ano de 1794**. Nilópolis: Prefeitura Municipal de Nilópolis, 2000;
- SANTA MARIA, Agostinho de. **Santuário mariano, e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora: tomo X**. Rio de Janeiro: INEPAC, 2007;
- SIMÕES, Manoel Ricardo. **A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na baixada fluminense**. Mesquita: Entorno, 2007.



## A "CARTOLINHAS" SE FOI: ÓRFÃOS E HERDEIROS DO SAMBA EM DUQUE DE CAXIAS.

Leonardo Fernandes Ferreira  
e-mail: leorepique@gmail.com

### SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	49
1 - AS ESCOLAS DE SAMBA E SUA IMPORTÂNCIA NA CULTURA DE DUQUE DE CAXIAS (1940-1970) .....	52
1.1 - Escolas de Samba.....	52
1.2 - G.r.e.s Cartolinas de Caxias na Cultura de Duque de Caxias.....	54
1.3 - Hélio Cabral, 1926 A 1997: Da Cartolinas para a Mangueira.....	55
2 - DA UNIÃO À CENTRALIZAÇÃO: OS CONTÁGIOS E OS FATORES POSITIVOS E NEGATIVOS.....	58
2.1 - O Sonho de uma Escola mais Competitiva.....	58
2.2 - Os Contágios e os Seus Fatores.....	59
2.3 - O Divisor de Águas.....	61
3 - ÓRFÃOS E HERDEIROS.....	62
CONCLUSÃO.....	65

## INTRODUÇÃO

Entre as décadas de 1940 e 1970 em Duque de Caxias, o samba era muito bem representado por algumas escolas, dentre elas, figuravam a União do Centenário, Capricho do Centenário, Unidos da Vila São Luiz e a Cartolinhas de Caxias. Estas escolas de samba do Município de Duque de Caxias disputavam o carnaval com escolas de samba de todo o Rio de Janeiro na Praça Onze, Avenida Presidente Vargas e na Avenida Rio Branco, obtendo colocações variadas nos desfiles<sup>1</sup>. A partir da década de 1970, mas precisamente em 71, com a finalidade de formar uma escola mais competitiva, junto ao cenário do samba carioca, essas quatro escolas fazem uma fusão, dando origem à Escola de Samba Grande Rio, adotando as cores Azul e branco, porém a mesma não logrou muito êxito e sua participação no carnaval carioca continuava tímida e discreta.

Em 22 de setembro de 1988, a Escola de Samba Grande Rio, após reunião com então Presidente de honra da G.R.E.S Acadêmicos de Duque de Caxias – fundada em 22 de março do mesmo ano e oriunda do G.R.B.C. Lambe Copo – cede seu nome e conseqüentemente a vaga no segundo grupo do carnaval carioca, juntando-se à G.R.E.S Acadêmicos de Duque de Caxias e se transformando na tricolor G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio<sup>2</sup>, e que hoje, com seus 21 anos de fundação, figura sempre entre as primeiras colocadas no ranking 2005-2009 da LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba) com 62 pontos e ocupando a segunda colocação desse ranking<sup>3</sup>. A G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio ainda não tornou-se campeã do carnaval carioca, mas é considerada pela mídia uma escola de ponta, porém, estigmatizada por críticos do gênero devido à grande relevância dada aos artistas da teledramaturgia e ícones da mídia.

Todavia, pouco se fala e quase nada é trabalhado, principalmente no âmbito da agremiação, quanto às origens da Grande Rio e pessoas que foram importantes dentro das escolas precursoras – como Hélio Cabral, oriundo da G.R.E.S. Cartolinhas de Caxias e posteriormente G.R.E.S. Estação primeira de Mangueira – deixando um legado cultural para o mundo do samba e conseqüentemente para o nosso Município. Hoje a G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio possui duas décadas de existência e as pessoas importantes que “carregaram a bandeira” do samba até a formação dela, não são lembradas através de uma perspectiva de resgate ou reconhecimento de tudo aquilo que se produziu no aspecto cultural por essas quatro escolas de samba, dentre elas a Cartolinhas de Caxias, fundada em 1938, e tema principal desta monografia.

A pesquisa está fundamentada na tese de quatro autores: Amaury Jório e Hiran Araújo, Nelson da Nóbrega Fernandes e Roberto Moura. Esses autores apresentam problemáticas sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro, no tocante ao processo de construção de um gênero musical como identidade nacional. Para utilização da tese de Amaury Jório e Hiram Araújo, faz-se uso do livro “Escolas de samba em desfile: Vida, paixão e sorte”, que pode ser considerado o primeiro grande inventário, não só das escolas de samba do Rio de Janeiro, mas de todo o carnaval carioca até o ano de 1969. Este livro traz todo um estudo descritivo sobre o surgimento das escolas de samba no Rio de Janeiro, dividido em quatro capítulos, dos quais três estão relacionados com aspectos estruturais, particularidades comuns às escolas, resultados em campeonatos, regulamentos, critérios de julgamentos, concursos, divisão das Super, Grandes, Médias e Pequenas escolas, este último onde se encontrava a escola de samba Cartolinhas de Caxias, tema de nossa pesquisa, e demais escolas do município.

Depois de apresentar todos esses subsídios sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro, Amaury Jório e Hiram Araújo apresentam suas problemáticas sobre o processo de construção dessas escolas, dividindo-as em três etapas, sendo primeiramente a pureza, pois transcorre das origens até 1935, mantendo-se as escolas puras, sendo seus componentes, pessoas humildes, se entregavam de corpo e alma à Escola. Dos enredos e alegorias, elaborados por artesãos chamados carnavalescos, às

<sup>1</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.28 e 32.

<sup>2</sup> LIESA, Liga Independente das Escolas de Samba. Disponível em: <<http://www.liesa.globo.com>>. Acesso em 15/10/2009.

<sup>3</sup> Id., 2009.

fantasias e bandeiras feitas por costureiras e bordadeiras, tudo vinha da comunidade. Nesta etapa a manifestação de arte era de base popular, pura sem sofrer quaisquer influências estranhas<sup>4</sup>.

Na segunda etapa, 1935 a 1950, a contaminação do folclore é por contágio indireto, pois segundo os autores, a escola de Samba, sendo uma legítima manifestação do folclore urbano, em contato com a civilização, assimila formas novas, desenvolvendo por assimilação, outros padrões positivos e negativos. Os autores mencionam que nesta etapa a contaminação do folclore se faz de forma indireta através da ação do Estado, que exigia uma série de normas como condições de existência legal. O Estado inclui nova roupagem nos antigos blocos e cordões, agora escolas de samba, recaindo exigências básicas do regulamento sobre os sambas enredos<sup>5</sup>.

E finalmente a terceira etapa que é a contaminação do folclore, por contágio direto, que são as pessoas estranhas que se infiltram, participando diretamente das escolas de samba. Para os autores, a manifestação folclórica estritamente segmentar e de consumo limitado à camada social inferior, começou a se transformar em arte de massa, invadindo um mercado pouco sensível, a classe média, assumindo o centro dinâmico das decisões das escolas<sup>6</sup>.

Com isso a problemática que utilizo destes autores é sobre a questão da contaminação do contágio direto que são as pessoas estranhas que se infiltram, participando diretamente das escolas, assumindo o centro dinâmico das decisões. Serve-me também de referência a problemática do segundo autor mencionado, Nelson da Nóbrega Fernandes, para compor este debate historiográfico, onde será analisado o livro: *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados - Memória Carioca - Vol. 3, 1928-1949*, que considera a Escola de Samba, um dos maiores espetáculos festivos da modernidade, sendo uma instituição cultural popular inventada e organizada por grupos sociais das favelas, subúrbios e bairros populares do Rio de Janeiro no final da década de 1920<sup>7</sup>, se contrapondo à Vianna, que afirma que o mistério para o sucesso do samba está na atenção dos intelectuais voltada para o samba<sup>8</sup>.

Portanto a problemática que utilizamos de Nelson da Nóbrega Fernandes, é que as escolas de samba não são prisioneiras incondicionais dos estratagemas da dominação políticoideológica, como deixa a entender Vianna. E que também não são herdeiras de uma tradição africana fossilizada, porque fundamentalmente são criações e tradições modernas, datadas, frutos dos esforços admiráveis de parte do povo carioca, de competências manifestas especialmente em suas lideranças, seus heróis, poetas e anciãos que viveram em certas localidades da cidade do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX<sup>9</sup>.

Para Fernandes, é muito fácil reconhecer as dimensões das escolas de samba a partir de seu espetáculo, de sua contribuição para a cultura festiva da cidade. Bem menos evidente é a constatação da importância que elas puderam ter para as comunidades que lhes deram vida, de como tais instituições culturais tiveram uma função bem objetiva na relação que estes grupos estabeleceram com seu meio ambiente: a favela, o subúrbio e a cidade<sup>10</sup>.

Em fim passaremos a entender como essas problemáticas se encaixam nesse contexto cultural representado pela Escola de Samba Cartolinas de Caxias, buscando a partir de análises realizadas em fontes primárias, tais como, jornais de época, revistas e entrevistas com componentes da extinta Escola de Samba Cartolinas de Caxias e fontes secundárias como obras escritas sobre essa temática que corroboram com essa pesquisa, responder em três capítulos algumas inquietações:

Primeiro Capítulo - Qual era a importância social e cultural da escola de samba Cartolinas de

<sup>4</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. *Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte*. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.289.

<sup>5</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. *Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte*. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.290.

<sup>6</sup> Idem, p. 292.

<sup>7</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados - Memória Carioca - Vol. 3, 2001*.

<sup>8</sup> VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

<sup>9</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados - Memória Carioca - Vol. 3, 2001*.

<sup>10</sup> Id., 2001.

Caxias junto ao Município de Duque de Caxias?

Segundo Capítulo -Como acontece a junção que deu origem a G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio e que direção tomou os sambistas após o fim da “Cartolinhas”?

Terceiro Capítulo -Analisar essa direção tomada pelos sambistas, mapear os que abandonaram a atividade carnavalesca desgostosos com o fim da agremiação, os “orfãos” e aqueles que deram continuidade a essas atividades na G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio ou até mesmo em outras agremiações, os “herdeiros”, codinomes atribuídos neste trabalho.

## CAPÍTULO I

### As Escolas de Samba e importância da Cartolinhas na Cultura de Duque de Caxias (1940-1970).

#### 1.1 – Escolas de samba.

A escola de samba, um dos maiores espetáculos festivos da modernidade, é uma instituição cultural popular inventada e organizada por grupos sociais das favelas, subúrbios e bairros populares do Rio de Janeiro no final da década de 1920. Quando surgiram, o carnaval carioca já era reconhecido internacionalmente uma das maiores festas do gênero, que em grande parte era dominado por manifestações como as grandes sociedades e o curso concebidos e liderados pelas classes superiores da capital do Brasil.<sup>11</sup> Segundo Fernandes, os criadores das escolas de samba não tiveram diante de si um palco festivo vazio e desocupado, cabendo-lhes apenas descer dos morros e subúrbios para ocupá-lo com seu espetáculo, pois, muito pelo contrário, ali existiam competidores respeitáveis como os ranchos, capazes de basear suas exibições e desfiles espetaculares em enredos que reproduziam trechos de óperas clássicas. Os sambistas agiram para alcançar o êxito de deslocar da principal cena festiva da cidade seus antigos ocupantes e, principalmente, se transformaram numa das representações mais inequívocas da cidade e da identidade nacional brasileira.<sup>12</sup>

Estácio de Sá, bairro de bambas, centro de reunião de famosos sambistas, seria palco de um importante acontecimento em torno da década de 30 – a criação do termo Escola de Samba. Alguns sambistas entre eles Ismael Silva, Brancura, Bide e outros, se reuniram com a finalidade de fundar uma agremiação carnavalesca melhor comportada e não violenta, enfim, diferente dos arruaceiros que engrossavam os cordões e blocos da época. Mais experientes e evoluídos eles procuravam à semelhança do Vai Como Pode, primeiro Bloco carnavalesco, que mais tarde deu origem a G.R.E.S Portela.<sup>13</sup>

Com o surgimento das críticas, estes inventores do samba moderno – pois foram seus membros que inventaram o surdo e introduziram a cuica no samba, mudando as batidas do ritmo, o deixando mais cadenciado<sup>14</sup> – respondiam com uma exclamação que também servia de nome à nova agremiação – DEIXA FALAR! O nome pegou e bem logo ficou conhecido. Agora era preciso mudar o nome bloco carnavalesco, procurar uma palavra que melhor expressisse o que pretendiam. A solução veio um pouco mais tarde, por acaso. Como eles costumavam se reunir nas proximidades de uma escola normal, localizada na esquina de Machado Coelho com Joaquim Palhares, se despediam dizendo: “vamos nos encontrar dia tal na escola”. A escola normal ficou desta maneira muito ligada a eles. Daí a se compararem às professoras foi um passo: “elas são professoras de letras e nós, professores de samba. Aquilo é uma escola normal, isto é uma escola de samba”. Esta comparação foi um achado genial, pois também servia ao mesmo tempo – e isto era muito importante – para dar boa impressão da gente que gostava de sambar. A denominação escola de samba soava bem; se é escola, se ensina alguma coisa, deve ser bom. Assim raciocinavam os que atacavam os arruaceiros sambistas dos blocos e cordões.<sup>15</sup>

Do ponto de vista da geografia cultural desenvolvida por Glacken, as instituições que cultivam a música e outras expressões artísticas sempre foram importantes instrumentos para as relações entre o homem e seu meio ambiente, principalmente quando este último se mostra hostil, porque através de tais instituições culturais os grupos sociais podem aprofundar sua coesão, criar identidades e reinterpretar suas vidas, seus espaços vividos, o mundo e seu próprio lugar no mundo.<sup>16</sup> Nos subúrbios e comunidades do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense, as escolas de samba evidenciaram as

<sup>11</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados -Memória Carioca -Vol. 3, 2001.

<sup>12</sup> Id. , 2001, p. XVII.

<sup>13</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.112.

<sup>14</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados -Memória Carioca – pág. 53, Vol. 3, 2001.

<sup>15</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.113.

<sup>16</sup> GLACKEN, Clarence J. Huellas em la playa de Rodas. Naturaleza y cultura en el pensamiento occidental desde la Antigüedad hasta finales del XVIII. Barcelona, Ediciones del Serbal, 1996.

possibilidades de tal interpretação sobre os homens e o meio ambiente, já que através delas estas comunidades segregadas se aglutinaram, ganharam suas próprias vozes e criaram uma expressão festiva de tal potência que, ao menos no campo simbólico, o que nunca é pouco, conquistaram o direito à cidade, num processo em que o samba acabará por se confundido com uma das representações mais clássicas desta nação.<sup>17</sup>

Pelas razões acima mencionadas, Fernandes se opõe aos que reduzem essa trajetória bem sucedida das escolas de samba, a um simples estratagema das classes dominantes para a “domesticação da massa urbana” ou, ainda como instrumento para o enraizamento do mito da democracia racial no Brasil<sup>18</sup>, pois Vianna em seu trabalho atribui o sucesso do samba à elite brasileira, pois segundo ele, o grande mistério da samba, ou seja, o grande salto de uma extremidade à outra – de marginalizado a produto de identidade nacional – começa com a elite pondo fim ao Brasil antigo, agindo como mediadores culturais e de espaços sociais onde essas mediações são implementadas. Vianna também atribui o sucesso do samba a questão da mestiçagem, pois o mesmo faz um paralelo entre o samba e mestiço, ambos discriminados.<sup>19</sup>

Vianna afirma que tudo começa com um encontro de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Neto e Villa-Lobos em uma noite de violão com os músicos Pinxiguinha, Patrício e Donga.

***“O encontro juntava, portanto, dois grupos bastante distintos da sociedade brasileira daquela época. De um lado representantes da intelectualidade e da arte erudita, todos de família brancas e de outro lado, músicos negros ou mestiços saídos da camada mais pobre do Rio de Janeiro.”*<sup>20</sup>**

A partir desse encontro, Vianna credita todo o sucesso do samba aos intelectuais, pois, segundo ele as portas se abrem aos músicos negros e pobres através do prestígio dessa elite agora avessa ao estrangeiro, e que se volta para o país em busca de uma identidade nacional.

É importante deixar claro que entendemos esse período de aversão ao estrangeiro e que em plena *belle époque*, o Rio de Janeiro vivia uma “moda da regionalização” que tomou conta da música popular. Reconhecemos que o mistério do samba de Hermano Vianna é um excelente trabalho acadêmico e referência para tantos outros, porém, chegamos à conclusão que Vianna, credita o sucesso do samba aos intelectuais em detrimento dos músicos negros e pobres oriundos das camadas populares do Rio de Janeiro, onde os mesmos foram perseguidos, agredidos, tiveram que se organizarem, enfrentaram e resistiram aos preconceitos impostos por essa elite de onde surgiram esses intelectuais.

Desta forma, estamos de acordo com Fernandes e Moura, que em sua obra sobre Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro, descreve as rodas de samba na casa de Tia Ciata, na festa da igreja da Penha, local de encontro de operários, trabalhadores e reuniões da fina flor da malandragem e ainda relatos de perseguições da polícia, inclusive em residências, para proibir o samba.<sup>21</sup> Acreditamos que sem essa resistência da camada inferior, ficaria muito difícil o samba se tornar o que veio a ser para o país. Para o samba vir a ser o que é, muitos tiveram seus instrumentos recolhidos e sofreram agressões corporais, mas resistiram para que a “bandeira” desse gênero musical continuasse a tremular. Portanto em Duque de Caxias, tivemos escolas de samba e muitos sambistas que engrandeceram e engrandecem até hoje o nome do Município.

<sup>17</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados -Memória Carioca – pág. XVII, Vol. 3, 2001.

<sup>18</sup> Id., 2001.

<sup>19</sup> VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

<sup>20</sup> VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 20, 2007.

<sup>21</sup> MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro. 2ª edição – Rio de Janeiro, 1995.

## 1.2 – G.R.E.S Cartolinhas de Caxias na cultura de Duque de Caxias.

Em 1939, no Buteco do seu Adilino Quintanilha<sup>22</sup>, é fundada a escola de samba Cartolinhas de Caxias, nas cores azul pavão e amarelo ouro, cuja diretoria era assim formada:

**Presidente:** Jacó Júlio;

**Vice-Presidente:** Arthur Bento;

**Tesoureiro:** Adilino;

**Secretário:** Liquinho;

**Bateria:** Dunga;

**Harmonia:** Mariano;

**Diretoras:** Dona Miúda e Dona Rouxinha

**Baliza e Porta-Bandeira:** Quirino e Dona Horácia

A referida escola nasce do Bloco “Vê se pode”, criado em 1938, por moradores da Barreira, no bairro Itatiaia e esteve para o samba até 1970, ano de seu último desfile. Os primeiros ensaios foram realizados no terreno do Sr. Valdir, localizado na rua Itapemirim, 55

– Vila Itamaraty – Duque de Caxias – RJ e depois sua sede foi transferida para o número 77 da mesma rua. Essa localidade ficou conhecida como barreira, devido ao campo e time de futebol com o mesmo nome. Cabe ressaltar que algumas rodas de samba e reuniões aconteciam na avenida de casas em que moravam alguns desses primeiros fundadores.

As atividades culturais da Cartolinhas de Caxias se desenvolveram ao longo das décadas de 40, 50 e 60 e caminharam, paralelamente com atividades desportivas, como a prática de futebol, atividade esta, que sempre foi parceira do samba, pois os próprios fundadores das primeiras Escola de Samba foram buscar nos clubes de futebol ou entidades recreativas existentes em seus bairros e comunidades, os modelos que necessitavam para confeccionar seus estatutos<sup>23</sup>.

Segundo Oswaldinho da Cuíca, uns dos maiores nome do samba brasileiro, foi umas das precursoras juntamente com a X-9 de Santos, a inserir a frigideira como instrumento de percussão na bateria.<sup>24</sup> Também foi uma das primeiras a desfilar com uma mulher tocando surdo na bateria, quando ainda não se era permitido. Segundo Ney Jorge dos Santos, “Terezão” teve que raspar a cabeça para desfilar e não ser percebida pelos jurados.<sup>25</sup> Os resultados da Cartolinhas de Caxias em desfiles oficiais na Avenida Rio Branco, Avenida Presidente Vargas e Praça Onze, variavam bastante, haja vista que a agremiação não dispunha de muitos recursos para aplicar nos desfiles, como a maioria das escolas na época,<sup>26</sup> porém, a escassez de recursos contrastava com a ótima bateria que a escola dispunha, artesãos e costureiras da própria comunidade que desenvolviam alegorias e fantasias, permitindo o acesso de um elevado número de foliões da comunidade na composição da escola, tornando-a uma escola muito querida e respeitada entre as demais do Rio de Janeiro<sup>27</sup>.

A G.R.E.S. Cartolinhas de Caxias sempre teve tradição e empolgava toda a comunidade com seus desfiles nas ruas dos bairros de Duque de Caxias. Seus ensaios eram bem freqüentados, inclusive por integrantes da Estação Primeira de Mangueira<sup>28</sup> e demais ícones do mundo do samba, assim como, Delegado, Nelson Cavaquinho, Cartola, Paulinho da Viola, Sérgio Cabral, Casquinha entre outros, que freqüentavam também as rodas de samba na casa do compositor Hélio Cabral.

<sup>22</sup> Lobo, Jair -Jornal O Patrono, pág. 12, edição nº 127, Duque de Caxias, outubro de 1997.

<sup>23</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.87.

<sup>24</sup> CUIÇA, Oswaldinho da. Músico e produtor musical. Entrevista concedida à Solange Cavalcante. 2003.

<sup>25</sup> SANTOS, Ney Jorge dos. Músico e ex-componente da Cartolinhas de Caxias. Entrevista realizada em 17/11/09.

<sup>26</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p. 29.

<sup>27</sup> Idem, pág 32.

<sup>28</sup> Jornal Folha da Cidade, 12/08/1956, pág 7.

Através dessas entrevistas, recortes de jornais, revistas e livros, observamos que o carnaval de rua no município de Duque de Caxias nas décadas de 1940 à 1970, era de grande importância para a sociedade local, pois o desfile nas ruas era uma das principais atividades de entretenimento para a grande maioria da população, já que alguns clubes, como a Agremiação Esportiva Aliança, Clube Recreativo Caxiense e Clube dos 500, ficavam restritos a uma pequena e seleta elite do município, pois,

***“Os clubes mencionados eram pouco frequentados pelas camadas populares locais, pois era-lhes dificultado o acesso através da exigência de apresentação de carteira de sócio ou pelos preços proibitivos. As camadas mais pobres procuravam outros espaços como a Caprichosos do Centenário, Baianinhas, União do Centenário, Gramacho, Cartolinhas, Aprendizes do Parque, Belém Futebol Clube e outros com preços mais acessíveis e melhor receptividade.”***<sup>29</sup>

A Cartolinhas de Caxias também nos deu bons frutos e conseqüentemente ao mundo do samba, pois através das pesquisas, descobrimos que além dos fundadores, vários integrantes são citados como peças fundamentais nessas três décadas de existência, são eles: Xandá, Zezinho pé de fumo, Cacá, Claudionor, Tia Edna, Tia Oracília, Dona Maximiliana, Edinho da Cuíca, Ariel, Massantonio, Tio Armando, Zezinho Presidente, Hélio Ruído, Valdir Bicudo, Dona Marlene Grão, primeira Rainha das Escolas de Samba do Brasil, concurso realizado pela UGES (União Geral das Escolas de Samba do Brasil) em 1956, Nei Jorge Santos que começou na bateria da escola e posteriormente integrou o grupo de samba “Os Batuqueiros”, no período de 1972 à 1978, gravando alguns LP, se apresentando em programas de auditório, como, o programa do Chacrinha, Silvio Santos, Globo de Ouro, Som Brasil, Almoço com as Estrelas, de Aerton Perlingeiro e viajando pelo Brasil e pelo mundo com uma Companhia de Dança, com produção de Haroldo Costa. Como músico acompanhante, esteve ao lado de, Zé Kéti, Pery Ribeiro, Bebeto, Bezerra da Silva, Rosemary, Roberto Ribeiro, Erasmo Carlos, Grande Otelo entre outros. Finalmente apresentamos o grande baluarte da Cartolinhas de Caxias, o saudoso Hélio Cabral, compositor de grandes sambas da Cartolinhas e também da Mangueira, cujo mesmo começou como mestre-sala na Cartolinhas e posteriormente passou a compor belos sambas. Este compositor está eternizado na história do samba e merece lugar de destaque em nosso trabalho.

### **1.3 – Hélio Cabral, 1926 a 1997: da Cartolinhas para a Mangueira.**

Mencionamos no subitem anterior alguns nomes de pessoas que tiveram suas passagens marcantes ao longo desses 32 anos de existência da G.R.E.S Cartolinhas de Caxias. Sabemos da responsabilidade de citar nomes, pois, é impossível citarmos todos ou os mais importantes, mas, resolvemos destacar o compositor Hélio Cabral para representar a todos por motivos óbvios: nenhum outro integrante da Cartolinhas e ou até mesmo das co-irmãs da época alcançou vãos mais altos que o referido compositor e, portanto, passemos a descrevê-los:

Hélio Cabral Gomes nasceu em 28 de março de 1926, Tijuca, antiga Barreira do América-RJ e depois de um ano veio para o bairro Itatiaia e posteriormente para a Barreira, local bem próximo ao seu primeiro endereço no Município de Duque de Caxias. Sua entrada no mundo do samba deu-se através do seu irmão mais velho, Djalma, que o levava às rodas de samba do Estácio e da festa da Penha<sup>30</sup>. Participou do Bloco “Vê se Pode” em 1938, onde no ano seguinte se transformou na Escola de Samba Cartolinhas de Caxias. Começou como baliza (mestre-sala) e após alguns anos passou a integrar a ala

<sup>29</sup> MARQUES, Alexandre dos Santos. Militantes da Cultura em uma Área Periférica -Duque de Caxias (1950/1980) -Universidade Severino Sombra, Coordenadoria Geral de Pós-Graduação -Programa de Mestrado em História -Vassouras -RJ -2005.

<sup>30</sup> Lobo, Jair -Jornal O Patrono, pág. 12, edição nº 127, Duque de Caxias, outubro de 1997.

dos compositores, juntamente com seu irmão Djalma, Osmar de Oliveira, Massantônio, Bigode<sup>31</sup>, compondo vários partidos altos, sambas de terreiro e principalmente sambas-enredo, sendo campeão em 1953 com o samba “Benfeitores do Universo”, considerado um dos mais belos sambas de todos os tempos<sup>32</sup>, samba este gravado por Jamelão, Conjunto Nosso Samba e Martinho da Vila em 1980 no álbum Samba Enredo, onde reunira os doze melhores sambas, sobre história do Brasil nas décadas entre 1950 e 1970, na opinião do cantor e compositor.

Em 2008 a cantora Mart'nália segue os passos do pai e lança o CD educativo Aula de Samba, com sambas-enredos que em suas letras, recontam passagens da história do Brasil. A referida cantora utilizou algumas regravações inéditas e regravou apenas cinco dos doze sambas-enredos escolhidos em 1980 no LP de seu pai e entre eles, novamente o “Benfeitores do Universo”, de Hélio Cabral. Este trabalho da cantora Mart'nália foi coroado com grandes

intérpretes da música popular brasileira gravando os sambas e, coube a Zélia Duncan, gravar o samba-enredo do ano de 1953 da Cartolinas de Caxias, onde sua letra dizia:<sup>33</sup>

***Acordem Benfeitores do universo Que vou render tributo aos meus heróis E nesta apoteose à grandeza Eu peço a presença de todos vós De todos vós***

***Antonio Francisco Lisbôa O maior vulto Da arte colonial Pedro Américo, emérito pintor João Caetano, o nosso maior ator Salve José do Patrocínio O denotado baluarte nacional Exaltemos Carlos Gomes Orgulho da nossa terra No cenário musical Ruy Barbosa, símbolo da inteligência Oswaldo Cruz, mártir da ciência Santos Dumont, o pai da aviação E Castro Alves Poeta da abolição Acordem heróis***<sup>34</sup>

Encontramos um outro samba, datado de 1947, no início da guerra fria e que fazia exaltação a Luiz Carlos Prestes. Fernandes argumenta que as Escolas de samba não são prisioneiras incondicionais dos estratégias da dominação político-ideológica do Estado e nos apresenta uma “parceria” entre o Partido Comunista e a União Geral das Escolas de Samba do Brasil (UGES), onde várias escolas fizeram sambas-enredos para Prestes.<sup>35</sup> A Tribuna Popular, jornal que prestigiava as escolas filiadas a UGES, visitou a Cartolinas de Caxias,

***Onde ouviu o samba “Exaltação à Prestes”, do compositor Hélio Cabral, que nos parece o mais contundente que encontramos:***

***Defensor do povo Terror dos fascistas Senador do Partido Comunista Prestes! Prestes! Prestes! Tens vitalidade Prestes! Prestes! Homem de verdade***

***O povo te proclama cavalheiro da esperança Contra o opressor, contra a tirania Sei que, enquanto viver, lutarás A tua luta em prol da democracia E pelo povo trabalhador***<sup>36</sup>

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.67.

<sup>33</sup> <http://blogdomauroferreira.blogspot.com/2008/02/martnalia-reproduz-aula-de-samba-de.html>. Acesso em 11/12/09, às 20:25.

<sup>34</sup> CABRAL, Hélio. Cruzeiro do Samba: revista dos compositores da Capela, Mangueira, União do centenário e Cartolinas, Pág 42, 1965.

<sup>35</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados -Memória Carioca -Vol. 3, p. 133, 2001.

<sup>36</sup> Id., p. 133, 2001.

Hélio Cabral era um autodidata e aprendeu a tocar violão sozinho, no período de dois anos, em esteve internado em um hospital em Petrópolis.<sup>37</sup> Participou de shows no teatro opinião juntamente com o compositor Silas de Oliveira, no movimento de resistência contra a ditadura militar<sup>38</sup>. Diante de tanta contribuição ao mundo do samba, a Cartolinas de Caxias e o próprio Município já não suportavam mais a grandeza do compositor Hélio Cabral, e em 1960, o mesmo se transferiu para a Mangueira, onde recebera um convite do compositor “Pelado”, participando no ano seguinte da disputa de sambas de terreiro, concorrendo com o samba “Semente do Samba”, ficando em segundo lugar. Este samba foi gravado por Jamelão, Clementina de Jesus e Elizete Cardoso, onde sua letra dizia:

***Mangueira tem Um grande plantio de bamba Que dá o fruto que chamamos samba Saboroso e faz um bem Eis a razão porque de ano para ano A sua Estação Primeira evolui O samba nasce da semente E a semente do samba Só a Mangueira possui.***

***Sirva-se a vontade A Mangueira é anfitriã Quem faz o convite é a grande campeã Mangueira não pode parar Mangueira não pode falhar Mangueira faz hoje O sambista de amanhã***<sup>39</sup>

Aposentou-se como funcionário civil da Marinha do Brasil e ficou imortalizado na galeria de compositores da Mangueira, reconhecimento merecido em CD duplo, somente com compositores da referida escola, como, Cartola, Nelson Sargento, Heitor dos Prazeres, Pelado, Cumprido, Brogogério, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaça entre outros. Hélio Cabral faleceu em 23 de outubro de 1997, mas seu nome sempre é citado em trabalhos sobre a Mangueira. Sua matrícula de número 16 está na relação dos compositores imortalizados da Estação Primeira de Mangueira<sup>40</sup>.

Para Jair Lobo – parceiro de Hélio Cabral e uns dos responsáveis juntamente com Beto do Cavaco pela homenagem através do projeto Memória Viva, onde se reúnem depoimentos de ex-integrantes da Cartolinas de Caxias, shows e rodas de samba em tributo ao saudoso compositor – apesar desse invejável currículo, Cabral, não teve um reconhecimento à altura do seu trabalho, a não ser algumas simples apresentações promovidas junto com a Secretaria de Cultura de Duque de Caxias. No entanto Lobo cita que em suas andanças por aí, sentia-se confortado quando ouvia o nome de compositor Hélio Cabral citado por gente do gênero que conhece bem do assunto como Albino Pinheiro, Sérgio Cabral, Nelson Sargento, Derly, Birão, Leci Brandão, Tia Zica, Donna Neuma, fazendo menção aos seus dotes que podem ser inseridos entre os grandes nomes do mundo do samba.<sup>41</sup>

Temos a certeza de que tudo o que foi produzido para resgatar a memória do compositor Hélio Cabral, com exceção do vídeo Memória Viva, ainda está muito aquém do devido valor histórico cultural do compositor Hélio Cabral no mundo do samba, mas, sobretudo como um dos precursores do samba em Duque de Caxias. Portanto acreditamos estar contribuindo com esse trabalho no tocante ao resgate das escolas de samba que carregaram, de forma esplendorosa e pioneira, a bandeira do samba em Duque de Caxias e certamente deixaremos algo escrito para futuras pesquisas envolvendo o compositor Hélio Cabral e a G.R.E.S Cartolinas de Caxias.

<sup>37</sup> SOUZA, Adauto Caetano de. Genro do compositor Hélio Cabral. Entrevista realizada em 08/12/09.

<sup>38</sup> CABRAL, Hélio. Projeto Memória Viva. Secretaria Municipal de Cultura de Duque de Caxias, 1998.

<sup>39</sup> CABRAL, Hélio. Cruzeiro do Samba: revista dos compositores da Capela, Mangueira, União do centenário e Cartolinas, Pág 42, 1965.

<sup>40</sup> SILVA, Marília T. Barboza da. e FILHO, Arthur L. de Oliveira. Fala Mangueira – Livraria José Olympio Editora, anexo VII, Pág 162, 1980.

<sup>41</sup> Lobo, Jair -Jornal O Patrono, pág. 12, edição nº 127, Duque de Caxias, outubro de 1997.

## CAPÍTULO II

### Da união à centralização: Os contágios e os fatores positivos e negativos.

#### 2.1 – O sonho de uma Escola mais competitiva

Após compreendermos o cenário cultural do Município de Duque de Caxias no período estudado, apresentarmos a Escola de Samba Cartolinhas de Caxias e seus baluartes, dentre eles o saudoso sambista Hélio Cabral, passaremos a relacionar o debate bibliográfico entre os autores dos livros que ajudam a fundamentar este trabalho, com as peculiaridades existentes nas escolas de samba e também abordaremos neste capítulo a união das quatro escolas do município de Duque de Caxias em 1971 – Cartolinhas de Caxias, União do Centenário, Capricho do Centenário e Unidos da Vila São Luiz – na perspectiva de se lançarem como uma escola mais competitiva no cenário do carnaval carioca, seguindo o exemplo da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis.

Com a junção das quatro escolas que deu origem à G.R.E.S. Grande Rio em 1971, o município de Duque de Caxias passa a ser representado por apenas uma agremiação no carnaval carioca, porém seus desfiles e os resultados ficam muito aquém daquilo que se desejava alcançar. A idéia de juntar as quatro e formar apenas uma, parecia ter êxito, porém não foi o que aconteceu, pois, a escola perde em quantidade e qualidade com a saída de muitos sambistas que não aceitavam essa junção, pois, já estavam enraizados em suas agremiações e simplesmente não aderiram essa idéia. A escola fica dezessete anos tentando se firmar entre as demais, mas devido alguns fatores negativos, dentre eles, a rivalidade que existia entre as quatro precursoras, principalmente entre Cartolinhas e União do Centenário, comprometeu toda a harmonia, todo o conjunto e conseqüentemente a estrutura da escola. Essa matéria que encontramos em um jornal retrata bem o que acontecia no início da fusão:

*“Vejam como a organização é mais importante do que a quantidade. O Bloco Carnavalesco Lá e Cá de Bento Ribeiro, consegue reunir em seus ensaios muito mais sambistas do que a Grande Rio e o Tigre de Caxias. Por sinal comentam que no dia 7 será a escolha do samba-enredo da Grande Rio. Não sabemos de divulgação, mais de qualquer maneira vamos comparecer para conferir.”<sup>42</sup>*

Cabe ressaltar que nesse período de dezessete anos a Escola de Samba Grande Rio se mantém sem patrono e apresentando carnavais de pouca expressão. Porém, em 1988 a Escola de Samba Grande Rio passa por uma drástica mudança, incluindo a alteração das cores, o nome, e a mais radical e importante, que é a centralização das decisões da escola, cujas quais, colocariam a agremiação em um caminho, ou em uma forma de administrar, com foco direcionado à mídia em detrimento do folião.

A escola ganha projeção subindo para o grupo de acesso e posteriormente para o grupo das campeãs e passa a ter notoriedade nos anos posteriores, porém, as principais decisões, antes de competência da comunidade, agora são de competência de uma única pessoa que passa a comandar a escola e que de certa forma, será o divisor de águas, pois a Acadêmicos do Grande Rio sofrerá um êxodo de foliões ainda maior do que na junção das escolas de samba Cartolinhas de Caxias, União do Centenário, Capricho do Centenário e Unidos da Vila São Luiz, causando um distanciamento ainda maior dessas comunidades para com a escola.

É importante mencionar que esse êxodo de foliões não compromete a escola, pois, na verdade o que acontece é um rodízio e, novos foliões vão chegar para dar continuidade nas atividades

---

<sup>42</sup> Barbosa, Nelson da Costa – Jornal: Folha da Cidade, Duque de Caxias, 06/01/1973, pág. 4.

carnavalescas, mas, sem aquele vínculo com as escolas precursoras do samba em Duque de Caxias. Desde então a Acadêmicos do Grande Rio adota uma estratégia de visibilidade perante a mídia, exaltando artistas “globais” e celebridades em detrimento dos artistas da nossa Baixada, como no caso de Hélio Cabral. Esse novo papel da Escola para com a sua comunidade será analisado no terceiro capítulo como respostas de algumas hipóteses, levantadas em nosso trabalho e que veiculam no mundo do samba – como é o caso da estigmatização da escola no tocante à “raiz”, “chão”, “comunidade”, que dizem que a escola não possui – e que muito entristece a todos os caxienses, pois como vimos no capítulo anterior, Duque de Caxias sempre “respirou” samba.

## 2.2 -Os contágios e os seus fatores.

Não nos cabe aqui neste trabalho analisar decisões e formas de tratamento da atual presidência da G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio, para com os integrantes da escola, mais sim as conseqüências sofridas por estes. Fazendo uso do teórico Amaury Jório e Hiram Araújo, passaremos a classificar essa nova fase da escola, sob as ordens de um Patrono, como **contaminação do folclore por contágio direto**, terceira etapa de sua tese e problemática central deste capítulo. Sobretudo, para entendermos melhor essa terceira etapa, analisaremos cronologicamente as anteriores.

Para Jório e Araújo, a 1ª etapa seria a da **pureza**, com as Escolas de Samba mantendo se praticamente puras no período compreendido entre as origens até 1935. Podemos observar através da seguinte passagem:

*“Seus componentes – pessoas humildes – se entregavam de corpo e alma à Escola. A arte de sambar se amparava economicamente, na ajuda dos próprios sambistas. Havia o que se podia chamar SOLIDARIEDADE de GRUPO. Todos se cotizavam, estabelecendo mensalidades, religiosamente cumpridas. As cotas de trabalho também eram ofertadas com desprendimento, de acordo com as aptidões de cada um. Dos enredos e alegorias, elaborados por artesãos chamados carnavalescos, às fantasias e bandeiras feitas por costureiros e bordadeiras, tudo vinha da comunidade. Nesta etapa a manifestação de arte era de base popular pura sem sofrer quaisquer influências estranhas.”<sup>43</sup> **Grifos meus***

Esta 1ª etapa aparece bem representada explicitamente nos jornais de época e nas entrevistas com ex-foliões da Escola de Samba Cartolinhas de Caxias e serão problematizadas no último capítulo deste trabalho. Já na 2ª etapa, os autores mencionam que há uma **contaminação do folclore por contágio indireto**, através da ação do Estado, exigindo uma série de normas como condições de existência legal. Segundo o autor, esta etapa se inicia quando as Escolas de Samba são reconhecidas oficialmente no ano de 1935 e se estende até o fim da década de 50.

*“Vistas com desconfiança as Escolas de Samba lutavam, nos primeiros anos de existência, por destruir toda má impressão deixada por seus antepassados. Agora, corrigida a desordem estrutural encontravam, como era natural, uma certa resistência e mesmo descrédito. Neste instante entra a ação paternalista do Estado. Estamos em 1935. Organiza-se um regulamento no qual são impostas determinações. A fiscalização do cumprimento destas*

<sup>43</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.290.

*determinações, seria feita durante o DESFILE OFICIAL.”*

*“De agora em diante, as Escolas seriam obrigadas a elaborar um tema sobre fatos, personagens, lendas, heróis datados e acontecimentos brasileiros e transmiti-lo através do canto (samba enredo), fantasias e alegorias.”<sup>44</sup>*

*“Os heróis de guerra foram exaltados quase rotineiramente. Nesta etapa desenvolveu-se um ciclo de enredos patrióticos. Criou-se, inclusive, a crença de que era obrigatório relatar fatos épicos da História do Brasil.”<sup>45</sup>*

Essa 2ª etapa não terá uma atenção especial em nosso trabalho, pois, considero ser uma temática bem específica essa questão do Estado, merecendo uma atenção muito especial e detalhada e podendo se tornar um objeto de estudo futuramente. Até porque não concordamos totalmente com essa 2ª etapa, mas sim ao trabalho de Nelson da Nóbrega Fernandes que se contrapõe ao envolvimento do Estado no Samba e tendo como principal argumento uma “parceria entre a União Geral das Escolas de Samba e o Partido Comunista no início da Guerra Fria”, como vimos no capítulo anterior.

Apresentaremos então a 3ª e última etapa que é a **contaminação do folclore, por contágio direto**, onde os autores afirmam começar no fim da década de 50 e estender-se até os dias de hoje sendo, portanto, a idéia central deste trabalho. Segundo os autores nesta etapa acontece a contaminação do folclore por contágio direto, se caracterizando pela infiltração de pessoas estranhas, participando diretamente nas Escolas de Samba. Essa contaminação traria fatores positivos e negativos, sendo que os positivos não colocariam em risco a sobrevivência da Escola, ao passo que os negativos representariam uma ameaça a mesma. Os fatores positivos estariam ligados a alguns intelectuais que modificam o rígido panorama dos enredos, como no caso de Nelson de Andrade e Dirceu Nery que realizam o primeiro carnaval revolucionário em 1959 – DEBRET. O espetáculo visual foi aperfeiçoado, os sambas enredos sofreram modificações, se tornando mais livres e menos artificiais.

Quanto aos fatores negativos, os autores citam dentre eles o artificialismo e o individualismo, sendo artificialismo a quebra da autenticidade e espontaneidade das Escolas, exagerado esquema luxo-riqueza, de custo alto e manutenção difícil. A coletividade humilde e pobre contrasta com as sofisticadas exposições de riqueza afetadas e desnecessárias. Dessa forma:

*“Os componentes, pouco a pouco, vão sendo afastados por falta de suporte econômico; muitos sambistas deixam de sair porque não podem mais fazer as fantasias.”<sup>46</sup>*

*“A manutenção do esquema luxo-riqueza em ritmo altamente crescente, dentro em pouco, em nossa opinião, tornar-se-á insustentável, poucas escolas conseguirão resistir a esta prova.”<sup>47</sup>*

Notem que como mencionamos no primeiro capítulo, o livro Escolas de Samba em Desfile: vida paixão e sorte de Hiram Araújo e Amaury Jório é uma obra de 1969 e nesta época os autores já vislumbravam a idéia de um declínio de algumas Escolas, em virtude dos fatores negativos apresentados nesse contágio direto. É o que acontece com as Escolas do município de Duque de Caxias, pois, os resultados não apareciam e então surge à decisão de unir as quatro escolas de Duque de Caxias em 1971 com a finalidade de uma boa representação para o município, mas infelizmente como vimos, não

<sup>44</sup> Idem, pág. 291.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Idem, pág. 295.

<sup>47</sup> Idem.

logrou muito êxito. Quanto ao individualismo, os autores mencionam que seria a exaltação das qualidades individuais, em detrimento da coletividade.

*“A sede de aparecer, faz com que muitos transformem as Escolas em passarelas de promoção pessoal: um atendimento às suas vaidades transviadas. (...) A escola é apenas um veículo.”<sup>48</sup>*

Até os próprios sambistas são contaminados; entram na roda viva e se recusam a sair nas alas, querendo um lugar de maior projeção. A velha e tradicional solidariedade vai cedendo lugar ao individualismo. E finalmente quanto aos patronos, os autores afirmam que são pessoas de grandes recursos financeiros que investem seus capitais nas Escolas de Samba e às vezes usam as Escolas para satisfazer vaidades pessoais. Assumem postos de grande importância e atraem para si uma publicidade exagerada.

Portanto serve-me como referência essa última etapa, que é a contaminação do folclore por contágio direto, justamente no aspecto dos fatores negativos, pois como vimos no primeiro capítulo, existia uma atividade cultural intensa em Duque de Caxias no tocante as Escolas de Samba, Blocos Carnavalescos e Concursos – já que se tornava bem mais viável financeiramente aos foliões do que os bailes realizados nos clubes – e existia uma identificação muito forte do folião para com as Escolas do município.

### 2.3 – O divisor de águas.

Com a chegada da família Soares na Escola de Samba Grande Rio, chega junto também uma grande mudança, sobretudo em todos os aspectos, pois, os altos investimentos começam a serem lançados na Escola – onde Jório e Araújo identificam como artificialismo, já que se inicia um exagerado esquema luxo-riqueza, de custo alto e manutenção difícil, fazendo a mesma despontar e, após quatro anos da chegada de seu patrono, a Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio já desfilava no Grupo Especial (1992), com uma grande quantidade de artistas conhecidos na mídia, porém, estranhos à Escola. Nascia então, uma Grande Rio totalmente diferente daquela sem expressão no carnaval do Rio de Janeiro, mas que de certa forma valorizava seus foliões e sua comunidade. Se por um lado temos o fator positivo com a escola despontando e mostrando-se bem mais competitiva – a ponto de hoje ser a segunda no ranking da LIESA<sup>49</sup> – por outro temos uma história de quatro fantásticas precursoras escolas sendo esquecidas por essa luxuosa escola, agora em ascensão.

Gostariamos de deixar claro mais uma vez que não fazemos nenhum tipo de retaliação a atual diretoria da G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio, mas podemos afirmar que há uma grande incoerência com relação ao tratamento dispensado aos foliões das quatro escolas precursoras do samba em Duque de Caxias, pois segundo Fernandes:

*“As escolas de samba são criações e tradições modernas, datadas, frutos dos esforços admiráveis de parte do povo carioca, de competências manifestas especialmente em suas lideranças, seus heróis, poetas e anciãos que viveram em certas localidades da cidade do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX.”<sup>50</sup> Grifos meus*

Lideranças essas que mencionamos no capítulo anterior e que representaram muito bem o samba de Duque de Caxias, perante o cenário nacional, pois como vimos esses nossos baluartes estão

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> LIESA, Liga Independente das Escolas de Samba: sítio [www.liesa.globo.com](http://www.liesa.globo.com)

<sup>50</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados -Memória Carioca -Vol. 3, 2001.

inseridos na história do samba e tem o reconhecimento de críticos do gênero que os colocam em lugar de destaque. Estamos de comum acordo quanto ao fortalecimento e renascimento da Grande Rio, sabemos da importância da família Soares na colocação da escola em igualdade de competição com as demais escolas do grupo especial, fato este, que nos traz felicidade, mas, como dito anteriormente a escola deixa a desejar muito no tratamento dispensado ao seu maior patrimônio, que são os foliões.

Segundo Mariath, filha do compositor Hélio Cabral, muitas pessoas ligadas ao samba, sempre questionam o porquê da não inclusão do compositor Hélio Cabral no enredo de 2008 quando a Grande Rio canta a história do Município e faz uma homenagem ao samba em Duque de Caxias<sup>51</sup>. No entanto para Jair Lobo, ao se falar de samba em Caxias, o nome de Hélio Cabral deverá ser lembrado. Concordamos com Jair Lobo e sabemos da importância do mestre Hélio Cabral no samba, assim como alguns anônimos do samba em Caxias, mas, sobretudo alguns teóricos como Sérgio Cabral, Nelson da Nóbrega Fernandes e Hiran Araújo, que possuem belos trabalhos sobre o samba e que mencionam o nome do nosso eterno mestre.

## CAPÍTULO III

### Órfãos e Herdeiros

Neste último capítulo, analisaremos o rumo desses componentes após o fim da Cartolinas de Caxias sobre uma perspectiva dos que deram continuidade às atividades ligadas ao mundo do samba, “os herdeiros”, e os que talvez desgostosos com o fim da agremiação, deram fim a sua participação nas atividades carnavalescas, que são os “órfãos” do samba em Duque de Caxias. Para analisar essa trajetória, fizemos algumas entrevistas com ex-integrantes da Cartolinas de Caxias e alguns familiares próximos e pudemos constatar que a maioria dos integrantes não queria a junção das quatro escolas, pois todos estavam muito ligados as suas agremiações por um período de mais de três décadas.

Segundo o penúltimo presidente da Cartolinas de Caxias,<sup>52</sup> José Garcia, o mesmo chegava ficar dois dias sem ir a sua residência em dias de desfiles, para posicionar a escola nos locais dos desfiles, demonstrando de amor à sua escola. José Garcia de Almeida Filho, nascido em 26/10/1931, chegou muito novo à Cartolinas de Caxias e logo foi presidente da ala das baianas. Após mostrar muita competência e liderança perante seu grupo de senhoras, foi aclamado para a presidência onde permaneceu no período de 1965 a 1969. O mesmo conta, que o seu sucessor na presidência da escola foi quem entregou a escola para a junção das quatro e formação da escola de samba Grande Rio em 1971.

Com o fim da Cartolinas, José Garcia abandona as atividades do samba, pois após viver muitos anos de dedicação à sua agremiação, não conseguiu superar o fim da mesma. Assim como muitos sambistas, Zezinho presidente, não adere à junção das quatro escolas e confessa que o samba em Caxias teve uma grande perda com o fim da Cartolinas. Já o Compositor Armando, diz também que não deveria ter acontecido a fusão das quatro grandes de Duque de Caxias, pois já na fusão, acontece um abandono de muitos foliões.<sup>53</sup> Segundo o compositor Armando Lemos, 73 anos, a Cartolinas não morreu e não vai morrer nunca. Uma verdadeira demonstração de amor à ex-escola que começou a frequentar ainda novo quando namorava sua esposa, que morava perto do terreiro da escola. O compositor Armando lembra dos encontros com Hélio Cabral e Nelson Cavaquinho, e nos apresenta um trecho de um lindo samba que fez para sua mãe, que era paraplégica:

<sup>51</sup> SOUZA, Mariath de. Filha do compositor Hélio Cabral. Entrevista gravada em 08/12/09.

<sup>52</sup> FILHO, José Garcia de Almeida. Ex-Presidente da Cartolinas de Caxias. Entrevista gravada em 19/07/09.

<sup>53</sup> LEMOS, Armando. Compositor de sambas de terreiro da Cartolinas. Entrevista gravada em 30/11/09.

*“Andar,  
Quando eu falo vem andar  
Eu lembro de minha mãe  
Me dá vontade de chorar* } Bis

*Minha mãe já andou,  
Já dançou, já sambou  
Hoje vive sentada  
Pedindo perdão ao nosso senhor.*

*Já fiz uma promessa  
Ao nosso Senhor  
Faça com que minha mãe ande  
Mais cedo ou mais tarde  
Eu pago ao Senhor.”<sup>54</sup>*

Armando se diz apaixonado até hoje pela Cartolinhás de Caxias e com o fim da escola, suas relações com o samba esfriam, pois, chegou a freqüentar alguns ensaios da Grande Rio, mas não permaneceu na escola.<sup>55</sup> Jorge dos Santos, muito conhecido como Jorge Bicudo, nascido em 05/08/59, é filho do Diretor de Bateria Valdir Bicudo e acompanhou a Cartolinhás ainda muito novo também, pois segundo ele, o quarto de sua casa ficava ao lado da bateria da escola de samba. Jorge Bicudo vendia doces, ainda muito novo na porta da agremiação e como todos os entrevistados, tem uma relação muito forte com a extinta escola. Chegou a dizer que Barreira e Cartola andavam juntos e, quando a Cartolinhás acabou, a Barreira também acabou.<sup>56</sup> Este passou a freqüentar a Império Serrano, pois segundo o próprio, Caxias ficou carente de samba. Jorge Bicudo, assim como o Compositor Armando, disse ainda ser Cartolinhás. Para Jorge, a finalidade de juntar as quatro escolas era para fazer uma escola forte, mas segundo ele, isso nunca aconteceu, pois, a rivalidade entre as escolas era muito grande e esse foi um dos motivos do fracasso da junção entre as quatro escolas.<sup>57</sup>

Segundo Ney Jorge Santos, nascido em 25/11/48 e ritmista que começou na Cartolinhás aos doze anos de idade, a escola era motivo de orgulho para todos do Município, mas principalmente para quem vivia e morava na Barreira.<sup>58</sup> Ney começou sua participação na escola aos sete anos de idade, fazendo figuração de pescador em um enredo e posteriormente integrou a bateria da escola. O motivo de ingressar muito cedo na escola deve-se aos seus avôs que foram um dos fundadores da escola e posteriormente seus pais. Sua mãe chegou a ser umas das primeiras porta-bandeiras, fazendo par com o baliza (mestre-sala) Hélio Cabral e posteriormente Claudionor.<sup>59</sup>

Ney Jorge dos Santos foi um dos poucos entrevistados que continuaram suas atividades no samba, porém, suas atividades não estavam ligadas à nenhuma escola de samba, pois, após o fim da Cartolinhás, Ney foi convidado a integrar o conjunto “Os Batuqueiros” em 1972, dando início à uma grande carreira artística. O convite partiu de amigos que também pertenceram à Cartolinhás e por isso a agremiação tem grande e especial importância em sua vida. Em sua opinião, a Cartolinhás foi muito importante não só para o Município de Duque de Caxias, mas, sobretudo para o Rio de Janeiro, pois, a escola era muito respeitada e recebia muitos convites para desfilar em Cordovil, Penha, Braz de Pina, Jacarepaguá e outros bairros do Município do Rio de Janeiro, juntamente com as grandes escolas como Mangueira, Portela e Império.<sup>60</sup>

<sup>54</sup> Id., 2009.

<sup>55</sup> Id., 2009.

<sup>56</sup> BICUDO, Jorge. Filho do Diretor de Bateria Valdir Bicudo. Entrevista gravada em 11/09/2009.

<sup>57</sup> Id., 2009.

<sup>58</sup> SANTOS, Ney Jorge dos. Músico e ex-componente da Cartolinhás de Caxias. Entrevista realizada em 17/11/09.

<sup>59</sup> Id., 2009.

<sup>60</sup> Id., 2009.

Recentemente Ney recebeu convite para participar da Velha-Guarda musical da Grande Rio, mas em virtude dos trabalhos que realiza como músico, não foi possível aceitar o compromisso. Ele diz que gostaria de participar, mas no momento ainda não dá. Segundo Ney, a velha-guarda da Acadêmicos do Grande Rio quase não tem integrantes que pertenceram a Cartolinhas de Caxias. Na velha-guarda musical ele sabe que tem o Dagoberto, mas no geral ele diz não saber da existência de ex-integrantes da Cartolinhas de Caxias<sup>61</sup>. Para Tia Edna, nascida em 1938 – destaque como Iracema no enredo de 1960 da Cartolinhas – a escola teve grande importância em sua vida, pois sua mãe, Rouxinha, foi uma das fundadoras da escola e, “Iracema de José de Alencar”, enredo de 1960, ficou marcado para sempre em sua vida.<sup>62</sup> Tia Edna é mais uma integrante que abandona as atividades ligadas ao samba com o fim da Cartolinhas.

Em fim colhemos várias entrevistas com o pessoal da Cartolinhas de Caxias e notamos que após o fim da escola, encerram-se as atividades carnavalescas daquela localidade, pois, a comunidade da Barreira caminhava junto com a escola. Todos os entrevistados dizem que hoje torcem pela escola do nosso Município, mas não deixaram de ser Cartolinhas. Podemos dizer que esses integrantes ficaram órfãos do samba tradicional, ou seja, o samba que respeita seus baluartes, fontes inesgotáveis de conhecimento e sabedoria. Samba este que preserva suas raízes, resguardando seu maior patrimônio que são os integrantes daquela agremiação.

Portanto, encerramos esse capítulo com a certeza de que o Município de Duque de Caxias tem um grande legado no samba, porém uma grande parte desse legado ficou esquecida com a conturbada fusão entre Cartolinhas de Caxias, União do Centenário, Capricho do Centenário e Vila São Luiz. A não adesão da grande maioria ligada ao samba do Município, nessa fusão, foi fator preponderante na descontinuidade de um samba tradicional, gerado e cultivado no seio de uma ou mais comunidades, transformando-os muito mais em órfãos do que herdeiros do samba em Duque de Caxias.

---

<sup>61</sup> Id., 2009.

<sup>62</sup> TIA Edna. Destaque da Cartolinhas de Caxias como Iracema no enredo de 1960. Projeto Memória Viva: Hélio Cabral. Produzido e dirigido por Beto do Cavaco e Jair Lobo, 1998. DVD, son, color.

## CONCLUSÃO

Depois de alguns meses de pesquisas, conseguimos garimpar um vasto material que particularmente consideramos uma vitória para a história do nosso Município. Material este onde se encontram entrevistas realizadas com ex-integrantes da Cartolinas de Caxias, vídeo do Projeto Memória Viva em homenagem ao compositor Hélio Cabral, realizado pela Secretaria de Cultura do Município, recortes de jornais e revistas da época ratificando as entrevistas dos ex-integrantes, algumas bibliografias e ainda algumas matérias coletadas na internet. Temos a certeza de que fizemos um bom trabalho, porém, sempre fica uma leve sensação de que poderíamos ter dado algo a mais em virtude da importância do tema apresentado.

Neste trabalho abordamos o papel das escolas de sambas e suas importâncias na cultura do Município de Duque de Caxias entre as décadas de 1940 e 1970. Vimos que a escola de samba é instituição cultural popular inventada e organizada por grupos sociais das favelas, subúrbios e bairros populares do Rio de Janeiro<sup>63</sup>. Apresentamos a G.R.E.S. Cartolinas de Caxias e seus baluartes, considerados juntamente com integrantes da União do Centenário, Capricho do Centenário e Vila São Luiz, pioneiros do samba no Município. Explanamos um pouco do legado deixado por Hélio Cabral – compositor da Cartolinas – ao mundo do samba, mas, sobretudo ao Município de Duque de Caxias, nos enchendo de orgulho.

Apresentamos a tentativa de se fazer uma escola competitiva em Duque de Caxias, com a formação da Escola de Samba Grande Rio, através da junção da Cartolinas de Caxias, União do Centenário, Capricho do Centenário e Vila São Luiz. Tentativa esta que não logrou muito êxito, pois, como vimos anteriormente a junção não foi bem absorvida por integrantes destas quatro agremiações por diversas hipóteses levantadas por nós, dentre elas a rivalidade existente entre as escolas do Município de Duque de Caxias no período estudado. Abordamos essa transformação em que a comunidade participava das decisões e ordens no final da década de 40, mas que já não participava nos anos posteriores.

Trabalhamos essa transformação através da análise crítica dos teóricos Amaury Jório e Hiran Araújo, em relação às três etapas das escolas de samba que são a pureza, no período que transcorre das origens até 1935, onde a manifestação de arte era de base popular pura sem sofrer quaisquer influências estranhas<sup>64</sup>; a contaminação do folclore, por contágio indireto, onde os autores citam a ação paternalista do Estado, criando normas para oficializar os desfiles; e finalmente a terceira etapa que é a contaminação do folclore, por contágio direto, positivamente com a entrada de intelectuais como Nelson de Andrade, modificando o rígido panorama dos enredos ou negativamente com pessoas que vão quebrar a autenticidade e espontaneidade das escolas, optando pelo artificialismo, individualismo e o gigantismo, causando um exagerado esquema luxo-riqueza de custo alto e manutenção difícil<sup>65</sup>.

Fizemos um paralelo dessa terceira etapa com a atual presidência da Acadêmicos do Grande Rio, pois em nossa opinião, com a chegada da família Soares em 1988 na Acadêmicos de Duque de Caxias, onde no mesmo ano de sua fundação, após um acordo, pegou o nome e o lugar de desfile no segundo grupo da Escola de Samba Grande Rio – pois do contrário começaria no quinto grupo – as coisas mudam e a escola entra no exagerado esquema luxorriqueza. Esquema este que já vinha dominando os desfiles do carnaval do Rio de Janeiro há muitos anos e que, sem um patrono não seria possível a Acadêmicos do Grande Rio hoje com 21 anos de fundação, estar na segunda posição no ranking da LIESA,<sup>66</sup> a frente de escolas com mais de meio século de existência. Finalizando, fizemos algumas gravações com ex-integrantes da extinta Cartolinas de Caxias e constatamos que o Município

<sup>63</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados -Memória Carioca – Vol. 3, 2001.

<sup>64</sup> JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiram. Escolas de samba em desfile – vida, paixão e sorte. Rio de Janeiro: Editora GB, 1969, p.290.

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> LIESA, Liga Independente das Escolas de Samba. Disponível em: <<http://www.liesa.globo.com>>. Acesso em 15/10/2009.

herdou um legado cultural dessas quatro agremiações precursoras, porém, hoje podemos dizer que este legado ficou esquecido pela Acadêmicos do Grande Rio, pois nada se é trabalhado em prol do resgate dessa cultura do Município. Hoje ficamos orgulhos de ver nossa escola G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio como uma escola de ponta, mas que ainda está longe de ser uma escola “comunidade”, pois sua política de prioridade aos artistas da mídia em detrimento aos artistas da comunidade, criada desde o primeiro desfile em 1988, já está enraizada nos pilares da escola.

Na última semana do mês de novembro do corrente ano, ficamos surpresos e esperançosos, quando da apresentação – em uma emissora de radiodifusão – do samba-enredo e enredo que a Acadêmicos do Grande Rio apresentará no carnaval de 2010. Para nossa surpresa, a matéria dizia que a escola estuda um projeto para no futuro escolher a Rainha de bateria da escola, em concurso realizado somente com meninas da comunidade. Estamos acreditando que as coisas na agremiação podem estar guinando para um caminho certo, pois, em uma escola de samba os verdadeiros artistas são seus componentes.

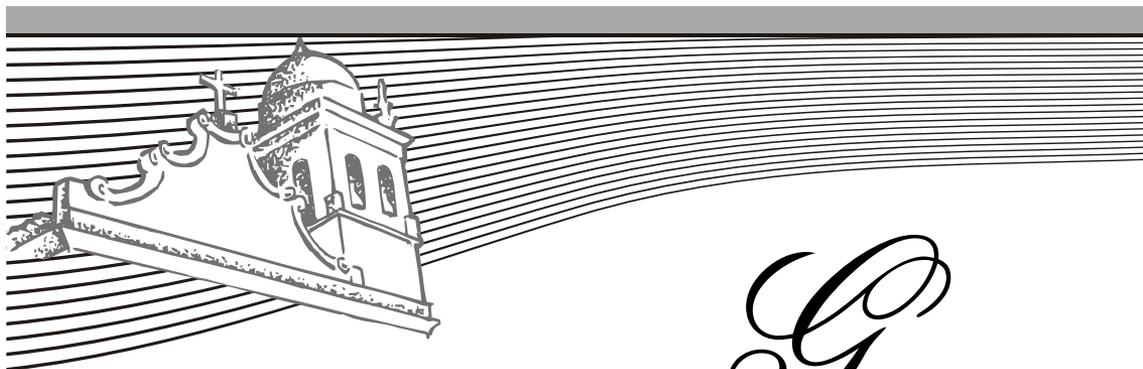
Portanto, acreditamos que demos uma pequena contribuição para com a cultura do nosso Município, pois, novos trabalhos hão de surgir, não só no que tange à Cartolinhas ou Hélio Cabral, mas, sobretudo às outras co-irmãs precursoras do samba em Duque de Caxias. Disponibilizaremos cópias de todo o material conseguido, no Instituto Histórico de Duque de Caxias, na certeza de que as pesquisa continuarão.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Hiran; JÓRIO, Amauri. Escolas de Samba em desfile: vida paixão e sorte. Poligráfica, GB, 1969.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. 1928-1949. Rio de Janeiro: Memória Carioca, Vol. 3, 2001.
- MOURA, Roberto. Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro. Coleção biblioteca carioca, 2ª edição, 1995.
- SILVA, Marília T. Barboza da; CACHAÇA, Carlos; FILHO, Arthur L. de Oliveira. Fala Mangueira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: UFRJ, Zahar, 6ª edição, 2007.
- ALVES, José Cláudio de Souza. Dos barões ao extermínio: Uma história de violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2003.
- ABREU, Maurício de A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 4ª edição, 2008.
- FREIRE, Gilberto. Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Recife: Global, 51ª edição, 2006.
- CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª edição, 1987.
- \_\_\_\_\_. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1ª edição, 1990.
- MARQUES, Alexandre dos Santos. Militantes da Cultura em uma Área Periférica - Duque de Caxias (1950-1980) - Universidade Severino Sombra, Coordenadoria Geral de Pós-Graduação - Programa de Mestrado em História - Vassouras - RJ - 2005.

## FONTES

- CAMPOS, Dinarte Luiz. Revista Cruzeiro do Samba: revista dos compositores da Capela, Mangueira, União do Centenário e Cartolinas de Caxias. Rio de Janeiro, Gráfica Musical S.A. 1965.
- RECREATIVISMO. Coluna do Jornal Folha da Cidade. Duque de Caxias. 1956.
- JORNAL Luta Democrática. Rio de Janeiro. 1965.
- RECREATIVISMO. Coluna do Jornal Folha da Cidade. Duque de Caxias. 1973.
- PROJETO Memória Viva: Hélio Cabral. Produzido e dirigido por Beto do Cavaco e Jair Lobo, 1998. DVD, son, color.
- RANKING das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. LIESA. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://www.liesa.globo.com>>. Acesso em 15 out. 2009.
- FILHO, José Garcia de Almeida. Ex-Presidente da Cartolinas de Caxias. Entrevista gravada em 19/07/09.
- LEMOS, Armando. Compositor de sambas de terreiro da Cartolinas. Entrevista gravada em 30/11/09.
- BICUDO, Jorge. Filho do Diretor de Bateria Valdir Bicudo. Entrevista gravada em 11/09/2009.
- SANTOS, Ney Jorge dos. Músico e ex-componente da Cartolinas de Caxias. Entrevista realizada em 17/11/09.
- SOUZA, Mariath de. Filha do compositor Hélio Cabral. Entrevista gravada em 08/12/09. [Http://blogdomauroferreira.blogspot.com/2008/02/martnli-reproduz-aula-de-samba-de.html](http://blogdomauroferreira.blogspot.com/2008/02/martnli-reproduz-aula-de-samba-de.html). Acesso em 11/12/09, às 20:25.
- SOUZA, Adauto Caetano de. Genro do compositor Hélio Cabral. Entrevista realizada em 08/12/09.



**ETÚLIO CABRAL:  
TRAJETÓRIA E MORTE DE UM MILITANTE  
COMUNISTA NA BAIXADA FLUMINENSE, NA  
GUANABARA E EM SALVADOR.  
PRIMEIROS ESCRITOS.**

Giselle dos Santos Siqueira  
e-mail: [giselle.historia@gmail.com](mailto:giselle.historia@gmail.com)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	69
1 – VESTÍGIOS DA DITADURA MILITAR NO TERRITÓRIO.....	70
2 – UM ESTUDO DE CASO NO PERÍODO DA DITADURA.....	71
CONCLUSÃO.....	77
FONTES E BIBLIOGRAFIA .....	78

## INTRODUÇÃO

Getúlio Cabral, objeto de pesquisa dessa monografia, nos ajuda a discutir sobre História e Memória e a pensar como a cidade e a população de Duque de Caxias foram impactadas com a estrutura do regime militar.

Com o estudo de caso, retrataremos a trajetória de Getúlio Cabral, a partir do seu nascimento em Minas Gerais a sua chegada à Duque de Caxias. Atravessando o período dos anos 1950 e 1960 revelando a sua militância política em Caxias, na Guanabara e em Salvador até sua morte trágica ocorrida na Ditadura Militar, em 1972.

A pesquisa é norteada por três principais finalidades, entre estas estão: a prestação de uma homenagem póstuma a Getúlio Cabral e sua família, tirando do anonimato e trazendo à cena uma pessoa tão importante para a história da nossa cidade, exercer o meu papel de cidadã e historiadora dando a devida importância a uma história que estava silenciada, desconhecida a muitos; fazendo com que ela ganhe “status” e seja ainda estudada por muitos outros pesquisadores e para que as pessoas não se esqueçam nunca dos crimes e atrocidades cometidos pelos militares e lutem sempre pela manutenção e estabilidade da Democracia.

Duque de Caxias foi considerada no período militar Área de Segurança Nacional. A população vivia “tempos difíceis”, de repressão; onde o AI 5 imperava, todos os aparelhos eram censurados e as pessoas só recebiam as notícias que o governo queria que recebessem. Situação como esta aconteceu no Governo Vargas com a criação da Rádio Nacional (1936), que tinha como objetivo divulgar para a população notícias que enaltecessem o governo.

A maioria da imprensa se posicionou a favor do regime militar transmitindo para a população “em geral” que o Brasil ia bem, a inflação estava controlada e que os comunistas eram um mal a ser combatido, estipando para o bom funcionamento da sociedade e manutenção da ordem no país.

Quando trabalhamos com a temática a memória pensamos logo na tônica: “O que se quer lembrar, porque lembrar e quem quer lembrar.”<sup>1</sup> Perguntas estas difíceis de serem respondidas e que colocam em confronto, em disputa diferentes pessoas, grupos, objetivos e ideais.

O regime militar produziu duas memórias: a oficial (dos aparelhos de imprensa, ministérios da Marinha e Aeronáutica) e as silenciadas (parentes de militantes, relatórios da Anistia Internacional e Grupo Tortura Nunca Mais). O confronto entre estas duas memórias é importante para a discussão da memória e da história e suas relações com o passado.

---

<sup>1</sup> MOTTA, Márcia Maria Menendes. História e Memórias.

## CAPÍTULO I

### VESTÍGIOS DA DITADURA MILITAR NO TERRITÓRIO DE DUQUE DE CAXIAS E A DICOTOMIA HISTÓRIA E MEMÓRIA

Depois do fim da Ditadura Militar vivemos no Brasil, um curioso “estado de faz de contas”, exemplificado pela anistia geral e irrestrita dada a vencidos e vencedores. Mas havia as memórias. Então durante esses últimos anos, o país conviveu com duas histórias, a oficial, e as memórias silenciadas, subterrâneas.

A memória e a história não são sinônimos. Para corroborar essa afirmação, Pierre Nora afirma que “a história aposta na descontinuidade, pois ela é, ao mesmo tempo, registro, distanciamento, problematização, crítica e busca uma representação crítica do passado.”<sup>2</sup> Enquanto a memória é uma linha reta com o passado, sem se preocupar com a crítica às fontes.

Ao trabalhar com a temática da memória, teremos que lidar com o esquecimento, os silêncios e os não ditos. O esquecimento pode ser o resultado de uma ação deliberada de ocultamento. Ou uma opção de restringir somente ao necessário fatos ou informações a respeito deles. Diante dessa dupla possibilidade, temos a proposta de Peter Burke “de examinar a organização social do esquecer, as regras da exclusão, supressão ou repressão e a questão de quem quer que quem esqueça o quê e por quê.”<sup>3</sup>

Essa é a fórmula, para ele, da amnésia social. Na disputa pelo que lembrar, podemos pensar em memórias subterrâneas, que surgem e se mantêm paralelamente nos espaços deixados entre o esquecimento e a memória social. Elas expressam as memórias dos excluídos, dos esquecidos da memória oficial.

As memórias são importantes para o historiador na medida em que são fontes e expressam fenômenos históricos. O presente necessita das memórias, lembranças, da criação de “lugares de memória”<sup>4</sup>, nos quais se “materializam” um passado com valores do presente, de acordo com o objeto em questão: a Ocupação Getúlio Cabral.

O processo de anistia no Brasil, não só poupou os vencedores da ditadura de Segurança Nacional como os recompensou. A institucionalização do silêncio oficial e a supressão da memória coletiva foram fundamentais para desresponsabilizar os culpados e impor a amnésia do silêncio final.

A recuperação da elaboração da memória contra o apagamento/ esquecimento induzido/ desmemória, quanto à procura da verdade do que foi dito que nunca ocorreu, são compromissos da história e responsabilidade dos historiadores.

O século XX é o século da memória. As guerras, os totalitarismos, os genocídios, as ditaduras, os crimes contra a humanidade e os campos de concentração impuseram uma reflexão sobre a importância da memória, o de lembrar para não repetir jamais.

Ao analisarmos a ação repressora dos militares e os impactos produzidos em Duque de Caxias, fica clara a força do desmonte das organizações dos trabalhadores. Quando a notícia do golpe chegou aos operários da FNM, eles pararam a fábrica e, na madrugada, as tropas militares a ocuparam. Fugas, prisões e desaparecimentos provocaram em alguns Círculos Operários<sup>5</sup>, como o de Xerém, a desaprovação da ação militar.

Apesar da repressão, alguns comunistas caxienses atuaram posteriormente nos movimentos de resistência estudantil, nas Guerrilhas Urbanas e na Guerrilha do Araguaia. O estudante Joaquim Fernando Lapoente era liderança na União Caxiense Estudantil e, em 1962 e 1963, atuou na União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). Getúlio de Oliveira Cabral, dirigente do PCBR, chefiou o

<sup>2</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, nº10. Dezembro de 1993.

<sup>3</sup> BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>4</sup> Idem ao 2.

<sup>5</sup> Instituições Educacionais.

último Grupo de Guerrilha Urbana do Rio de Janeiro. Antônio Alfaiate, liderança sindical e do movimento de bairro, seguiu para o Araguaia em 1970.

Duque de Caxias era uma área estratégica para todo o Rio de Janeiro, pois possuía indústrias como a Fábrica Nacional de Motores. Por ser uma cidade com efervescência de movimentos sociais, em 1968, sob a administração de Moacyr do Carmo, Caxias foi considerada Área de Segurança Nacional. E assim, em 1971, inicia um longo período de presença dos governos militares na cidade.

## CAPÍTULO II

### UM ESTUDO DE CASO NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR: GETÚLIO CABRAL

Getúlio de Oliveira Cabral nasceu em 04 de abril de 1942, em Espera Feliz (MG). Segundo seu irmão Victor Hugo<sup>6</sup>, seu nome foi uma homenagem que sua mãe prestou ao presidente Getúlio Vargas.

Getúlio Cabral era filho de Manoel Arcanjo de Oliveira e Lindrosina Cabral de Souza. Seu pai trabalhou como professor leigo, em obras da Construção Civil e produziu uma máquina fotográfica artesanal, atuando como fotógrafo. Já sua mãe era camponesa e sem letramento.

Na década de 1950, a família veio morar em Duque de Caxias. Nesse período, Getúlio tinha apenas sete anos de idade. Residiam na Rua Diamantina, que é a atual Avenida Leopoldina. E depois se mudaram para a Rua do Retiro (entre Gramacho, Leopoldina IV e Centenário).

Getúlio e seus irmãos estudaram na Escola Municipal Darcy Vargas, localizada no Corte Oito. Victor Hugo, irmão de Cabral, lembra dos cantos diários do Hino Nacional e do Hino da Bandeira, das aulas ministradas por um padre que ensinava bons costumes.

Manoel Arcanjo e Lindrosina Cabral, pais de Getúlio, participavam do movimento feminista (tendo como companheira Lydia Cunha<sup>7</sup>) e comunista, atuando em uma das Células do Partido, além das organizações de bairro. Entre os 12 e 13 anos, Getúlio já iniciou sua militância política na União da Juventude Comunista, influenciado pela participação de sua mãe, em atividades contra a guerra na Coreia.<sup>8</sup> Exercia papel de liderança nas lutas comunistas. Ao atingir a maioridade foi recrutado pelo partido.

Ele começou a trabalhar com quatorze anos, consertando máquinas fotográficas e posteriormente atuando como fotógrafo. Incorporou-se ao Centro Pró-Melhoramentos de seu bairro, no município de Caxias e filiou-se ao Sindicato dos Metalúrgicos onde participou das lutas de sua categoria profissional.

---

<sup>6</sup> Victor Hugo é professor aposentado da rede pública – Colégio Pedro II. Lecionava Química. Filiou-se a Juventude Comunista Caxiense no ano de 1963, estando apenas com treze anos. Foi preso por duas vezes. A primeira vez foi em 1961. E posteriormente durante a Ditadura. Passou seis meses seqüestrado, sendo procurado por sua mãe e seu irmão mais novo Humberto. Nos anos de 1970 e 1971, pesava apenas cinqüenta e sete quilos, sendo torturado por cinco pessoas. Foi enquadrado nos artigos 42, 45 (Lei da Segurança Nacional) e por tentativa de tomada de poder. Mas foi absorvido por falta de provas, já que o processo era forjado. Quando saiu da prisão foi trabalhar no Colégio Pedro II. Mais informações ver: Café com História – Instituto Histórico – Maio de 2008 – Entrevista com Victor Hugo de Oliveira Cabral.

<sup>7</sup> Lydia nasceu em Ramos, no Rio de Janeiro em 27 de maio de 1921. Em 1942, Lydia e José Antônio Cunha passaram a viver juntos em Duque de Caxias. Ela chega ao Distrito de Caxias ainda no período da ditadura Vargasista (1937-45). Caxias era naquele momento distrito do Município de Nova Iguaçu, governado por interventores. Apesar da repressão inúmeras células clandestinas do Partido Comunista foram organizadas no interior de fábricas e bairros. Em 1943, participou discretamente do esforço de organização da Força Expedicionária Brasileira juntamente com seu irmão Mário. Nos anos 40, participou da fundação da UFDC- União Feminina Duque de Caxias. Após o golpe de 1964, refugiou-se temporariamente na casa de amigos em Volta Redonda. Até o ano de 1965, ainda resistiu e manteve a sua militância na Federação de Mulheres do Brasil. Ver Internet.

<sup>8</sup> Na década de 1950, um dos objetivos dos comunistas brasileiros era o de impedir a participação do Brasil na Guerra da Coreia ao lado dos Estados Unidos. O envio de vinte mil soldados brasileiros para a Coreia era uma das requisições que ficariam estabelecidas no acordo militar Brasil - Estados Unidos, de 1950. Nesse ano, os comunistas brasileiros patrocinaram a "Campanha Contra o Envio de Soldados Brasileiros para a Coreia". Tal campanha consistia em passeatas, enterros simbólicos, comícios-relâmpagos, manifestações populares etc., objetivando pressionar a opinião pública brasileira e, sobretudo, o governo para que o Brasil não enviasse nenhum membro das forças armadas para participar do conflito coreano.

Trabalhou como escriturário na FNM (Fábrica Nacional de Motores)<sup>9</sup>. Casou-se aos 20 anos com Maria de Lourdes, com quem teve dois filhos.

Foi dirigente regional do PCB (Partido Comunista Brasileiro)<sup>10</sup> e dirigente nacional do PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário).<sup>11</sup> Era chefe do Grupo de Fogo<sup>12</sup>, na Guanabara, também chamado de Esquadra Militar. Este foi o último grupo de guerrilha urbana no Rio de Janeiro.

Segundo a documentação do DOPS/RJ, Getúlio participou como representante do PCBR, na ação da Frente Terrorista (ALN)<sup>13</sup>, VAR (VAR- Palmares)<sup>14</sup> e VPR (Vanguarda Popular Revolucionária)<sup>15</sup>,

---

<sup>9</sup> A Fábrica Nacional de Motores foi fundada no período da história brasileira chamado de Estado Novo. A criação da fábrica, junto com outras iniciativas (como a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Nacional de Álcalis, Companhia Hidrelétrica do São Francisco e outras), visou transformar o Brasil em uma economia industrializada. A FNM foi erguida com dinheiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico em 1942, como uma empresa estatal, na região da Baixada Fluminense, mais precisamente na cidade de Duque de Caxias. Os primeiros motores de avião fabricados pela FNM tinham tecnologia licenciada da empresa estadunidense Curtiss-Wright. Os caminhões fabricados pela empresa, chamados de Fenemê, alcançaram relativo sucesso na época. Foram fabricados aproximadamente 15.000 veículos pela empresa. Em 1968 a empresa foi vendida para a Alfa Romeo que posteriormente foi incorporada pela FIAT. Em 1985 a FIAT resolve encerrar as operações da Fábrica Nacional de Motores. Mais informações ver: A voz da ANAPAP (Painel do Paim) – 09/01/2009.

<sup>10</sup> Fundado em março de 1922 em Niterói, Rio de Janeiro, sob impacto do sucesso da Revolução de Outubro de 1917, na Rússia. Desde seus primeiros passos esteve vinculado às concepções da Internacional Comunista (3ª Internacional), fundada por Lênin em 1919. Seu surgimento marcou o momento de declínio, no movimento operário nascente no país, da influência do anarquismo, que até então ocupava lugar de destaque na direção das primeiras lutas. Com o surgimento do PCB vai crescer gradual e permanentemente o prestígio do marxismo no movimento operário e sindical, que seguiria progredindo nas décadas seguintes. Ver: Direito à Verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

<sup>11</sup> A Gênese do PCBR remonta a 1964 quando Mário Alves, jornalista e intelectual de forte prestígio na Executiva do PCB, apresentou um plano de balanço dos acontecimentos que desembocaram no Golpe Militar, com uma ótica oposta à que era utilizada pelos que se agruparam em torno de Prestes. Mário Alves era acompanhado de nomes como o do legendário dirigente comunista Apolônio de Carvalho, ex-combatente da Guerra Civil Espanhola e herói da Resistência Francesa, Jacob Gorender, principal economista da direção do PCB e Jover Telles, ex-deputado estadual no Rio de Janeiro, ligado ao movimento operário. Mais informações ver: Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

<sup>12</sup> "Para poder funcionar, o guerrilheiro urbano tem que estar organizado em pequenos grupos dirigidos e coordenados por uma ou duas pessoas, isto é o que constitui um grupo de fogo. Dentro do grupo de fogo tem que haver confiança plena entre os camaradas. O melhor atirador e o que melhor sabe manejar a metralhadora é a pessoa encarregada pelas operações. Quando existem tarefas planejadas pelo comando estratégico, estas tarefas tomam preferência. Mas não há tal coisa com um grupo de fogo sem sua própria iniciativa. Por esta razão é essencial evitar qualquer rigidez na organização para permitir uma maior quantidade de iniciativa possível por parte do grupo de fogo. O velho tipo de hierarquia, o estilo do esquerdista tradicional não existe em nossa organização. Isto significa que, a exceção da prioridade de objetivos designados pelo comando estratégico, qualquer grupo de fogo pode decidir em assaltar um banco, seqüestrar ou executar um agente da ditadura, uma figura, identificada com a reação, ou um espião norte-americano, e pode levar até o fim qualquer tipo de guerra de propaganda ou de nervos em contra de um inimigo sem a necessidade de consultar o comando geral. Nenhum grupo de fogo pode permanecer inativo esperando ordens de "cima". Sua obrigação é de atuar. Qualquer guerrilheiro urbano que quer estabelecer um grupo de fogo e começar a ação pode fazê-lo e desta forma fazer-se parte da organização. Este método de ação elimina a necessidade de conhecer quem esta realizando as ações, já que existe a livre iniciativa e o único ponto de importância é aumentar substancialmente o volume da atividade guerrilheira para desgastar ao governo e obrigá-lo à defensiva. O grupo de fogo é o instrumento de ação organizada. Com ele, as operações da guerrilha e as táticas são planejadas, lançadas e executadas com êxito. O comando geral conta com o grupo de fogo para realizar seus objetivos de natureza estratégica e para fazê-lo em qualquer parte do país. Por sua parte, ajuda aos grupos de fogo com suas dificuldades e necessidades. A organização é uma rede indestrutível de grupos de fogo e de coordenações entre eles, que funciona simples e praticamente com o comando geral e que também participam nos ataques; e organização que existe com o único propósito, simples e puro, de ação revolucionária." Mais informações ver: Carlos Marighella: Mini – Manual do Guerrilheiro Urbano – Capítulo 06.

<sup>13</sup> Ação Libertadora Nacional. A ALN foi a organização de maior expressão e contingente entre os grupos que deflagraram ações de guerrilha urbana no período 1968/1973. Nasceu como cisão do PCB entre 1967 e 1968 e sua história está indissolivelmente ligada ao nome de Carlos Marighella, antigo dirigente do PCB e possivelmente a liderança de maior carisma naquele partido fora Luis Carlos Prestes. A cisão que deu origem a ALN pode ser narrada pela própria trajetória de Marighella. Logo após o golpe de 1964, esse dirigente comunista foi preso no Rio de Janeiro e baleado quando tentava resistir à prisão, mesmo desarmado. Mais informações ver: Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

<sup>14</sup> Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Essa organização nasceu em junho/julho de 1969, como fusão da VPR e do Colina, incorporando também um Grupo do Rio Grande do Sul intitulado União Operária. Seu nome inspirou-se na heróica epopéia de Palmares, região entre Alagoas e Pernambuco onde os negros fugidos do cativeiro organizaram um Estado independente, no século XVII, resistindo durante cem anos às sucessivas campanhas militares de cerco e aniquilamento, executadas pelas forças escravistas através dos Bandeirantes. Mais informações ver: Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

<sup>15</sup> Nem todos os grupos de esquerda participantes da fase da guerrilha urbana tiveram sua origem em cisões do PCB. A VPR nasce como um grupo praticamente paulista, resultante da fusão entre uma ala esquerda da POLOP, que rompeu com o partido após o 4º Congresso, de setembro de 1967, e setores remanescentes do projeto de criação do MNR, definitivamente falido após o fracasso da Guerrilha de Caparáó.

que assassinou no Rio o marinheiro inglês David A. Cuthberg (05 de fevereiro de 1972), que estava no Brasil para os festejos do sesquicentenário (150 anos) da Independência.

O Jornal O Globo na época (1972) manifestou-se assim sobre o assassinato do marinheiro inglês David Cuthberg:

“Tinha dezenove anos o marinheiro inglês David A. Cuthberg que, na madrugada de sábado, tomou um táxi com um companheiro para conhecer o Rio, nos seus aspectos mais alegres. Ele aqui chegara com o amigo, a bordo da flotilha que nos visita para comemorar os 150 anos de Independência do Brasil. Uma rajada de metralhadora tirou-lhe a vida, no táxi que se encontrava. Não teve tempo para perceber o que ocorria e se, percebesse, com certeza não poderia compreender. Um terrorista, de dentro de outro carro, apontara friamente a metralhadora antes de desenhar nas suas costas o fatal risco de balas, para, logo em seguida, completar a infâmia, despejando sobre o corpo, ainda palpitante, panfletos em que se mencionava a palavra liberdade. Com esse crime repulsivo, o terror quis apenas alcançar repercussão fora de nossas fronteiras para suas atividades, procurando dar-lhe significação de atentado político contra jovem inocente, em troca da publicação da notícia num jornal inglês. O terrorismo cumpre, no Brasil, com crimes como esse, o destino inevitável dos movimentos a que faltam motivação real e consentimento de qualquer parcela da opinião pública: o de não ultrapassar os limites do simples banditismo, com que se exprime o alto grau de degeneração dessas reduzidas maltas de assassinos gratuitos. Liberado da faina do navio H.M.S. Triumph, o marinheiro inglês David A. Cuthberg, de 19 anos, acompanhado de seu colega Paul Stoud, tomou, na Praça Mauá, o táxi dirigido por Antonio Melo, que os levaria para conhecer a mundialmente famosa praia de Copacabana. Eles não sabiam que, desde a chegada na praça, estavam sendo observados por oito terroristas, dissimulados dentro de dois carros. Na esquina da Avenida Rio Branco com Visconde de Inhaúma, à porta do Hotel São Francisco, um dos veículos emparelhou com o táxi e David foi atingido por uma rajada de metralhadora, disparada por Flávio Augusto Neves Leão de Salles (ALN, “Rogério” ou “Bílico”). Imediatamente, Lígia Maria Salgado da Nóbrega<sup>16</sup> jogou para dentro do táxi panfletos que falavam em vingança contra os ingleses por terem massacrado os irlandeses do norte.<sup>17</sup> O “Comando da Frente” acabou

---

<sup>16</sup> Nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, mas viveu desde criança em São Paulo, terceira numa família de seis irmãos. Tinha estudado no Colégio Estadual Fernão Dias Pais, no bairro de Pinheiros, onde fez o Curso Normal. Em 67, ingressou na Pedagogia da USP, onde se destacou por sua capacidade intelectual, pela liderança no Grêmio da Pedagogia e por buscar modernizar métodos de ensino. Trabalhava também como professora. Em 70, engajou-se nas atividades clandestinas da VAR-Palmares. Os órgãos de segurança a indicavam como participante da execução de um marinheiro inglês, David Cuthberg, em 05 de fevereiro de 1972, numa ação que pretendia simbolizar a solidariedade dos Revolucionários Brasileiros com a luta do povo irlandês e com o IRA. Foi morta aos vinte e quatro anos, quando estava grávida de dois meses. Ver: Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

<sup>17</sup> O recente acordo celebrado na Irlanda do Norte pretende por fim à séculos de dominação inglesa e à décadas de terrorismo de guerrilheiros separatistas e de paramilitares protestantes. Nas últimas décadas, as ações terroristas do IRA ( Exército Republicano Irlandês), organização “católica”, e da Força de Voluntários do Ulster, força paramilitar “protestante” foram responsáveis por dezenas de mortes e representaram o problema externo mais grave enfrentado pelos governantes da Inglaterra. A repressão inglesa e o sentimento nacionalista foram responsáveis pela eclosão de uma Revolução em 1798, dirigida por uma sociedade secreta denominada Irlandese Unidos. Em 1829, um movimento nacionalista e popular conquistou alguns direitos políticos e civis para os católicos, que poderiam ocupar a maior parte dos cargos públicos, apesar da manutenção do voto censitário.

com o sonho de David em conhecer Copacabana, “justificando plenamente” seu ato pela solidariedade à luta do IRA<sup>18</sup> contra os ingleses.”

O escritor Fernando Soares Campo publicou um artigo em “La Insígnia” (dezembro de 2005) afirmando que não acredita na versão oficial dada ao assassinato do marinheiro inglês. Para ele seria impossível que oito “subversivos” procurados pela repressão fizessem plantão em plena Praça Mauá “dissimulados dentro de dois carros” e ainda realizassem um ato terrorista a mais ou menos cem quilômetros dali. Já que nesta área funcionava a mais temida delegacia de polícia do Rio de Janeiro e instalações da Marinha de Guerra. O escritor conclui então que não teria porque esses “terroristas” se exporem num lugar desses, quando se quisessem poderiam ter achado os militares ingleses em lugares muito mais fáceis, como, por exemplo, a Zona Sul.

Analisando o ano de 1972, um dos períodos mais duros da Ditadura Militar; no qual o país e a imprensa estão censurados pelo AI-5. Assim, o Jornal O Globo ao informar a notícia sobre o assassinato do marinheiro inglês é completamente favorável a versão dos fatos contada pelos militares. Gostaria de esclarecer alguns pontos que a meu ver na reportagem estão obscuros: o jornal trata “essas pessoas” como terroristas, não explicando que elas estão lutando pela liberdade; que se vivia num país sem democracia. Nomeando-os com o título de assassinos gratuitos, quando os mesmos matam pela defesa do ideal de seu partido; valendo-se de uma máxima mais que verdadeira “em tempos de guerra quando não se mata, morre.”

Segundo a documentação do DOPS/RJ<sup>19</sup>, na Guanabara, além de chefiar pessoalmente a execução de todas as ações do grupo de Fogo, Getúlio participou ainda do assalto ao DETRAN - Campinho (10/01/1972), a dois bancos na Rua Bela – São Cristóvão, sendo um deles o Banco Novo Mundo do qual foram roubados a quantia de Cr\$ 6.000,00; do roubo da Kombi na ponte de Quintino (24/09/1971)<sup>20</sup>, de uma escola na Rua Conde de Bonfim, da Delegacia do Ministério do Trabalho, em Bonsucesso e do roubo de três automóveis Volkswagen na Rua Dias da Cruz, no Méier.<sup>21</sup>

Em 1968, viajou para Cuba para fazer um “curso de treinamento de guerrilhas”. Quando voltou de Cuba, a perseguição ficou mais intensa. Em 1969, 1970, no bairro de Parada Angélica, morava Getúlio, sua esposa e seus dois filhos. Ele foi seguido até sua casa, que foi saqueada e quebrada. Getúlio conseguiu fugir e foi para outros estados, entre eles, Bahia.

Getúlio possuía os seguintes codinomes: Gogó, Gustavo, Artur, Feio, Tasso e Camilo.

Estava condenado a vinte anos de reclusão pela 6ª. CJM por participação no assalto a Agência Liberdade do Banco da Bahia – Salvador, 1970. Getúlio teve sua prisão preventiva decretada em 17 de dezembro de 1971; mas continuou foragido até o dia de sua morte. No Rio, tinha sido condenado a doze anos de prisão e a suspensão dos seus direitos políticos por dez anos.

---

<sup>18</sup> Fundado em 1919, o IRA ( Irish Republican Army) passou a utilizar-se da guerrilha como forma de eliminar o domínio inglês e obter a independência da Irlanda, e posteriormente, pretendendo a unificação da Irlanda do Norte ao restante do país. Nas últimas três décadas as ações do IRA e dos grupos paramilitares “protestantes” intensificaram suas ações e foram responsáveis por vários atentados na Irlanda do Norte, principalmente na capital, Belfast. Oficialmente, o governo do Eire repudia a atuação do IRA. Mas este conta com a simpatia de parte da população do Sul e tem o apoio de praticamente toda a comunidade católica do Norte. Além disso, o IRA utiliza o partido Sinn Fein como seu porta-voz e representante político (ou “braço político”, como se costuma dizer). A primeira-ministra conservadora Margaret Thatcher, a “Dama de Ferro” (1979-1990), tratou com inflexível rigor os militantes do IRA capturados (vários deles foram assassinados in off pelas forças britânicas de repressão), aplicando-lhes o tratamento carcerário destinado a criminosos comuns e não a presos políticos. Assim, coube ao primeiro-ministro trabalhista Tony Blair, eleito em 1997, procurar costurar um acordo multilateral, do qual participaram ele próprio, o primeiro-ministro do Eire e representantes do Sinn Fein e dos unionistas (protestantes da Irlanda do Norte); houve até uma intervenção do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. O acordo, firmado em 1998, determinou eleições livres para a formação de um Parlamento Norte-Irlandês, ao qual caberia indicar um primeiro-ministro para governar a região. Esta permaneceu ligada ao Reino Unido, mas recuperou a autonomia perdida em 1972. E os católicos terão direito de voto, que antes lhes era negado. Mas os extremistas de ambos os lados ainda apostam em ações violentas, cujo impacto desestabilize o acordo conseguido. Em 2001, nem o IRA nem os unionistas entregaram suas armas às autoridades. Essa situação, somada a atos de violência mais ou menos endêmicos, tornam incerto o futuro da Irlanda do Norte.

<sup>19</sup> Ver Arquivo Público do Estado do RJ, Polícia Política – Setor: Comunismo Pasta 112 Folha 243.

<sup>20</sup> A mesma pertencencia ao Banco Nacional de Minas Gerais.

<sup>21</sup> Idem ao 19.

Getúlio foi morto sob torturas no dia 29 de dezembro de 1972, aos 30 anos, no DOI/CODI-RJ (Departamento de Operações Internas – Centro de Operações de Defesa Internas).<sup>22</sup> Ele foi uma das vítimas do “massacre” que também vitimou Fernando Augusto da Fonseca<sup>23</sup>, José Silton Pinheiro<sup>24</sup> e José Bartolomeu Rodrigues de Souza.<sup>25</sup>

Os relatórios dos Ministérios da Marinha e da Aeronáutica dizem que “faleceu devido a tiroteio com agentes de órgãos de segurança”. Mas o relatório da Anistia Internacional diz que ele foi morto e colocado em um carro incendiado - sendo seu corpo parcialmente carbonizado, após ter sido torturado no DOI-CODI/RJ, juntamente com José Silton Pinheiro, José Bartolomeu Rodrigues de Souza e Fernando Augusto Valente da Fonseca.<sup>26</sup>

O corpo de Getúlio entrou no IML, em 30 de dezembro de 1972, pela Guia n° 11 do DOPS/RJ. Seu óbito, de n° 132.011, firmado pelo Dr. Roberto Blanco dos Santos<sup>27</sup>, teve como declarante José Severino Teixeira. As causas de sua morte que constam na certidão de óbito são: ferimento penetrante da cabeça determinando fratura do crânio e destruição do tecido nervoso cerebral e carbonização. No verso desse documento, manuscrita, há a seguinte frase: “Inimigo da Pátria (Terrorista)”.<sup>28</sup>

Foi enterrado como indigente, apesar de estar com seu nome completo, no Cemitério de Ricardo de Albuquerque, em 06 de fevereiro de 1973, na cova 22.702, quadra 21. Em 20 de março de 1978 seus restos mortais foram transferidos para o ossário geral e, em 1980/1981, para uma vala clandestina, junto com mais de 2.000 ossadas de indigentes.<sup>29</sup>

A morte de Getúlio somente foi divulgada em 17 de janeiro de 1973, pelo Jornal do Brasil que deu a notícia de sua morte e das mortes de Fernando, José Silton e José Bartolomeu, assim como as mortes

---

<sup>22</sup> Órgão conjunto dos diversos serviços de informações, do Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícias Militares, Polícia Federal e Polícias Civis, criados em todos os Estados a partir da experiência da OBAN, em São Paulo.

<sup>23</sup> O carioca Fernando Augusto, apelidado Fernando Sandália, concluiu o 2º grau no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Estudava economia na UFRJ e trabalhava na agência central do Banco do Brasil, de onde foi demitido em 1970. Militou na Corrente Revolucionária antes de integrar o PCBR, sendo membro de seu Comando Político Militar e um dos responsáveis pela publicação oficial do partido, O Avante, no Rio de Janeiro. Em função das perseguições e da militância clandestina, estava residindo em Maceió, com a mulher, Sandra Maria Araújo da Fonseca e o filho André, então com três anos de idade. Sandra estava grávida de Fernando, que não chegou a conhecer o pai. No “livro negro” do Exército, consta a informação de que, em dezembro de 1971, tinha sido composta uma direção nacional provisória do PCBR, integrada por ele, por Luis Alberto de Andrade Sá e Benevides e por Getúlio de Oliveira Cabral. Mais informações ver: Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

<sup>24</sup> Viveu até seis anos de idade no pequeno sítio denominado Pium, onde nasceu, em São José do Mipibú, RN. Sua mãe faleceu após seu nascimento, por complicações no parto e falta de assistência médica. O bebê foi então adotado pela tia Lira- Maria Gomes Pinheiro, irmã de seu pai. Depois foi para a cidade de Monte Alegre, onde viveu até completar dez anos. A partir daí, radicou-se em Natal. Estudou no Colégio Salesiano, no Instituto Sagrada Família e fez o ginásio no Colégio Santo Antônio, dos Irmãos Maristas. Iniciou o curso clássico no Colégio Estadual Padre Miguelinho, concluindo-o no Atheneu Norte - Rio- Grandense. Em 1965, foi eleito presidente do Diretório Marista de Natal. Em 1966, entrou em contato com o pensamento da Igreja progressista e, pretendendo se tornar irmão Marista passou a estudar no Convento de Apipucos, em Recife. Mas sua inquietação política foi além da vocação religiosa. De volta a Natal, ingressou na Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tempos depois, passou a militar no PCBR, atuando em Natal, Recife, e por fim, no Rio de Janeiro. Os órgãos de segurança o acusavam de participação em assalto a um banco na Penha, no Rio, em 27 de julho de 1972, em que teria matado o contador Sílvio Nunes Alves. Mais informações ver: Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

<sup>25</sup> Era estudante secundarista, pernambucano de Canhotinho, e não foi possível coletar outros dados a respeito de sua biografia e atividades políticas anteriores. Os órgãos de segurança o acusavam de participação na tentativa de roubo de um veículo do tenente da Aeronáutica Matheus Levino dos Santos, em Recife, no dia 26 de junho de 1970, que reagiu a tiros e foi baleado, vindo a morrer em consequência dos ferimentos em março do ano seguinte. José Bartolomeu, segundo informações dos órgãos de segurança, teria regressado ao Brasil pouco antes de ser morto, vindo de uma viagem ao Chile em que acompanhou o ex-sargento da Aeronáutica Antonio Prestes de Paula em reuniões com banidos brasileiros. Ver mais informações em: Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007. Ver também: Site do Grupo Tortura Nunca Mais.

<sup>26</sup> Ver site do Grupo Tortura Nunca Mais.

<sup>27</sup> O médico legista Roberto Blanco dos Santos, que está sendo processado pelo CREMERJ e, em 1994, foi nomeado Delegado de Polícia no Rio de Janeiro. Em novembro desse mesmo ano recebia como delegado da 19ª Delegacia de Polícia, na Tijuca (RJ) as queixas de torturas sofridas por vários moradores do morro do Borel durante a chamada Operação Rio. Apesar de denunciado, ele continua no cargo.

<sup>28</sup> Ver site do Grupo Tortura Nunca Mais.

<sup>29</sup> Idem ao 28.

de mais dois outros militantes do PCBR, ocorridas no mesmo dia, Valdir Sales Saboya<sup>30</sup> e Lourdes Maria Wanderley Pontes<sup>31</sup>, sem citar as circunstâncias de suas mortes.<sup>32</sup>

No Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1991, o Grupo Tortura Nunca Mais obteve apoio para exumar 2.100 ossadas de uma vala no Cemitério de Ricardo de Albuquerque. Os corpos de mortos e desaparecidos foram enterrados em uma cova rasa e, cinco anos depois, transferidos para o ossário geral. No início da década de 1980 foram enterrados em uma vala clandestina todos os ossos de pessoas sepultadas como indigentes desde 1971 até 16 de janeiro de 1974.<sup>33</sup>

Reuniu-se, então, uma equipe formada por dois médicos legistas indicados pelo Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (Cremerj), Gilson Souza Lima e Maria Cristina Menezes, pela arqueóloga e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Nancy Vieira, e pela antropóloga e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Eliane Catarino. Em outubro de 1991, a Equipe Argentina de Antropologia Forense, representada por Luis Fondebrider, Mercedes Doretti e Silvana Turner, realizou um treinamento técnico com a equipe e orientou os trabalhos de catalogação dos ossos. Infelizmente, as ossadas, quando transferidas do ossário geral para a vala, foram misturadas, formando um conjunto de cerca de 430 mil ossos, entre os quais não se distingue um esqueleto completo. Mesmo assim, vários crânios e outros ossos foram retirados e acondicionados em dezessete sacos plásticos para serem examinados.<sup>34</sup>

Em março de 1993, a equipe encerrou o trabalho por causa da falta de financiamento e da impossibilidade de sustentá-lo com apenas três pessoas. As ossadas catalogadas foram guardadas no Hospital Geral de Bonsucesso. O local da vala continua sendo resguardado, para então no futuro se estabelecer como um “lugar de memória”, com a construção de um memorial. “A construção desse é importante para que possa ser um marco no sentido de resgatar nossa história e para que nunca mais isto volte a acontecer,” afirma Romildo Maranhão do Valle, irmão de Ramires Maranhão do Valle e associado ao GTNM/RJ.<sup>35</sup>

Os nomes dos quatorze presos políticos enterrados nesta vala são: Ramires Maranhão do Vale e Vitorino Alves Moitinho, ambos desaparecidos; José Bartolomeu Rodrigues da Costa, José Sílton Pinheiro, Ranúcia Alves Rodrigues, Almir Custódio de Lima, **Getúlio de Oliveira Cabral**, José Gomes Teixeira, José Raimundo da Costa, Lourdes Maria Wanderley Pontes, Wilton Ferreira, Mário de Souza Prata e Luís Guilhardini. Outros dois militantes foram sepultados em valas comuns no Rio de Janeiro: no Cemitério de Cacuia está Severino Viana Colon e no de Santa Cruz, Roberto Cieto.<sup>36</sup>

---

<sup>30</sup> Nasceu em 1º de março de 1950, filho de Gerson Algery Saboya e Ephigênia Salles Saboya. Morto aos 22 anos de idade, em 29 de dezembro de 1972, na Rua Sargento Valder Xavier Lima, nº 22, fundos, junto com Lourdes Maria Wanderley Pontes, segundo versão oficial da repressão em tiroteio. Mais informações ver: Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964 / Comissão responsável Maria do Amparo Almeida Araújo... etc. tal, prefácio de Dom Paulo Evaristo Ams, apresentação de Miguel Arraes de Alencar. — Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.

<sup>31</sup> Era pernambucana de Olinda e estudou o primário e o ginásio em Recife, não chegando a concluir seus estudos por seu envolvimento na militância política a partir de 1968. Em 1969, casou-se com Paulo Pontes da Silva, com quem se mudou para Natal (RN) devido à repressão política. Novamente perseguido, o casal transferiu-se, em fevereiro de 1970, para Salvador (BA), sendo que no mesmo ano, Paulo foi preso, sendo posteriormente condenado à prisão perpétua, por co-autoria no assassinato de um sargento da Aeronáutica que o conduzia preso algemado ao companheiro de militância Theodomiro Romeiro dos Santos. Após a prisão de Paulo Pontes, Lourdes foi então deslocada para a militância clandestina no Rio de Janeiro. Mais informações ver: Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

<sup>32</sup> Site do Grupo Tortura Nunca Mais.

<sup>33</sup> Mais informações ver: TELES, Janaina (org.). Desaparecidos políticos: reparação ou impunidade. In: Parte II – A luta pela reparação. Capítulo I: Mortos e desaparecidos políticos: um resgate da memória brasileira. Editora Humanitas.

<sup>34</sup> Idem ao 33.

<sup>35</sup> Mais informações ver: Boletim 22 GTNM-RJ, março 1996 e TELES, Janaina (org.). Desaparecidos políticos: reparação ou impunidade. In: Parte II – A luta pela reparação. Capítulo I: Mortos e desaparecidos políticos: um resgate da memória brasileira. Editora Humanitas.

<sup>36</sup> Idem ao 33.

## CONCLUSÃO

Silêncio, fraudes e privatização são marcas deixadas pela ditadura.

A possibilidade de participação política dos trabalhadores foi brutalmente golpeada pelos militares em 1964, restando o silêncio, a ordem e o conservadorismo. Ocupação militar, perseguição de lideranças comunistas, desmantelamento das organizações dos trabalhadores, desemprego, fechamento da FIAT, aterro, crescimento das máfias da saúde, da educação e do transporte, Lei de Segurança Nacional e extermínio.

Na década de 1960, pós o Golpe Militar, o território do Município de Duque de Caxias foi ainda mais impactado. Em 1968, a FABOR e a Fábrica Nacional de Motores foram privatizadas.

Nos anos 1980, as terras que abrigou o Campo de Multiplicação de Sementes foram ocupadas por duas mil pessoas organizadas pela Associação de Moradores Local, dando origem a Ocupação Getúlio Cabral.

O Direito à Memória e à Verdade é um direito ainda pendente de concretização no Brasil. No país não se constituiu uma Comissão de Verdade, nem ocorreram julgamentos por violação de direitos humanos cometidos por agentes da Ditadura. Apesar disso, estão acontecendo no mesmo várias ações e fatos recentes, apontando nessa direção. Um dos marcos mais visível foi a publicação do livro Direito à Memória e a Verdade. O livro traz o resultado dos trabalhos da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, instalada a partir da edição da Lei 9.140/95.

Passados quarenta e cinco anos do golpe militar, o ônus da prova ainda cabe aos familiares, sem que os arquivos da repressão política, em especial os das Forças Armadas, tenham sido abertos para consulta. O Estado reconheceu que matou, mas não se propõe a dizer como, quais foram os envolvidos e onde estão os corpos.

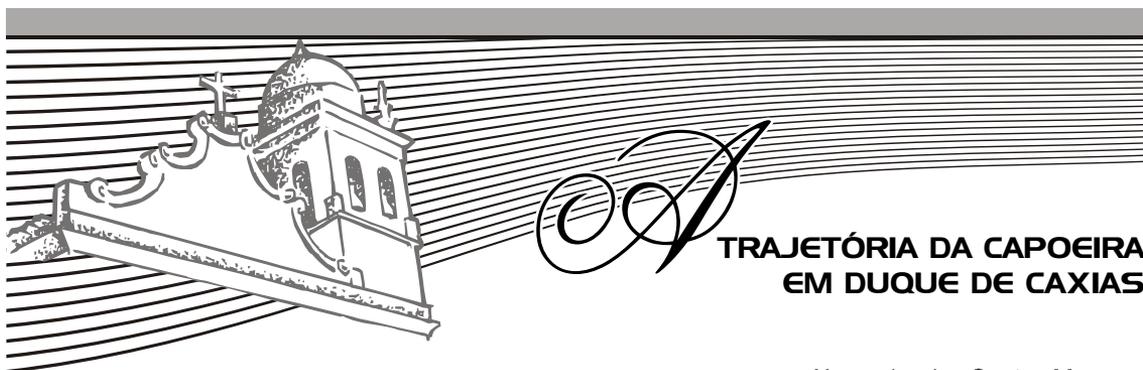
O Brasil precisa avançar! Continuamos a exigir a abertura incondicional de todos os arquivos dos órgãos de repressão política, principalmente os arquivos das Forças Armadas, queremos uma Comissão da Verdade e da Justiça, que tenha o poder de apurar toda a verdade sobre o período da ditadura militar, sem restrições.

**FONTES:**

- 1) Documentário do Grupo Tortura Nunca Mais: Memória do Uso Diário.
- 2) Café com História – Maio de 2008: Entrevista com Vitor Hugo de Oliveira Cabral.
- 3) Sites do Grupo Tortura Nunca Mais e do Centro de Documentação – Eremias Delizoicov.
- 4) **Direito à Verdade e a Memória:** Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.
- 5) TELES, Janaina (org.). **Desaparecidos políticos: reparação ou impunidade.** In: Parte II – A luta pela reparação. Capítulo I: Mortos e desaparecidos políticos: um resgate da memória brasileira. Editora Humanitas.
- 6) Jornal A Nova Democracia – fevereiro de 2010.
- 7) CAMPOS, Fernando Soares. **La Insígnia.** Dezembro de 2005.
- 8) Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: Polícia Política
  - Setor: Comunismo Pasta: 112 Folha: 243
  - Setor: Comunismo Pasta: 122 Folha: 223
  - Setor: Terrorismo Pasta: 12 Folha: 140
  - Setor: Terrorismo Pasta: 14 Folhas: 16 e 17
  - Setor: Terrorismo Pasta: 15 Folha: 4
  - Setor: Terrorismo Pasta: 16 Folha: 339
  - Setor: Alvarás Pasta: 6 Folha: 197

**BIBLIOGRAFIA:**

- 1) LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: UNICAMP, 1990.
- 2) POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio.** Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, volume 2 nº 3, 1989.
- 3) POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, volume 5, nº 10, 1992.
- 4) NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo, nº 10, dezembro de 1993.
- 5) FICO, Carlos. **O Golpe e a Ditadura Militar: 40 anos depois (1964-2004).** Edusc, 2004.
- 6) FICO, Carlos. **Como eles agiam: Os subterrâneos da Ditadura Militar- espionagem e polícia política.** Rio de Janeiro, Record, 2001.



## TRAJETÓRIA DA CAPOEIRA EM DUQUE DE CAXIAS

Alexandre dos Santos Marques<sup>1</sup>

Geraldo da Costa Filho<sup>2</sup>

A Capoeira tem merecido vários estudos acerca de sua origem, de sua simbologia e de suas práticas. Uma tradição que se mantém na transmissão oral e na resistência dos Mestres e de suas rodas. Na cidade de Duque de Caxias, entre 2005 e 2009, a articulação entre a Secretaria Municipal de Cultura, O Conselho Municipal de Cultura, o Ponto de Cultura Lira de Ouro e a Ação Griô Nacional<sup>3</sup> possibilitou a identificação e registro dos Mestres e dos grupos que atuam na cidade. Este trabalho pretende apresentar as trajetórias de vida destes Mestres relacionado-as à manutenção da capoeira na cidade de Duque de Caxias.

Antes da década de 60 não encontramos registros sobre a presença real de capoeiristas na cidade. No campo literário fomos apresentados ao Negro Sabará, personagem da trilogia publicada por Santos Lemos.<sup>4</sup> Após consultarmos<sup>5</sup> os vários praticantes da capoeira na cidade encontramos Mestre Barbosa, Mestre Gegê, Mestre Raymundo Filho, Mestre Levi, Mestre Monge e Mestre Russo entre os seus mais antigos praticantes.

Para Santos Lemos, na década de 50, quando a capoeira permanecia no imaginário popular como coisa de malandro, vadios e mandigueiros, destacava-se a figura do Negro Sabará. Capoeirista, freqüentador de boates e bordéis, eventualmente da cadeia municipal e dos terreiros de candomblé, onde era um respeitado ogã<sup>6</sup>. O personagem reforçava, no nível local, o que se pensava dos capoeiristas neste período.

Na década seguinte a cidade recebeu seus dois mais antigos praticantes: Geraldo da Costa Filho, o Mestre Gegê e José Barbosa da Silva, o Mestre Barbosa. Ambos migrantes nordestinos. O primeiro oriundo da Bahia e o outro pernambucano. Contemporâneo a eles mas com poucos registros e lembranças na memória local, existia na Vila São Luiz, um praticante diletante conhecido por Dentinho.

Batizado como José Barbosa da Silva, Mestre Barbosa nasceu em Recife no ano de 1945. Migrou para São Paulo com 12 anos de idade. Em 1964, com 19 anos, trabalhou em Copacabana, Rio de

<sup>1</sup> Professor da Rede Municipal de Duque de Caxias, Mestre em História, associado da APPH-Clio e coordenador regional da Ação Griô Nacional.

<sup>2</sup> Especialista em História Social do Brasil, Mestre de Capoeira, Presidente da Associação Maragogipe de Capoeira e Mestre Griô da Ação Griô Nacional DO Ministério da Cultura. Membro do Conselho Superior da Confederação Brasileira de Capoeira e da Federação Internacional de Capoeira, Registrado no Conselho Regional de Educação Física sob o número 7.381.

<sup>3</sup> A Ação Griô Nacional é um programa do Ministério da Cultura que busca a valorização e reconhecimentos dos Mestres de Tradição Oral e a relação entre a educação formal e a educação não-formal.

<sup>4</sup> Santos Lemos, repórter que trabalhou para os jornais "Última Hora" e "Luta Democrática". Exerceu os cargos de escrivão e delegado. Formou-se em Direito e foi um dos fundadores da Academia Duque caxiense de letras. Publicou "Sangue no 311", "Os donos da cidade" e "Negro Sabará".

<sup>5</sup> Esta consulta ocorreu em 2007, durante o I Encontro Municipal de Capoeiragem, ocorrido em Duque de Caxias, organizado pela APPH-Clio em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e patrocinado pelo Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura.

<sup>6</sup> Nos terreiros de religiosidade de matrizes africanas era o responsável pelos toques dos atabaques.

Janeiro, como guardador de carros, estabeleceu residência na “Casa dos Padres”.<sup>7</sup> No bairro carioca conheceu Arthur Ermídio, um conhecido Mestre de Capoeira e com ele aprendeu o ofício de colocador de papel de parede e aperfeiçoou-se na prática da capoeira. Costuma dizer que “não se deve jogar para bater e nem para apanhar, deve-se jogar para você”, frase que aprendeu com seu Mestre.

Após o seu longo envolvimento com a capoeira, e já considerado Mestre por seus pares, passou a atuar em espaços de formação de capoeiristas. Em 1967 Mestre Barbosa iniciou, na Praça da Vila São Luiz, a primeira roda de rua da cidade. Tradicionalista não permitia que se praticasse capoeira sem camisa. No início da década seguinte, juntamente com Waldyr Salles e Travassos entrou no Livro Guinness.

Sua tradição e ancestralidade na capoeira estão ligadas ao seu antigo Mestre, Arthur Ermídio e aos Mestres Leopoldina e Mario Bonfim. Atuou em várias academias de Duque de Caxias e foi proprietária da Academia Zum Zum Zum, dedicada exclusivamente à capoeira e onde vários Mestres da atualidade se iniciaram. Conhecido por seu jeito peculiar de “jogar” a capoeira. Mandigueiro, hábil no manejo de objetos e enganador no jeito de olhar. Em 2007 foi selecionado como Mestre Griô da Ação Griô Nacional e concedeu entrevistas ao Museu da Pessoa.

Geraldo da Costa Filho, o Mestre Gegê, nasceu no ano de 1949, em Maragogipe, cidade baiana. Seu início na capoeira ocorreu aos sete anos de idade, na Praia de São Joaquim, onde atualmente tem uma feira com o mesmo nome. Nesta praia teve contato com Mestre Sete. Em 1956 ingressou no internato da casa Pia e Colégio dos Orfãos de São Joaquim onde estudou música e aprendeu a profissão de torneiro de madeira e marceneiro. No início da adolescência foi apresentado por seu tio Zacarias Negreiros<sup>8</sup> ao Mestre Waldemar Rodrigues da Paixão, também conhecido por Waldemar da Liberdade ou Waldemar do Pero Vaz.

Em 1965, após servir dois dias na Marinha Brasileira como agregado, desembarcou na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, para morar com sua mãe<sup>9</sup> e se apresentar ao Clube de Regatas do Botafogo. No ano seguinte instalou-se definitivamente na cidade de Duque de Caxias, juntamente com seu irmão Jorge Negreiros da Costa<sup>10</sup>, também capoeirista, primeiramente no Gramacho e depois no Pilar.

Em 1968 retornou à Bahia e passou a freqüentar no bairro de Pero Vaz, o terreiro dos Mestres Waldemar da Paixão e Traíra com quem aprendeu muito da manha da capoeira. Morou também no Largo do Tanque onde travou relações com Mestre Caiçara<sup>11</sup>. Através de seu irmão conheceu, no Rio de Janeiro, os Mestres Touro da Penha, Paulão, Silas e Khorvo, todos alunos de Mestre Mentirinha e manteve relações com outros mestres como Pepe e Fernandinho. Teve como últimos Mestres Fernandinho, e após sua transferência para a Alemanha, filiou-se a Zé Pedro, do Grupo Guaiamuns<sup>12</sup>.

Em 1969, através da indicação de seu tio Basílio Costa<sup>13</sup>, entrou na FIAT<sup>14</sup> onde conheceu Wilson Denguinho, praticante de capoeira e karatê. Nesta fábrica ministrou aulas de capoeira no antigo abrigo

---

<sup>7</sup> Esta casa localiza-se na Rua Muriqui, na Vila São Luiz

<sup>8</sup> Seu tio era delegado de polícia de Furtos e Roubos do Largo do Tanque.

<sup>9</sup> Sua mãe, Lucia Negreiros, era cozinheira do Clube de Regatas Botafogo, no período em que Zagallo era Técnico do juvenil e Paulo Azeredo era seu presidente.

<sup>10</sup> Mestre Negreiros foi aluno de Mestre Pastinha e passava conhecimento a quem o procurava. Formou-se em Matemática e retornou à Bahia onde é professor universitário.

<sup>11</sup> Padrinho do Grupo Muzenza foi aluno do Mestre Aberrê.

<sup>12</sup> Guaiamuns era uma das maltas de capoeira que controlavam as ruas do Rio de Janeiro no século XIX. A malta que lhe era oponente era a dos Nagoas. Esta academia se localizava em Bonsucesso e nela se encontrava o Mestre Arthur Ermídio.

<sup>13</sup> Praticante de capoeira e irmão de Guilherme Costa, o salta moita. Ambos chegaram a Duque de Caxias em meados da década de 50, se fixando por um breve período e retornando logo depois à Bahia.

antiaéreo, fora do horário de expediente e sem autorização dos diretores. No mesmo ano criou o Grupo Maragogipe de Capoeira.

Sua participação num encontro ocorrido no Méier para selecionar os melhores capoeiristas da Zona Norte o obrigou a ter um atestado médico. Este exame foi realizado no departamento médico da fábrica onde conheceu Cosme, Mestre de Judô. Esta seleção o qualificou, em 1974, a jogar capoeira no bairro de Santana, cidade de São Paulo e Cosme o apresentou Jonas e Josimar Pedrosa, respectivamente diretor e vice-diretor do Colégio Barão de Mauá, em Xerém, onde passou a ministrar aulas de capoeira.

Ao sair desta fábrica ingressou no Estaleiro Ishikawajima do Brasil onde conheceu Walmir, aluno do Mestre Zé Pedro e Paulo Morfato aluno do Mestre Morfato. Após a insistência e seus amigos militares desligou-se da Ishikawajima em 1978 e reingressou na Marinha onde travou relações com mestres de capoeira, militares, ligados aos aparelhos de controle e repressão social: Paulão, Mintirinha, Korvo, Silas, Luiz Malhado e outros.

Em 1998 formou-se em História e em 2004 especializou-se em História Social do Brasil. Desde então tem sido reconhecido como Historiador da Capoeira, foi convidado para ministrar palestras em vários países, foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como Mestre Griô e um dos 100 mais representativos Mestres de Capoeira do Brasil, através do Prêmio Viva meu Mestre!

Raymundo Filho foi aluno do Mestre Josias da Silva.<sup>15</sup> Frequentou a academia de seu mestre, a Elite e a Zum Zum Zum, em Duque de Caxias. Juntamente do Mestre Levi frequentou as rodas do Mestre Khorvo, que ministrava aulas no Boêmios de Irajá e a Cruzeiro do Sul, em Jacarepaguá. Criou o Grupo Vermelho e atualmente mantém uma roda no Shopping Center. Assim como Mestre Gegê foi reconhecido pelo Ministério da Cultura através do Premio Viva Meu Mestre!

O Mestre Levi, Levi Tavares de Souza, foi um dos principais alunos de Mestre Barbosa. Frequentou a Academia de Josias da Silva onde encontrou Raimundo Filho, aluno que substituiu o Mestre em sua ausência. Filho de ferroviário, nasceu em 1957, na cidade de Campos dos Goitacazes. Durante a sua infância viveu na cidade de Macaé e depois, com 11 anos, chegou à cidade de Duque de Caxias instalando-se no bairro Pilar. Neste bairro aproximou-se de um praticante da capoeira conhecido por Jorge, com quem iniciou-se na prática da capoeira. Durante sua adolescência pensava em se tornar jogador de futebol, mas era estimulado por seu pai a seguir a carreira de motorista. Nesta academia conheceu Jurandir, Sinésio, Cícero Baltazar, Raminho, Ferrugem e Claudinei, conhecido como militar, que depois descobriu ser seu primo.

Em 1968 travou conhecimento com Mestre Barbosa, que o inicia no contexto da capoeiragem, frequentou a Academia de Josias da Silva, onde conheceu Mestre Raimundo Filho uma referência da capoeira na cidade de Duque de Caxias. Praticou a capoeiragem nas academias Zum Zum Zum e no “Festival de uma Corda Só”, realizado na concha acústica do Aterro do Flamengo, foi apresentado por Mestre Gegê ao Mestre Khorvo que na época era o presidente da Federação Carioca de Pugilismo, da qual a capoeira era filiada.

Foi convidado Mestre Khorvo a participar de uma competição organizada pela Federação Carioca de Pugilismo no Social Ramos Clube. Seu bom desempenho o levou a ser convidado a se associar à Associação de Capoeira Cruzeiro do Sul. Sendo liberado por Mestre Barbosa agregou aproximadamente

---

<sup>14</sup> Atual Fábrica Ciferal/Marco Polo, localizada no bairro Xerem.

<sup>15</sup> Era de São João de Meriti e foi aluno de Mestre Paulo Gomes.

60 praticantes da cidade de Duque de Caxias que o acompanharam. Eventualmente retornando à sua cidade natal praticava capoeira com Pavão e Dengo, que ainda não haviam atingido o mestrado. Na sua trajetória, frequentou algumas academias da Zona da Leopoldina, tornando-se uma referência no jogo iniciado por Pastinha. Em 1981 foi reconhecido como Mestre de capoeira.

Aldeci de Oliveira, o Mestre Monge, nasceu em 06 de julho de 1956. Foi iniciado na arte da capoeira em 1976 por Mestre Josias da Silva e quando atingiu seu Mestrado era ligado ao Mestre Raymundo Filho. Em 1984 Monge participa de alguns espetáculos, ainda no mesmo ano integra o grupo “Oju Oba Axé”, além de eventos organizados pelo Mestre Suassuna. Em 1985 pelas mãos do Mestre Raymundo Filho torna-se Mestre. Eventualmente participa das rodas de capoeira promovidas por outros mestres como: Raymundo Filho, Levi e Russo. Atualmente vem desenvolvendo seu trabalho no Bairro da Vila São Luís, sendo um dos mais antigos Mestres de Capoeira de Duque de Caxias. Atua também como mestre da roda da Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro, único Ponto de Cultura instituído pelo Governo Federal em Duque de Caxias, ministrando oficinas de capoeira para crianças e adolescentes.

Mestre Russo, batizado como Jonas Rebelo, nascido em 1956 no bairro da Penha – Rio de Janeiro, filho de uma família de nove filhos conseguiu concluir seus estudos até o antigo ginásio. Atuou na Academia Líder, onde foi aluno do Mestre Crioulo e no Center Clube, onde foi aluno do Mestre Barbosa, com o qual rompeu para praticar a capoeira em espaços públicos.

Em 1975 foi vencedor da semifinal do Torneio Estadual de Capoeira. Nesta época foi um dos fundadores da “Roda de Caxias” onde atua até hoje como mestre responsável. Atuou por muito tempo como Bombeiro Brigadista, antes de se dedicar por completo à capoeira. Nos anos 70 foi um dos egressos do grupo do Mestre Barbosa. Nesta década criou o “Grupo Feitiço” e, posteriormente o “Grupo Cosmos”. Foi um dos idealizadores da roda realizada na Praça do Pacificador que atualmente é conhecida por “Roda de Caxias”. É conhecido no meio da capoeira como o “Zelador” da “Roda de Caxias”. Em setembro de 2008 foi lançado o filme “O Zelador” que narra a sua trajetória de vida e a da “Roda de Caxias” e no mesmo ano lançou um livro autobiográfico.

## **A DITADURA MILITAR, A CAPOEIRA E A CIDADE DE DUQUE DE CAXIAS: ENTRE O CONTROLE, AS ACADEMIAS E A RUA.**

Na década em que os primeiros capoeiristas se instalaram em Duque de Caxias esta cidade se tornou Área de Segurança Nacional e, a partir de 1971, seus prefeitos eram militares interventores que cerceava ainda mais, a liberdade da população de Duque de Caxias. As manifestações populares sofreram rígido controle. Entre elas a capoeira. Este cerceamento relacionava-se a uma prática política a nível nacional.

Apesar de ser reconhecida como “luta brasileira” desde 1941<sup>16</sup> e como atividade desportiva pelo Conselho Nacional de Desportos desde 1972<sup>17</sup>, seus praticantes ainda carregavam um estigma imputado a eles desde o século XIX. Eram tratados pelos órgãos de repressão como como “marginais”, “vadios” e “vagabundos”.

---

<sup>16</sup> Lei Federal 3.199 de 1941.

<sup>17</sup> Deliberação 071 do Conselho Nacional de Desportos.

Em Duque de Caxias temos vários relatos sobre a ação policial. Dentre os Mestres que sofreram detenções e prisões destacamos o Mestre Russo, Popota, Caíta e outros praticantes. Muitas das vezes, para que as rodas funcionassem era necessária uma providencial “vaquinha” para convencer os policiais. Era comum também utilizar-se das rede de relações que perpassavam pela famílias influentes como a do Tenório Cavalcanti, do Juberlan de Oliveira, do Hydekel de Freitas, do Santos Lemos e a do Seu Antonio da Academia Lider; pelas relações com o jogo do bicho ou com políticos locais. Em outros casos alguns capoeiristas utilizavam de suas patentes e de relações que mantinham com as forças armadas e com as auxiliares como a do Mestre Gegê, com a Marinha e do Mestre Levi, com a Rede Ferroviária.

Em 1972, incentivado por parte da Confederação Brasileira de Capoeira, instituição controlada por militares de alta patente, foi criada uma Portaria que passou a vigorar em 1º de janeiro de 1973. Ela retirou a capoeira do Código Penal e incentivou o surgimento grupos formais. Ela possibilitou a prática da luta em academias e foram criadas escolas, associações e academias de capoeira e muitas atividades foram incentivadas pelo governo federal. Por outro lado sua prática em locais públicos e não institucionalizados, como ruas e praças, por grupos e pessoas não identificados, continuaram a ser reprimidos.

Como tentativa de controlar, identificar e cadastrar os capoeiristas, os militares organizaram o Encontro Nacional de Capoeiristas. Ele contou com a presença de Mestres de todo o país, foi realizado em 1969, na Vila Militar - Campo dos Afonsos - cidade do Rio de Janeiro. Após este encontro muitos deles filiaram-se à Federação de Pugilismo e passaram a portar documentos de federados, podendo exercer funções semelhantes às de professores de Educação Física.

Foi determinado que apenas as associações e academias cadastradas poderiam difundir a prática da capoeira, além de limitar a sua instrução àqueles Mestres que nele haviam sido cadastrados. Certamente, a cidade de Duque de Caxias, sob intervenção militar, seguiu à risca a nova determinação. Muitos capoeiristas, a partir da institucionalização, puderam instalar-se em academias da cidade, ou da Zona da Leopoldina, ou criando suas associações.

Das academias que passaram a ter a prática da capoeira podemos destacar a de Waldyr Salles<sup>18</sup> que funcionava em São João de Meriti. Já em Duque de Caxias em 1972 foi criada a Zum-Zum-Zum<sup>19</sup> por Mestre Barbosa em 1974 a Academia Josias da Silva<sup>20</sup>. A Academia Lider<sup>21</sup>, uma das mais tradicionais da cidade, a Estilo<sup>22</sup>, o Clube Recreativo Caxiense e o Center Clube também abrigaram rodas no modelo acadêmico que, em quase sua totalidade, eram organizadas por Mestre Barbosa.

A Zum Zum Zum já contava com a colaboração de Durão, Silva, Lessa, Quinho, Daniel<sup>23</sup>, Barba Branca, Barbarral, Paulo Brasa<sup>24</sup> e Rubens. Por ela também passaram Moraes<sup>25</sup>, Rogério<sup>26</sup>, Levi, Russo,

---

<sup>18</sup> Funcionava na Avenida Nossa Senhora das Graças, 1102 – Centro – São João de Meriti. Mestre Salles foi aluno de Arthur Ermidio e atualmente reside em Minas Gerais. Em sua academia recebia mestres oriundos do Rio de Janeiro como Paulão, Silas, Grande, Periquito, Tragota, Zé Pedro e Khorvo.

<sup>19</sup> Academia Zum Zum Zum,, pertencente ao Mestre Barbosa, foi criada em 1971 e se dedicava exclusivamente à prática da capoeira e se localizava próximo à avenida Nilo Peçanha.

<sup>20</sup> Ela funcionava na Associação de Imprensa de Duque de Caxias/Associação Fluminense de Imprensa, no subsolo do Centro Comercial denominado “Shopping Centre de Caxias”

<sup>21</sup> A Academia Lider foi criada em 1954 e seu nome está ligado a uma fábrica de sinuca e a um cinema que tinham este nome e pertenciam a sua família. Ela se localizava na Avenida Presidente Kennedy, em frente à Fortaleza de Tenório Cavalcanti onde atualmente está localizada uma rodoviária e depois foi transferida para a Rua José de Alvarenga. Ela pertencia a “Seu” Antonio, baiano, incentivador da capoeira na cidade.

<sup>22</sup> A Academia Estilo funcionava na Rua Nilo Peçanha na esquina com a Rua José Veríssimo.

<sup>23</sup> Atualmente é advogado e abandonou a capoeira.

<sup>24</sup> Atualmente é diletante pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Marcos<sup>27</sup> entre outros. Sobre ela Mestre Milton<sup>28</sup> diz que ele, Rogério, Valmir<sup>29</sup>, Gelson, Peixe, Velho, Daniel Barbarral freqüentaram a academia do Mestre Barbosa e por não terem recursos para pagar as mensalidades e adquirem uniformes cuidavam da limpeza e faziam as inscrições dos novos alunos.

Exemplificando o tradicionalismo deste período e a influencia da ideologia militar Mestre Milton diz que os alunos das academias os olhavam de forma diferente e os Mestres diziam “não, não vai jogar não! Tá sem uniforme! Então a gente tinha que pegar emprestado dos outros alunos.”<sup>30</sup> Na “Zum, Zum, Zum” mestres Levi, Pita e Jefinho, iniciantes, se revezavam no aquecimento dos alunos novos, na execução dos primeiros golpes e movimentos e na afinação dos instrumentos.

Nas memórias dos Mestres são recorrentes as referências ao Mestre Paulo Gomes, da Academia Arthur Emídio, em Higienópolis; ao Mestre Waldyr Salles<sup>31</sup>, de São João de Meriti e que atualmente retornou à Minas Gerais; à Academia Guaiamuns Nagoas, do Mestre Zé Pedro, localizada em Bonsucesso; e às rodas organizadas por Mestre Leopoldina na região do Cais do Porto, às rodas da Central do Brasil, do Canecão, do Cosme Velho, Santa Tereza e as do coreto da Quinta da Boa Vista.

Apesar do controle por parte do regime militar alguns praticantes da cidade, na contramão da institucionalização, preferiram introduzir os fundamentos da capoeira em sua forma original, mantendo-se à margem do controle social determinado pelos generais. Como em toda a história da capoeira, os ânimos e conflitos, não se desenvolveram diferentemente em Duque de Caxias, onde facilmente podiam ser percebidas as diferenças, sobretudo, entre os capoeiristas federados e aqueles que optaram por a praticarem de forma mais livre. Havia também muita rixas e divergência devido às questões ideológicas e geográficas.

Entre estas divergências entre 1976 e 1977 podemos citar a visita que a Zum-Zum-Zum recebeu de alguns capoeiristas da região da Leopoldina da cidade do Rio de Janeiro, já federalizados e com uma visão marcial de sua prática, comportando-se de forma superior na tentativa de desmobilizar os capoeiristas da Baixada. Entre eles destacavam-se Touro, da Penha, Crioulo e Milton do Parque União; Paulinho Godói, da Vila da Penha, Silas, de Cordovil; e Paulão e Mintirinha de Bonsucesso que possuíam um jogo extremamente violento. Nas academias quem os recebia maliciosamente era Mestre Barbosa. Já nas ruas se recorria à força física e a habilidade do Mestre Marcão, na época este era paraquedista do exército e com bom porte físico e habilidade na capoeira. No imaginário da capoeira na cidade de Duque de Caxias também é marcante as divergências ocorridas, em 1978, Mestre Barbosa e Mestre Camisinha.

Uma outra divergência pode ser verificada nas restrições impostas àqueles que não aceitaram as regras acadêmicas e impostas pela Confederação de Pugilismo do Rio de Janeiro, que queriam a prática de uma forma organizada, com uniforme, cordas que simbolizassem a formação e a hierarquia e outras indumentárias estabelecidas no encontro de Campo dos Afonsos. Coadunada à ideologia do

---

<sup>25</sup> Mestre Moraes, que residiu por um período na casa de Mestre Barbosa, trabalhou no Metrô do Rio de Janeiro e atualmente reside na cidade de Salvador. Criou o Grupo Capoeira Angola do Pelourinho. Foi um dos maiores incentivadores para que os mestre da cidade se apresentassem no exterior.

<sup>26</sup> Mestre Rogério reside na Alemanha onde mantém uma roda de capoeira, é músico e participa de uma banda de reggae.

<sup>27</sup> Mestre Marcão nos anos 70 e 80 viajou pelos Estados Unidos se apresentado artisticamente com o espetáculo “Oba, Oba!”, promovido por um empresário francês. Após um acidente que lhe afetou o joelho passou a se dedicar ao comércio.

<sup>28</sup> Nesta época Milton estava no exército e era campeão de salto em altura, de salto à distância e da corrida de cem metros e atualmente é funcionário da FIOCRUZ.

<sup>29</sup> Mestre Valdir reside em São Paulo onde é delegado de polícia.

<sup>30</sup> Depoimento concedido ao Mestre Gegê e a Antonio Augusto Braz.

<sup>31</sup> Foi o capoeirista pioneiro em São João de Meriti, freqüentou as rodas de Zé Pedro e em sua academia tinha a seguinte inscrição que “quem entrasse numa roda de capoeira e dissesse que nunca havia apanhado era um mentiroso”

período as cordas que os capoeiristas portam à cintura foram numeradas de um a dez, elas recebiam as cores da bandeira brasileira, que misturadas ou não, simbolizavam a graduação dos Mestres.

Antes da regulamentação, o ritual de reconhecimento de um novo mestre baseava-se na autorização ou no convite feito ao iniciante para participar de uma roda de confraternização com os mais antigos, ou pelo reconhecimento demonstrado pela valentia do indivíduo nas rodas. Após a regulamentação passa a prevalecer a graduação e o símbolo da troca de cordas, o que de fato possibilitou o controle mais rígido sobre os capoeiras provocando entre eles um dissenso e a obrigatoriedade de se buscar novos espaços de sociabilidade.

Podemos destacar também que, enquanto nas academias se valorizavam a rigidez da preparação física e das músicas reverenciavam os heróis nacionais apontados pela ideologia militar assim como as datas cívicas, nas ruas as canções valorizavam o passado do negro e aspectos da cultura popular.

Aqueles que por motivos variados foram afastados das academias ocuparam o espaço livre para sua prática. Desta forma em 1973 surgiu uma roda de capoeira na Praça do Pacificador que mantém sua tradição até os dias atuais. Durante um período esta roda foi paralisada e após uma reunião realizada durante a Festa da Penha, com a presença de vários capoeiristas de Duque de Caxias decidiu-se que cada Mestre organizaria uma roda por sábado. Cabendo ao Mestre Levi realizá-la no primeiro sábado do mês na Praça do Relógio. A partir desta iniciativa surgiu a “Roda de Caxias” organizada por Mestre Russo na Praça do Pacificador e, no ano seguinte, criaram o Grupo Feitiço<sup>32</sup> e o Mestre Gegê criou o Grupo Maragogipe de Capoeira.

A “Roda de Caxias”, após exaustivas investidas dos praticantes ligados às academias e dos responsáveis pelo “controle social”, recebeu a recomendação de ser realizada aos sábados após as 20 horas com a justificativa de não atrapalhar o comércio. Por atuarem nas ruas e praças da cidade eram constantemente provocados por capoeiristas de outras regiões e incomodados pelas forças de controle social. Nas rodas realizadas por este grupo havia muitas contendas entre eles e os capoeiristas da Zona da Leopoldina. Muitos de seus membros tiveram como destino a 59ª Delegacia de Polícia ou o 15º Batalhão da Polícia Militar.

Apesar dos atritos entre eles e os ditos “acadêmicos”, eventualmente a roda recebia a visita de Mestres federados, como Khorvinho, Camisinha do Rio de Janeiro e de Gege, Ganga Zumba, Pedrinho, Muca e Pita de Duque de Caxias. Havia momentos que, mesmo com as divergências, ocorria uma certa unidade, como podemos ver na relação que mantiveram com a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Grande Rio.

Convidados a desfilarem no carnaval da escola, receberam fantasias para desfilarem. Para participarem do desfile os capoeiristas receberiam um recurso financeiro. Como a escola não pagou antecipadamente os capoeiristas não desfilaram e não devolveram as fantasias, conseqüentemente, foram perseguidos pelos integrantes daquela agremiação carnavalesca. O conflito generalizado se espalhou pelas ruas do centro da cidade e só foi interrompida com a ação armada de Mestre Cobra Mansa e com a prisão de representantes de ambos os grupos.

Seguindo a linha da institucionalização, nos anos 80 e 90, Mestre Levi criou a Associação de Capoeira Casa do Engenho, Mestre Raimundo criou o Grupo Vermelho e Mestre Russo fundou o Grupo Cosmos.

---

<sup>32</sup> Deste grupo surgiu a “Roda de Caxias”, o Grupo Cosmos de Capoeira e a Roda da Praça do Relógio.

A Casa do Engenho tem sua origem ligada à Associação de Capoeira Cruzeiro do Sul, fundada nos anos 70, sediada no Rio de Janeiro e comandada por Mestre Khorvo. Além de Levi, este Mestre foi responsável pela formação de outros capoeiristas de Duque de Caxias. Em 1986 houve o falecimento de Khorvo e, em sua homenagem, dez anos após a sua morte, em 1996, Levi cria a Associação de Capoeira Casa do Engenho e por ela Mucunguê Baiana, Leopoldina, Anzol, Travassos, Milton, Pelé e Dominginhos atingiram o Mestrado<sup>33</sup>.

Nos anos 80 muitos mestres e praticantes de capoeira instalaram-se em áreas afastadas do centro da cidade e lá mantiveram a tradição. Dentre eles podemos destacar Mestre Ganga Zumba, que atuava em Santa Cruz da Serra e Jorge Coca, seu aluno, que atuava em Frango Dourado e Santa Cruz da Serra.

Na segunda metade da década de noventa, com a capoeira em plena difusão, percebe-se a construção de uma interface entre Duque de Caxias e o cenário internacional. Aqueles jovens que ingressaram na capoeiragem na década de 70, em média com 15 anos de idade, começaram a alçar novos vôos, tornando-se seus representantes oficiais no exterior. Neste sentido, destacamos Cobra Mansa<sup>34</sup> e Jurandir que se instalaram nos Estados Unidos, Rogério na Alemanha, Pedrinho na Argentina e posteriormente no México e Marcão e Borracha nos Estados Unidos.

Dos Mestres que se iniciaram nas rodas de Duque de Caxias e que fizeram “volta do mundo” destacam-se: Angoleiro<sup>35</sup>, Angolinha<sup>36</sup>, Caita, Camaleão<sup>37</sup>, Gato, Jurandir<sup>38</sup>, King<sup>39</sup> e Pedrinho<sup>40</sup>.

O meio universitário voltou o seu olhar também para estas rodas e seus mestres pesquisando-os e convidando-os a se apresentarem como palestrantes em diversos encontros. Esta circulação de saberes empoderou os Mestres, incentivando-os a atuarem de forma propositiva em relação ao poder público municipal e ingressarem nos cursos de graduação.

De certa forma, as rodas que se mantiveram nas ruas e incorporaram praticantes que não frequentavam as academias contribuíram para manter algumas tradições da capoeira tais como a escolha da madeira para confeccionar os berimbaus e o manterem na cor original, a tradição oral das rodas, o culto à memória dos capoeiristas mais antigos, os rituais de iniciação e de passagem e a solidariedade entre seus membros.

## LUGARES DE MEMÓRIA E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DA CAPOEIRA.

Existem vários locais e eventos da cidade de Duque de Caxias que permeiam o imaginário social dos Mestres as relações que mantém com alguns lugares de memória. Uma ocasião valorizada na memória de Duque de Caxias é a Festa de Santo Antonio, quando acontecia a Feira da Comunidade. Nas décadas de 70 e 80, no meio de tanto movimento e transeuntes, longe das vistas da repressão,

---

<sup>33</sup> Mestre Dominginhos reside em Nova Campinas.

<sup>34</sup> Instalou-se em Washington onde criou a Confederação Internacional de Capoeira Angola (FICA) da qual é presidente.

<sup>35</sup> Se instalou na Bahia.

<sup>36</sup> Mantém uma roda na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

<sup>37</sup> Estabeleceu-se na França.

<sup>38</sup> Reside atualmente na Califórnia, Estados Unidos.

<sup>39</sup> Esteve em vários países da Europa e da Ásia.

<sup>40</sup> Foi iniciado por Mestre Caiçara, do Gramacho, e atualmente reside no México.

era comum a realização das rodas organizadas por Mestre Barbosa<sup>41</sup>, na atual Rua Manoel Telles ou nas adjacências da Igreja. A aproximação dos capoeiristas dos agentes do controle e da repressão e de representantes de frações da elite local garantia, sem maiores transtornos, a realização das rodas.

Independentemente da Festa de Santo Antônio, os capoeiristas utilizavam uma estratégia para despistar a busca militar, e conseqüentemente, evitar a repressão. Eles não possuíam local certo para a roda, geralmente variavam as ruas e praças, além disso, alguns deles costumavam utilizar a identificação de militar, de federado ou associado de alguns praticantes ou simplesmente “agradavam” os repressores recolhendo entre eles um pequeno valor em dinheiro para repassar aos policiais.

Nos anos 70 alguns espaços da cidade de Duque de Caxias, tornaram-se espaços de grande relevância no contexto da capoeiragem, isto é, foram espaços que garantiram a troca de experiência e a sociabilidade entre os capoeiristas. Entre aqueles mais frequentados, merecem destaque a tradicional Praça do Pacificador, o Bloco Carnavalesco “Sai Como Pode”, com sede localizada no bairro Centenário, o “Morro de Leão” e o “Bar Berimbau”<sup>42</sup>, este último, após a realização das rodas, era considerado o espaço predileto onde os capoeiristas conversavam, descontraíam, bebiam cerveja ou cachaça, petiscavam e, obviamente, falavam dos acontecimentos mais recentes da última roda.

Nos anos 80 a Praça do Pacificador e as casas dos Mestres Milton<sup>43</sup> e Peixinho tornaram-se referências para os capoeiristas e a Casa do Engenho iniciou sua tradicional roda na Praça da Emancipação, conhecida como Praça do Relógio.

Atualmente os locais que mais aglutinam capoeiristas são a “Roda de Caxias”, conhecida como a roda do Mestre Russo, realizada sob a Biblioteca Leonel Brizola; a Roda da Associação de Capoeira Casa do Engenho, conhecida como a “Roda do Mestre Levi”, realizada na Praça do Relógio; a “Roda do Mestre Monge”, no Ponto de Cultura Lira de Ouro; a “Roda do Mestre Raimundo Filho”; o bar em frente ao Colégio Marcos Freitas e o bar do Mestre Marcos.

Fora de Duque de Caxias os espaços de sociabilidade dos capoeiras eram os arredores da Igreja da Penha, principalmente o Parque Ari Barroso; Bonsucesso, Cinelândia, o coreto da Quinta da Boa Vista, Central do Brasil e a região das Docas, a estiva. Foi ali que Barbosa e Gegê tornaram-se amigos de Mestre Leopoldina. Algumas dessas rodas, de certa forma, tornaram-se fonte de renda dos capoeiristas. Essas trajetórias percorridas entre um lugar e outro, marcaram alguns capoeiristas como andarilhos mas também, segundo os Mestres mais antigos, serviam como um forte aprendizado, necessário para a formação dos iniciantes.

São recorrentes na memória coletiva os desfiles realizados pela Estação Primeira de Mangueira e pela Vila Isabel, as participações no filme “Quilombo”, nas novelas “Bebê a Bordo”, “Verão Vermelho” e “Tocaia Grande” e nos espetáculos promovidos por “Sargentelli e suas Mulatas” e o “Oba! Oba!” no Brasil e no exterior; as apresentações no Teatro Municipal do Rio de Janeiro; o CD “Velha Guarda da Capoeira” e o encontro de capoeiristas realizado, nos anos 80, no Teatro Procópio Ferreira<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> A Feira da Comunidade é realizada no mês de junho, nas comemorações de Santo Antonio Padroeiro da cidade. Ela é composta por várias barracas de salgados, doces e guloseimas, montadas ao longo da Avenida Presidente Kennedy e que, nas décadas mencionadas, ocupavam a Praça do Pacificador. Terminava na esquina com a Rua Dr. Manoel Telles.

<sup>42</sup> Este bar localizava-se na Avenida Plínio Casado, próximo ao atual Mercado do Produtor, no prédio que abrigava o Supermercado Champion.

<sup>43</sup> No bairro de Campos Elíseos e na Rua José de Alvarenga respectivamente.

<sup>44</sup> Este teatro localiza-se no quarto andar da Câmara Municipal e Duque de Caxias e atualmente encontra-se interditado.

## A AFIRMAÇÃO DA CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL NACIONAL E SUA VISIBILIDADE EM DUQUE DE CAXIAS.

No início do novo milênio a prefeitura de Duque de Caxias reorganizou o seu Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural que, em pareceria com o Conselho Municipal de Cultura, incentivou a identificação e registro dos Mestres de Capoeira da cidade e a divulgação das rodas que organizavam.

Estas iniciativas se coadunaram às políticas públicas implementadas pelo Ministério da Cultura na gestão de Gilberto Gil, com a valorização das culturas populares através de programas, ações e prêmios. Em relação à capoeira foi criado o Programa Capoeira Viva, seu levantamento e registro no livro de saberes e fazeres do IPHAN e o Prêmio Viva Meu Mestre!

Em 2007, através do Projeto “Capoeira: Cultura, Tradição e Resistência”<sup>45</sup>, apresentado ao Capoeira Viva pelo Grupo Maragogipe de Capoeira, com o apoio do Ponto de Cultura Lira de Ouro, seis escolas municipais foram atendidas e em duas delas, a Regina Celi Cerdeira e a Barro Branco, os Mestres desenvolveram metodologias para atuarem com estudantes com Síndrome de Down e surdas.

Foi realizado o I Encontro Municipal de Capoeiragem de Duque de Caxias e um dos Mestres participou da elaboração e divulgação do segundo edital do Programa Capoeira Viva, realizado na Teia da Cultura em Belo Horizonte. Do encontro municipal surgiu a comissão de organização, formada por Mestres, da Liga Municipal de Capoeira de Duque de Caxias e através da parceria com o Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural foi conquistada uma sala<sup>46</sup> para abrigá-la.

Neste mesmo ano Mestre Gegê foi convidado a acompanhar o Ministro da Educação e dos Esportes da Austrália em sua visita ao Brasil e depois foi convidado a visitar aquele país que pretende inserir oficialmente a capoeira em seu sistema educacional. Ao longo de 2009 e 2011 viajou várias vezes à Europa expondo seu conhecimento sobre a tradição da capoeira e reconhecendo Mestres que estavam se formando.

Em 2008 os Mestres Barbosa, Gegê, Levi e Monge foram reconhecidos como Mestres Griôs pelo Ministério da Cultura e se inseriram na Ação Griô Nacional. Participaram das Teias da Cultura realizada em Belo Horizonte e em Brasília e dos encontros regionais da Ação. No mesmo ano foi realizado no Teatro Municipal Raul Cortez o “IV Encontro: Capoeira como Patrimônio Imaterial”, promovido pelo IPHAN e coordenado pela UFF. Este encontro inseria-se no Programa Capoeira Viva e tinha por objetivo divulgar o processo de inventariação e registro da capoeira como Patrimônio Cultural Brasileiro e teve Mestre Russo como um dos palestrantes.

Foi a primeira vez que este espaço, o Teatro Raul Cortez, abriu-se para uma discussão de política pública direcionada à cultura popular e, onde pela primeira vez, muitos capoeiristas “ouviram dizer” que estava sendo desenvolvida uma política pública nacional para a difusão e fruição da capoeira e reconhecimento de seus Mestres. A presença destes e a temática do evento em questão sinaliza e também referencia esse novo momento de revitalização da identidade desta manifestação cultural.

Ressaltamos também como ação positiva a presença dos Mestres na peça “Água de Beber”, apresentada no Teatro Raul Cortez, que para alguns deles foi a primeira oportunidade que tiveram para entrar em um espaço cultural dessa natureza, apontando para a eficácia das ações que estão embasadas na idéia de Democracia Cultural.

---

<sup>45</sup> O relatório desta foi publicado na Revista Pilares da História virtual – cmdc.rj.gov.br.

<sup>46</sup> Esta sala localiza-se no Centro de Culturas Populares, na sobreloja do Restaurante Popular, no Shopping Center. Rua Frei Fidélis, s/n, Centro – Duque de Caxias.

No final deste ano foi lançado, no mesmo teatro, o filme “O Zelador” que trata da trajetória do Mestre Russo. Ao mesmo tempo a “Roda de Caxias” e a “Roda do Mestre Levi” tornaram-se reconhecidas mundialmente entre as mais importantes realizadas em locais públicos.

Em 2009 a TV Brasil, dentro do programa “Cultura Ponto a Ponto”, registrou uma roda de capoeira no Ponto de Cultura Lira de Ouro, organizada por Mestre Monge, que reuniu todos os Mestres de Duque de Caxias e alguns da Baixada Fluminense, além de centenas de praticantes.

O Mestre Barbosa, depois de longo tempo mergulhado num ostracismo que o afastara das rodas, talvez desanimado pela indiferença e falta de reconhecimento, voltou a frequentá-las viajando por várias cidades do Rio de Janeiro e de outros estados. Agora reconhecido como Mestre Griô, foi convidado a fazer palestras sobre o seu papel na Ação, bem como, a divulgação de sua experiência e trajetória de vida. Foi entrevistado<sup>47</sup> pelo Museu da Pessoa e por vários outros meios de comunicação e participou de várias discussões sobre o Inventário Nacional da Capoeira.

O lançamento de um livro autobiográfico e do filme “O Zelador” e as constantes viagens à Europa – Israel, Finlândia e Estados Unidos – lançaram a “Roda de Caxias” pelo mundo e deram visibilidade ainda maior à capoeira cidade á medida que muitas pessoas destes países passaram a visitá-la.

A constante presença de Mestre Levi na Secretaria Municipal de Cultura e ao acúmulo de informações adquiridos nas Teias e nos encontros regionais o levou a se candidatar ao Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial e Étnica e Wallace, praticante de capoeira, a ocupar a cadeira de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural do Conselho Municipal de Cultura.

Em 2010 o Ministério da Cultura, através do “Prêmio Viva Meu Mestre”, que reconhece a importância Mestres de Capoeira com mais de 55 anos de idade, posicionou Mestres Gegê e Raimundo Filho entre os cem mais importantes.

Esse processo de formação política e intervenção social pode ser apreendido pela fala do Mestre Levi: “não gosto que me chamem pelo nome. Gosto que me chamem de Mestre. Mestre Levi. Demorei muito tempo para chegar até aqui.” Acreditando que o aprendizado é dialógico, interativo e transformador seguimos o que diz Mestre Nogueira: “Capoeira encanta quem vê. Fortalece quem pratica” pois “viver para a capoeira não foi fácil mas que valeu a pena!”.

Mesmo após estes avanços o atual Departamento de Patrimônio Histórico e Cultura da Secretaria Municipal de Cultura desconhece estas iniciativas, não se coaduna às discussões nacionais, e volta a tratar as manifestações da cultura popular, particularmente a capoeira, como folclore. A Secretaria Municipal de Educação encontra dificuldades em implementar a Lei 10.639 e reconhecer que o segmento cultural, representado pela Liga Municipal de Capoeira, seja o mais organizado, o mais próximo das atuais práticas pedagógicas que indica que os espaços educativos devem possuir atividades culturais e que a capoeira possui uma tradição de educação não-formal.

---

<sup>47</sup> Esta entrevista encontra-se disponível no site do Museu da Pessoa e parte dela encontra-se no site da Ação Griô – nacaogrio.org.br.

## BIBLIOGRAFIA

ATA de fundação da Associação Maragogipe de Capoeira. 29.05.1997.

DAVID, Fátima Bitencourt. MARQUES, Alexandre dos Santos e A importância das palavras, das histórias e da comunicação oral. A Ação Griô Nacional em Duque de Caxias. In: **Nação Griô: O parto mítico da tradição oral brasileira**. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2009.

CAPOEIRATIVA. **O Jornal Cultural da Liga Caxiense**. Janeiro, 1999.

CASTRO, José. **Gira Roda**. Salvador, 06.10.2005.

DAVID, Fátima Bitencourt. MARQUES, Alexandre dos Santos. RUFINO, Márcia Motillo. Menina, quem foi seu mestre? Corporalidade, musicalidade e pesquisa: Possibilidades no fazer da formação docente. In: **PEREZ, Carmen et al Memórias e Patrimônios: Experiências em formação de professores**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

ESTATUTO, da Associação Maragogipe de Capoeira.

LEMOS, Santos. **Sangue no 311**. Rio de Janeiro: Reper, 1967.

\_\_\_\_\_ **O Negro Sabará**. Rio de Janeiro: Destaque, 1977.

\_\_\_\_\_ **Os donos da cidade**. Rio de Janeiro: Caxias Recorte, 1980.

MARQUES, Alexandre dos Santos. **Relatório Capoeira Viva. Capoeira: Cultura, Tradição e Resistência**. Duque de Caxias, 2007. cmdc.rj.gov.br.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo, Brasiliense.1994.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador, Itapuã. 1968.

RUSSO, Mestre de Caxias. **Capoeiragem: expressão da roda livre**. Rio de Janeiro. Ed. Impresso, 2005.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808- 1850)**. Campinas. Editora da Unicamp, 2004.

\_\_\_\_\_ **A negregada instituição: Os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Coleção Biblioteca Carioca, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Depto. Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

VELHA Guarda da Capoeira e convidados lançam CD histórico em Duque de Caxias. In: **Capoeirativa. A Revista Cultural da Liga Caxiense de Capoeira**. Duque de Caxias: Janeiro, 1999.

## LEIS E DECRETOS

Lei Federal 3.199 de 1941.

Deliberação 071 do Conselho Nacional de Desportos.

## ENTREVISTAS:

- **Mestre Russo**. Entrevista concedida a Antonio Augusto Braz e ao Mestre Gegê.
- **Mestre Marcão**. Entrevista concedida a Antonio Augusto Braz e ao Mestre Gegê.
- **Seu Antonio**. Entrevista concedida ao Antonio Augusto e Mestre Gegê.
- **Mestre Levi**. Entrevista concedida a Alexandre Marques e a Leonardo Simião.
- **Mestre Monge**. Entrevista concedida a Alexandre Marques e Bender Arruda
- **Mestre Naval**. Entrevista concedida a Alexandre Marques e a Leonardo Simião.
- **Mestre Dominginhos**. Entrevista concedida a Alexandre Marques e Leonardo Simião.
- **Mestre Barbosa**. Entrevista concedida ao Museu da Pessoa.



## Município de Duque de Caxias

